FON FON
ANNO XXVI — N.º 30
Rio, 23 de Julho de 1932
— PREÇO: 1$000 —

Incomodos...

Melancolia . . . Desanimo . . . Angustia . . . Vertigens . . . Dôr de cabeça . . . Mal estar geral . . .

As molestias das senhoras se aliviam de forma facil, rapida e segura, com o analgesico ideal:

Cafiaspirina

o remedio de confiança

A CAFIASPIRINA é igualmente eficaz para as **nevralgias, enxaquecas, dôres de dentes, reumatismo, dôres de ouvidos, resfriados,** etc.

Alivia rapidamente as dôres, sem prejudicar o organismo, antes restituindo-lhe o vigor e o bem estar.

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

MARIDOS MODERNOS

Por GILBERTO VEIGA

— Psiu! Psiu!

Muitas cabeças se voltaram e, dentre ellas, a do dr. Firmo Nogueira. Era o interpellado. Chamava-o, semcerimoniosamente, uma moça de 22 a 23 annos presumiveis, desenvolta, olhar penetrante, elegantemente vestida de negro, tendo á altura do peito uma camelia artificial, destacando-se como uma gotta de leite num movel laqueado de charão japonez.

— Como passa, Jeanette? — interrogou, atabalhoadamente, o dr. Firmo.

— Como passo! Como queria você que eu passasse?! Muito bem, provavelmente! O seu procedimento, Firmo, é francamente canalha!

— Você me aterra! Si não lhe tenho ido falar, si não lhe tenho telephonado, como desejava, é porque...

— Não admitto explicações! Estou farta das suas desculpas mentirosas e das suas labias!

O dr. Firmo, que se perturbára com a presença inesperada de Jeanette, emquanto ella desabafava, ia recobrando o sangue frio, a fleugma de homem conquistador afeito a essas escandalosas scenas de ciume e despeito. E, com um sorriso desdenhoso a lhe arquear os labios acobertados pelo bigode negro bem tratado, ouvia impassivel a recriminação da amante.

— Si eu soubesse, antes, o cafajeste que você é! Confiei nas suas palavras de fôgo, no seu "amor eterno", no seu desejo de "lião enfurecido"! E, como uma ingenua de 16 annos, entreguei-me de corpo e alma ao seu amôr bestial, amôr que morreu depois do primeiro beijo, esquecendo os meus sagrados deveres de senhora casada e o affecto puro, immaculado da minha filhinha. Por sua causa, pela sua odienta insistencia, abusei da dignidade, da confiança de meu marido exemplar, de meu esposo bom, que me tem na conta da mais honesta mulher que o sol cobre, e manchei a minha consciencia, até então, pura como as aguas de um ribeiro no seio da floresta.

— Escuta, Jeanette. Não lhe fica bem uma discussão desta natureza em plena rua Gonçalves Dias. Pode manchar a sua reputação esta demonstração publica de amôr contrariado. Venha ao meu escriptorio e conversaremos como bons amigos, como velhos camaradas que somos.

E os dois, lado a lado, elle sem dizer palavra, ella falando por quantas veias tinha, seguiram até a rua do Rosario e subiram num bonito elevador enfeitado de espelhos. Pararam no quarto andar. Entraram numa sala de espera, sobriamente mobiliada e desta para um gabinete cheio de livros e de poltronas de couro allemão que convidavam ao macio aconchego. No centro do gabinete, um "bureau" com grande tampo de crystal, pejado de papeis e ornado de bellas flôres naturaes. O apparelho telephonico, pequeno e moderno, o transmissor das idéas, o cumplice inconsciente das grandes tragedias humanas e da realização de grandes desejos, sobre uma mezinha de ébano, parecia concentrar-se em scismas. Em toda a parte andava a meticulosidade, o asseio de creados capriehosos e patrão exigente.

Sentados, "tête-à-tête", os dois conversavam. Jeanette tinha as mãos nas mãos do dr. Firmo e os olhos pregados nos olhos delle. Não parecia a mesma creatura esbravejadôra de havia pouco. Suspensa aos labios do amante verboso, ouvia-o extasiada, amollecida, o peito arfante, o olhar quebrado de volupia, entregue inteiramente ao abandono de si mesma, quando o telephone tilintou, nervoso, fazendo-a mergulhar, de subito, na realidade. O advogado, sem despregar-se da amante, puxou para si a mezinha de rodas e attendeu.

* * *

Firmo Nogueira era um homem de pouco mais, pouco menos de quarenta annos, robusto, muito sympathico, quasi bonito, moreno trigueiro, bôcca bem feita, olhar magnetico, dentes claros e fortes. Advogado rico e sem a preoccupação de causas a defender. Casado com uma senhora muito bonita e dez annos mais nova que elle. Dado a aventuras galantes, usava optimas roupas e capitosos extractos. Seu gabinete de trabalho, — sua "banca de amores", como o chamava, — era mais visitado por lindas pernas torneadas, forradas de meias de sêda transparente, que por clientes assustadiços.

Jeanette fôra uma das suas ultimas conquistas. Certa manhã, lendo os matutinos diarios, deu ella com esse suggestivo annuncio: "Dr. Firmo Nogueira, advogado, trata de questões intimas entre os esposos, (ciumes fundados ou infundados) com toda diplomacia e absoluto sigillo, fazendo voltar, em pouco tempo, ao lar em desharmonia, a paz e a felicidade, sem desquite ou quaesquer outras questões de Tribunal". Em seguida rua e numero, hora em que deveria ser procurado, etc., etc.

A moça leu muitas vezes essa "reclame" e, achando-a interessante e curiosa, recortou-a do jornal, metteu-a na carteira fina e, á tarde, á hora do chá, foi ao "consultorio" do "homem milagroso".

Queixára-se, — pura invencionice de mulher abelhuda, porque, embora o marido fosse um bilontra de "marca superior", era ladino como uma raposa, — do desprezo do esposo, da suspeita de que este mantinha novas relações amorosas e outras "cositas más". O advogado ouviu-a calmamente, devassando-lhe as linhas do corpo bem feito com olhares perscrutadores; em seguida tomou-lhe o nome, a residencia, o numero do telephone e disse-lhe que ia estudar o "caso".

Na manhã seguinte, um telephonema prendia Jeanette ao apparelho, e ouvia do dr. Firmo palavras amaveis, adocicadas, vagos pedidos de informações sem nexo, muitos conselhos, e, dentre estes, o salutarissimo de que, "a melhor maneira de vingar-se do desprezo é o proprio desprezo." "Amôr com amôr se paga" — lá diz o adagio. E, por que não outro sentimento?

Jeanette começou por ter médo daquelle homem e terminou por achar de muito mau gosto a sua curiosidade, a sua brincadeira, a sua velleidade. Mas, o facto é que os telephonemas do dr. Firmo se repetiam diariamente, á mesma hora, com uma pontualidade chronometrica, uma pontualidade ingleza. Jeanette recusava-se, porém

(Continúa na pag. seguinte)

ptoriamente, aos convites do bacharel, mas, não tinha forças para fugir á campainha telephonica. E o resumo nos recorda aquelle proverbio da sabedoria popular: "Agua molle em pedra dura..."

Sem saber "como foi aquillo", certa tarde muito linda, ella se encontrou nos braços do dr. Firmo e sentiu o calor dos seus labios...

* * *

O marido de Jeanette, Paulo de Sousa, um rapagão de vinte e oito annos, forte, por um desses caprichos inexplicaveis do destino, conhecêra, na piscina de um club elegante de natação e regatas, a mulher do dr. Firmo de Andrade, que, como já dissemos, era invulgarmente bella. Olharam-se, gostaram-se, entenderam-se e... amaram-se. Foram mais summarios, mais rapidos. O amôr não admitte, — pensamento delles, — meias palavras, nem indirectas. Cobravam, assim, marido e mulher, inconscientemente, mutuamente, o tributo que lhes era devido...

E os "dois pares" se illudiam, se trahiam e viviam sobremodo felizes.

O que os olhos não vêem...

* * *

Ouçamos parte do dialogo entabolado entre o marido de Jeanette, o Paulo, e a mulher do dr. Andrade, que, num appartamento elegante, na rua das Laranjeiras, nos braços um do outro, trocavam caricias infindas, capazes de pôr agua á bocca de um frade de pedra.

— Escuta, amôr. Si teu marido viesse a saber desses encontros?

— Impossivel! Nem por sombra elle é capaz de duvidar de mim, da minha honestidade, da minha fidelidade. Nem eu o permittiria! Além disso, o coitado vive tão atarefado, que não lhe sobra o minimo tempo para essas pequenas e insignificantes coisas. Muitas noites chega em casa extenuado e ainda trabalha até horas mortas da noite. E quando se recolhe está tão moído, que, jogando-se no leito, dorme o somno dos bemaventurados até o dia seguinte.

O SEGREDO

LINA trabalhava em casa de uns amigos meus, de nacionalidade ingleza, que moravam em uma villa em Olinda. Era uma mulher velha, isto é, tinha quarenta e cinco annos, em um paiz em que todas as mulheres se casam aos dezesete.

Lina fazia todo o serviço em casa dos Robinson. Estes a tratavam bem, mas não podiam conversar com ella, por isso que não conheciam do italiano outras palavras além das indispensaveis referentes á comida e ao dinheiro, e Lina, como a maioria das mulheres italianas, tinha verdadeira necessidade de que se conversasse com ella.

A primeira noite que jantei com os Robinson, pouco tempo depois que estes se haviam installado em Olinda, vi que Lina me olhava constantemente emquanto servia a mesa. Havia, em sua expressão, alguma coisa de tão urgente, que, terminado o jantar, eu disse a Robinson:

— Creio que Lina quer falar-me.

E fiquei na sala de jantar emquanto os outros passavam ao salão.

— Quer falar-me, Lina? — perguntei-lhe.

E a expressão de ansiedade desappareceu de suas feições.

— O senhor é americano, mas fala o italiano — respondeu-me.

— Sim.

Lina guardou silencio durante um momento procurando comprehender semelhante contradicção.

— Nova-York? — disse por fim. — Ou Rio de Janeiro?

— Nova-York.

Si eu tivesse respondido Philadelphia ou Boston, a conversação talvez houvesse terminado ahi e eu me sentiria muito mais contente.

— Muito bem — disse Lina. — Então o senhor poderá dar-me noticias de meu filho.

— Não, Lina. Nova-York é uma grande cidade e eu não conheço seu filho.

— Mas eu escrevi muitas vezes a meu cunhado no Rio de Janeiro, e elle não sabe nada.

Ás vezes, nem me beija, e eu o perdôo gostosamente, porque, quando me procura os labios, sinto remorsos de trahil-o, roubando-te parte do meu affecto.

— Mas, filha, não pódes garantir que "esse trabalho excessivo" o prive de patuscadas durante o dia. Não será o teu esposo um vadio, um bilontra, um farrista manhoso e sagaz?...

— Qual o quê! Firmo é de uma fidelidade que attinge ás raias da beatitude. Chega ao lar, sempre, invariavelmente, á mesma hora, e durante o dia si lhe telephono ou lhe vou surprehender, encontro-o sempre envolvido com os autos, as grandes questões. Chego a penalizar-me quando o vejo tão preoccupado com os negocios alheios.

— E não fará elle uma "matinée" como esta? Quem sabe si, neste momento, não goza, como nós, das delicias de Cupido, esse mimoso e endiabrado garôto de azas de anjo e flexas certeiras?...

— Chega! Não admitto que duvides da honradez, da fidelidade conjugal de meu marido! Não queira confundir-se com elle! Ha grande desigualdade entre ambos. Elle é tão probo, tão recto, quanto tu és o contrario. Queres a prova "provada"? Vaes ver como elle está firme, no seu posto.

* * *

— Allô?

— Firmo?

— Sim, q u e r i d i n h a. Como estás?...

— Estou bem e prompta para sahir. Vou tomar *lunch* com Isabelita. Queres alguma coisa para ella ou para o titio?...

— Não, filha; saudades. Quero, apenas, que te lembres sempre do teu maridinho, que está trabalhando como um herôe. Tenho, em mão, uma questão importantissima a solucionar. Além disso, faz tanto calor aqui!...

— Coitadinho! A' noite descansarás sob os cuidados de tua mulherzinha, gozando o fresco da nossa deliciosa varanda. Até logo, querido... Um beijo...

— Adeus, amôr. Diverte-te...

* * *

Emquanto os dois apparelhos se desligavam, oito braços e quatro bôccas faziam ligações de amôr...

Modernos...

Que maridos!...

De Rogelio Burlingame

— O Rio de Janeiro fica mais longe de Nova-York que Olinda.

— Sim, elle diz que está longe. Mas ambos estão na America. Meu filho deixou-me ha dez annos e foi para Nova-York tentar fortuna. Durante seis annos me escreveu e me mandou muito dinheiro. Mas ha quatro annos que não escreve. Não sei nada, absolutamente nada a respeito delle. Tinha um bom negocio. Ainda tenho dinheiro, embora ninguem o saiba; mas onde está meu filho? Não morreu, *signor!* Eu o teria sabido. Não morreu! Mas o *signor* poderá encontrál-o, porque é americano. Dir-lhe-ei seu nome. Chama-se Gino.

— Todos os italianos se chamam Gino — contestei-lhe.

Lina sorriu.

— Mas lhe escreverei o sobrenome em um papel — respondeu-me.

Procurei explicar-lhe a extensão de Nova-York, dizendo-lhe que era maior do que Genova, Napoles e Roma juntas.

— De maneira que o *signor* nada poderá fazer?

— Sinto-o muito, Lina; mas é assim. Não posso fazer nada.

— Os americanos pódem fazer tudo o que queiram — affirmou Lina, sahindo da sala.

Dirigi-me, então, para o salão, onde se encontravam os Robinson, que já estavam estranhando minha longa conversação com Lina. Mas a verdade é que os Robinson não falavam o italiano nem podiam comprehender que alguem tomasse o incommodo de aprendêl-o.

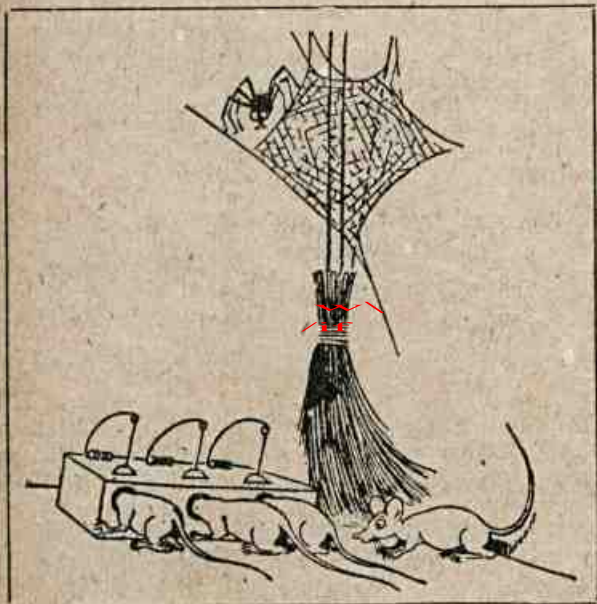
O facto é que meu conhecimento do italiano me poz em contacto com muitas coisas e muitas pessôas durante minha estadia em Olinda. Recebia constantes visitas de pessôas que iam pedir-me que arranjasse sua entrada nos Estados Unidos.

— Por que ir para lá? perguntava-lhes.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Porque lá se ganha duzentas liras por um dia de oito horas de trabalho.

— E deve gastar as duzentas para viver. Mas, que posso eu fazer? Existe uma quota imposta pelo governo.

— Dir-se-ia que senhores não querem que os

— Não ha nunca uma mesa desoccupada neste "restaurant"!...

bons italianos entrem em seu paiz — contestavam-me, suspirando.

Um dia, tinha eu ido pescar com Luigi, o pescador. Rompendo o longo silencio, Luigi me disse, de repente:

— Quero que o senhor me leve na sua bagagem, quando regressar á America.

— Que tolice! — respondi-lhe. — Para que?

— Para que eu possa ganhar vinte dollars, quatrocentos por um dia de oito horas de trabalho. Tenho um primo... um cavoqueiro...

Deteve-se, recolheu o anzol e meneou a cabeça ao ver o pequeno peixe que havia pescado. Mas não continuou falando de seu primo.

— Terás difficuldades, si fôres para lá — disse-lhe eu.

Elle me olhou com olhos reluzentes, como si eu houvesse adivinhado seus pensamentos, e se ruborizou intensamente.

— Nunca! — respondeu. — Nunca! Conheço o que occorre nos cafés onde se vende alcool clandestinamente. Um rapaz daqui foi a Nova-York ha alguns annos. Trabalhou primeiro em um restaurante e depois em um bar clandestino. Dalí passou a conduzir um caminhão e uma noite teve que matar um agente de policia porque o caminhão estava cheio de bebidas de contrabando.

Luigi acompanhou suas palavras com os gestos apropriados e até fechou um olho como si fizesse pontaria com um revolver imaginario.

— Sim — continuou. — não o mandaram para a cadeira electrica, porque declarou que o fizera em legitima defesa. No emtanto, o condemnaram a prisão perpetua. Ha quatro annos que está preso.

— Como sabes tudo isso? — perguntei-lhe.— Elle mesmo to escreveu?

— Não, mas meu primo...

— Ah, teu primo o cavouqueiro! — disse eu. — Esse que ganha vinte dollars por dia?

Luigi não respondeu.

— Todo mundo conhece essa historia em Olinda? — perguntei-lhe.

— Oh, não! Só os homens sabem o que aconteceu a Gino. Jurámos nunca o dizer ás mulheres, pois ellas o contaria a sua mãe.

Deteve-se e olhou-me fixamente com expressão de temor.

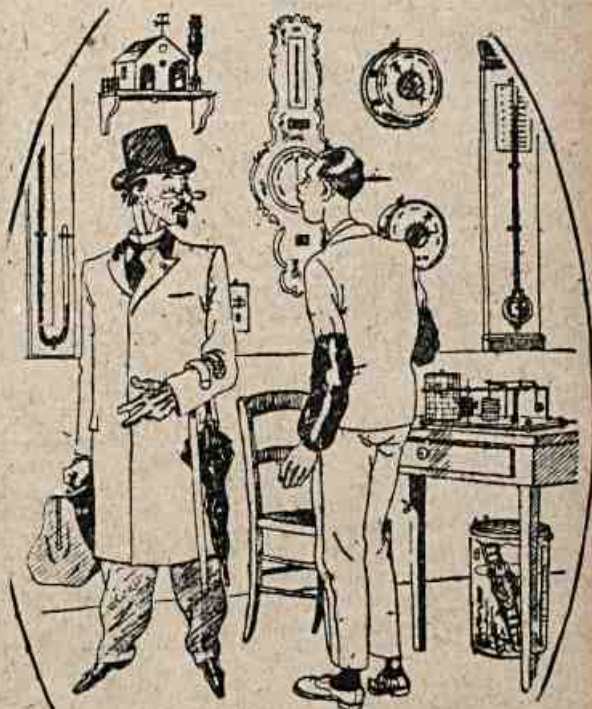
— *Madonna mia!* — exclamou. — O senhor não lhe contará?

— Não sei quem é ella.

— Mas eu lhe disse seu nome.

— Todos os italianos se chamam Gino.

Luigi olhou-me sorrindo significativamente, e depois continuou pescando em silencio.

Mas, a partir daquelle dia, toda vez que eu ia á casa dos Robinson, os homens que trabalhavam na *piazza* deixavam seu trabalho e me seguiam ansiosamente com os olhos...

METEREOLOGIA — E, durante sua ausencia, patrão, que darei como boletins?
— A mesma coisa de sempre: variavel, ventos irregulares, bom tempo relativo em certas regiões, etc., etc...

M. TAYER (Capital) — Hum! Que revela a sua letra? Escreve v. ex., na sua cartinha côr de ocre:

"Presado Yves: Ha muito venho apreciando atravez da seção "Saibam todos..." a sua inteligencia e a facilidade com que você elogia ou ridicularisa os muitos trabalhos que lhe mandam. Por isso resolvi pedir-lhe que por meio da grafologia, possa você expor com franquesa o que á minha letra indica.

Não me faça esperar muito sim?

Sua adimiradora muito grata, — *M. Tayer."*

A sua graphia é a de uma pessôa que não tem personalidade, é muito fraca e soffre do coração. (Disturbios cardio-vasculares). E', afinal, uma Maria vai com as outras...

MINEIRA DO SERTÃO (Minas) — Oh! por quem é! V. ex. me inspira grande sympathia. Não respondi á sua carta, porque v. ex. não me deu autorisação para isso. Deu-me apenas o seu endereço para que lhe fizesse a remessa das revistas que me pediu... Não sabia que fazia questão de uma palavra minha de sympathia. Pois ella ahi está.

A sua photographia é linda. V. ex. escreve bem. Que mais deseja?

O mais seria fazer galanteios em publico.

Desde que me autorise a escrever-lhe directamente, nada me custa satisfazer o seu desejo.

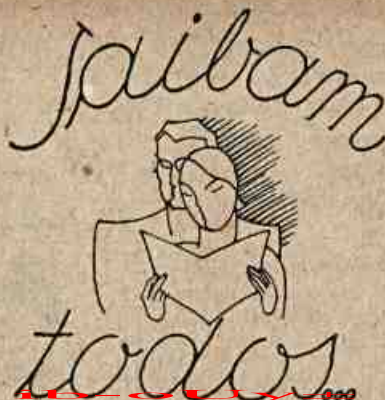
Creio que é isso o que pretende dizer nas entrelinhas da sua delicada missiva. Si não é, queira esclarecer a questão. Póde ser?

FLOR DALISA (Capital) — A sua cartinha me deixou uma excellente impressão. Já agora admitto que v. ex. tenha a idade que diz ter, embora as suas idéas me levem á convicção de que deve ter o duplo.

E acaso não será isso uma homenagem ao seu formoso espirito?

Physicamente, v. ex. é encantadora. A sua foto me mostra uma linda garôta para quem a vida não deve ser um deserto de illusões, como me faz crêr, mas um paraiso, senão um jardim de delicias, como diria qualquer poeta mediocre. Parabens.

Com muito prazer atenderei o seu pedido. Ouvir a minha voz não é difficil; mas não será, de certo, um motivo de encanto. Meu telephone é — 2-4136. E v. ex. me encontrará na redacção, pela manhã ou de 1 ás 5 da tarde.

Philosophia? Não discutamos essa sciencia — que é a unica, afinal, que cada um de nós define como quer.

NICÉA (Pernambuco) — As noticias que me dá sobre Recife são interessantes. Até mesmo a que se refere ao "garoto" (será o seu noivo? o seu amado, o seu "caso"?) é uma noticia que deve ser consignada como documentação de progresso a que já attingiu a mulher pernambucana. Esta confessa que tem o seu "garoto".

E' estupendo!

Aqui ha a convicção de que as nortistas são timidas, acanhadas e inflexiveis quanto á severidade dos costumes da bôa gente do norte. Uma nortista confessar, abertamente, que tem o seu "garoto"... isto é, — que ama?

E' progresso, e assombroso, — o que, aliás, muito me envaidece, como filho que sou do septentrião.

Mas vamos á sua carta que tem o sabor nativo da simplicidade das pernambucanas:

"Yves: Tenho tido muita vontade de lhe enviar umas vistas da nossa terra porem umas "ocupaçõesinhas" tem me feito adiar este desejo. So hoje pude realisal-o.

Repare a nossa Recife e dê uma opinião sincera sobre ela. Avalie voce o nosso progresso: Recife está mudando de clima, sobre esse ponto está se civilisando. Hontem aqui fez um frio quasi que insuportavel. As nossas elegantes ja podem se apresentar com capas de peles sem serem serevamente criticada. O veludo nesse tempo, ja pode ser usado. Finalmente, ja temos o prazer de observar sensiveis modificações para a civilisação.

Agora o caso mais evidente, aqui, é a greve dos Estudantes de Direito. Eu ando furiosa, pois não é que o "garoto" está em vesperas de perder o ano? Parece que a faculdade irá fechar durante o ano, porque tanto os estudantes como o prof. Virginio Marques (director da Escola) mantêm-se irrevogaveis. O "pequeno" é grevista, teimoso e cabeçudo e está caminhando para me fazer esperar mais um ano junto aos que ja me estavam reservados. E' terrivel não acha? Saudades. — *Nicéa."*

As vistas de Recife são lindas. E é com certo orgulho que as exhibo aos cariocas, meus amigos.

Aquellas da bella praia de Olinda são de uma poesia que enternece e faz sonhar.

A meu ver, o merito das nossas praias está na rusticidade pura da sua "côr local", — côr essa em que Anatole France não acreditava, mas na qual é forçoso acreditar.

E "pour cause".

As praias do Rio perdem muito com a sua civilização irritante, que mata a expontaneidade e a singeleza das coisas. Uma praia deve estar enfeitada de coqueiros, de cabanas e rêdes de pescadores. Nunca de "bungalows", de palacetes, de "cotages", de habitações artificiaes, construidas como estivessem dentro de uma paisagem nordica, á espera que a neve escorra pelos seus planos inclinados e pelos seus telhados angulosos.

Eu quero ouvir a cantilena dos coqueiraes em permanente dialogo com o vento que dança barbaramente sobre as ondas e vem contar ás praias rusticas o que ouviu nas praias pedantes, como Deauville, Biaritz, Ostende e Copacabana.

Bem. Basta de discurso. E amemos as praias pernambucanas, com a simplicidade do seu "décor" innocente e as tintas da sua marinha humilde — feita para a palêta de um Robiquet.

RUY CORTES (Espirito Santo) — Olá, illustre confrade. Recebi o brilhante jornal de Victoria e a carta onde se expande a respeito do seu humilde admirador. O seu artigo muito me desvaneceu, e a sua carta, que é um outro artigo, é dessas que não devem ficar no dominio das confidenciaes.

Permitta-me, pois, que a transcreva na integra, com os meus agradecimentos sinceros, pela expontaneidade do seu gesto.

Eis a sua missiva:

"Snr. Bastos Portela. Meus saudares. Remeto-lhe, com esta, um exemplar do *Diario da Manhã* em que publiquei umas linhas a respeito do seu ultimo livro. Como vê, isto não representa quasi nada, mas é o que estava, no momento, a meu alcance, para fazer justiça á sua obra, que é, a meu ver, a maior vitoria de seu nome literario.

Disse em meu trabalho que o amigo deixou de fazer versos, para ser o romancista carioca. Parecerá isto, á primeira vista, uma incongruencia: pois quem é poeta

sempre o será — e o mais que póde fazer é deixar de fazer versos. Minha asserção, porém, tem sua razão de ser. Como sabe, si no momento de aperturas e mecanismos que atravessamos, em que a vida tende a resumir-se ao simples apertar de um botão eletrico, o homem quizer sobrecarregar-se de mais alguns males, além dos que êle é obrigado a carregar pela ordem geral das cousas, — não precisa fazer mais nada: faça versos.

Hoje, o poeta, — sinonimo de infeliz — afastado de tudo, hade ouvir em toda parte este vaticinio funesto frustando-lhe os planos de luta pela vida: "Não — êle é poeta, vive de sonho"... E eis que o fracasso ai vem. A unica esperança de um poeta pobre, hoje que não ha mais Messuras, seria a de vender os versos. Mas, ah! si alguem viver disto!

Falo assim, porque tenho um exemplo frisante comigo. Fazendo jús a cargos publicos, fui preterido por individuos ignorantes, sem idoneidade moral. Como odontologo, sou um dentista-poeta. Academico de Direito, fui obrigado a interromper o curso, este ano, por razões de ordem financeira. Ai está o que me valeu ser artista — dessa arte que não dá dinheiro. Nem sei si publicarei o "Sombras e Rastros" que tenho pronto. O certo é que não farei mais versos. Publicarei, apenas, os que estão feitos, em jornais e revistas. Esta a razão do que afirmei, certo de que o amigo, embora bom poeta, hade ter modificado o seu ponto de vista.

No romance, vitorioso como está, outras portas já se lhe abriram. E é o que é preciso.

Visto isso, mando-lhe o meu grande abraço espiritual, fazendo votos para que veja esgotarem-se muitas edições do seu livro.

Si quizer me fazer obsequio, não publique esta.

Disponha do amo.—*Ruy Côrtes*".

Alegre — Esp. Santo — 27-6-32.

SIAROM (Minas) — Meu caro. A ser poeta mediocre, o melhor é não ser poeta de modo algum. E' bem certo que ninguem se considera máu poeta, nem mediocre. Todos que privam na intimidade das musas, se julgam dignos de admiração e não admittem restricções á sua arte.

O sr., no emtanto, submette os seus poemas á minha apreciação. E' signal de que não confia em si, e muito menos no seu valor literario.

Direi, por isso, que o seu soneto *Ab imo pectore* é de uma mediocridade espantosa. Nelle nada se aproveita. Além de repetir idéas e imagens sediças, é como fórma, um desastre.

Não diga que sou injusto com o sr. Isso não! Digo o que qualquer pessôa de bom senso e bem intencionada reconhecerá.

Aqui está o soneto a que alludo:

AB IMO PECTORE

Não sei dizer o que de ti desejo,
E nem falar o que de ti me en-
[canta;
Amo o teu belo porte sertanejo
E o teu formoso coração de santa.

Amo o teu riso, gosto do teu beijo,
Adoro o teu olhar que o meu su-
[planta;
Não sei dizer o que de ti almejo,
Estando em face de beleza tanta...

Perto de ti—si ris—alegre canto;
Padeço quando vejo em ti o pranto.
E si dormes—em mim o sonho in-
[vade.

Si longe estou — o meu viver é
[triste,
Tudo meu pobre coração resiste,
Entregue á dor horrivel da sau-
[dade...

Os outros trabalhos vão pelo mesmo caminho. O *Poema para o meu amor* é a velha historia do poeta que pergunta á sua predilecta o que ella desejaria ser na natureza. Contrariando o determinismo biologico que a fez mulher, rainha da creação, etc e tal e coisa, ella responde, sorrindo, que queria ser — uma flor. E o sr., impando de alegria, declara, todo lirό, que desejaria transformar-se num colibri...

E explica para quê:

—Num colibri de pennas tão macias,
Para beijar-te tanto, tanto,
E depois todo cheio de encanto,
Ir te entregando o meu viver,
Sem um queixume,
Tendo em volta de mim o teu
[perfume,
E sobre as tuas petalas morrer.

Francamente, o sr. é pouco ambicioso, em materia de conquista amorosa. Depois de tão curto prazer, — o mais que o sr. deseja é morrer sobre as petalas da sua amada, que estaria transformada em rosa...

Por que não prefere pôl-a em leilão? Uma rosa, por mal arrematada que seja, sempre dá alguma coisa. De resto, o destino dos colibris que não morrem como o sr. desejaria evadir-se deste mundo, é ser empalhado para os museus ou para enfeitar os chapéos femininos...

Não, poeta. E' preferivel ser jardineiro ou florista...

Yves

A V A T A R A

Sob este céo de illuminura antiga,
O crepusculo póz, nostalgico e vadio,
Um halo de ternura pela tarde bôa...

(O crepusculo é lindo como um vôo...)

Enche de frisos e reflexos o rio...
Doura as fôlhas das arvores, atôa...

Penso em ti...
Na paizagem de azulejos,
Minha saudade é uma andorinha adolescente...

Traz-me á lembrança a noite quiéta dos teus olhos...
A tua bocca de papoula evanescente...

Penso em ti...
Neste fim de tarde amiga,
Lembro-te a vóz macia e suave como um cantico,
Sob este céo de illuminura antiga...

— Tenho a alma do ultimo romantico!...

AMÉRICO DE OLIVEIRA

A VICTORIA DO PHANTASMA

(Conclusão)

Quando me acerco de minha mulher, o meu adversario aferra-se a mim, cruel, para abandonar-me logo que—mesmo por momentos—eu deixo minha esposa de parte. O mais horrivel é que, querendo a minha mulher como nunca, não posso acariciá-la, porque, si o faço, sinto ciumes horriveis de mim mesmo, porque sinto que "elle" está dentro de mim, beijando-a e prelibando os seus encantos.

Ao chegar a este ponto, o seu rosto tomou uma expressão sinistra e fugiu de mim como um inimigo. Consegui alcançá-lo. Perguntei-lhe simplesmente:

— Onde vaes?

— Em casa — respondeu.

— Eu acompanhar-te-ei — disse-lhe.

— Bem. Mas não me fales mais disto. E, em casa, nem uma palavra do que me ouviste...

Em casa esperavam-no intranquillos. Havia tempo que lhe haviam aconselhado um exame medico e não queria. "Entregar-se a medicos era o mesmo que convidar a Morte a entrar", dizia, entre supersticioso e humorista. Mas acabou accedendo aos rogos da esposa. Ao entrar commigo em casa, soube que o medico o esperava no vestibulo. Sem uma palavra, para lá se dirigiu, deixando-me a sós com o velho cincoentão.

Pela minha conversa com o "sogro" de Saldias, soube, ou melhor, deduzi que em casa ignoravam por completo o que se passava. Attribuiam o seu estado a um excesso de trabalho e de zelo sobre a esposa amada. E não quiz estorvar mais, e, deixando meu endereço, despedi-me.

No dia seguinte, fui lá novamente. Vae tudo bem, — disseram-me. Estava em tratamento, e acabava de dormir. Dahi, era apenas uma questão de dias".

E foi, realmente, uma questão de dias. Aos tres destes dias, mandaram-me chamar com urgencia. Fui.

Não tive coragem de chamar. Ia premir o botão da campainha, e retirei a mão, com temor. Cheguei-me aos vidros, e fiz signal á criada, e a porta abriu-se sem ruido.

Ao entrar, disse-me a chorosa mulher:

— O "senorito" vae-se embora...

Já na porta, saudei o ancião, que me extendeu a mão, taciturno, limitando-se a indicar-me o caminho, com gesto tenebroso. Sahiram ao meu encontro a velha e a esposa, que me levaram á alcova do infeliz.

— Entre, disseram-me, num alento. O medico voltará agora mesmo...

Eu não consegui definir a minha primeira impressão ao entrar na alcova. Cesar Saldias dormia... ou agonizava? Em attitude tranquilla, pela bôcca entreaberta se escapava um gemido monotono e continuo.

A' cabeceira do leito, hieratica, a enfermeira. Ao lado do leito, em uma cadeira, debruçada, a esposa do meu bom amigo. Contemplei o pungente quadro, extactico, inconsciente, perdida a noção do tempo.

Ao sentir a minha presença, Saldias estremeceu... E lutando desesperadamente — como só eu o sabia — com um inimigo invisivel, "reincorporando-se" num supremo esforço, cravou em mim os olhos desmesuradamente abertos, e supplicou-me, com voz estertorosa, horrivel:

— Não te aproximes... não! Não me atormentes mais! Triumphaste! Ahi a tens. E' tua! Deixa-me! Deixa-me!

Contrahiu o rosto num esgar de dôr intraduzivel, e quedou-se, immovel.

A enfermeira curvou-se sobre o desventurado, e communicou-me o fim, com um gesto imperceptivel. E então, piedoso, eu pude fechar-lhe os olhos...

LAURO MENDES

EVA... NIDADES

A mulher só se conforma com a sepultura porque sabe que são os homens (e não as amigas) quem levam o caixão.

* * *

Ha duas maneiras de se tentar reavivar o coração de uma mulher desenganada: oxygenio nos pulmões ou nos cabellos.

* * *

Quando a mulher recusa o beijo de um homem, é signal de que em casa ha um cão ou um gato felpudo mais attrahente.

* * *

Si os lulús falassem, a Pomerania estaria mais cheia de mulheres.

* * *

"Deus escreve certo por linhas tortas". A mulher é a melhor mensagem divina.

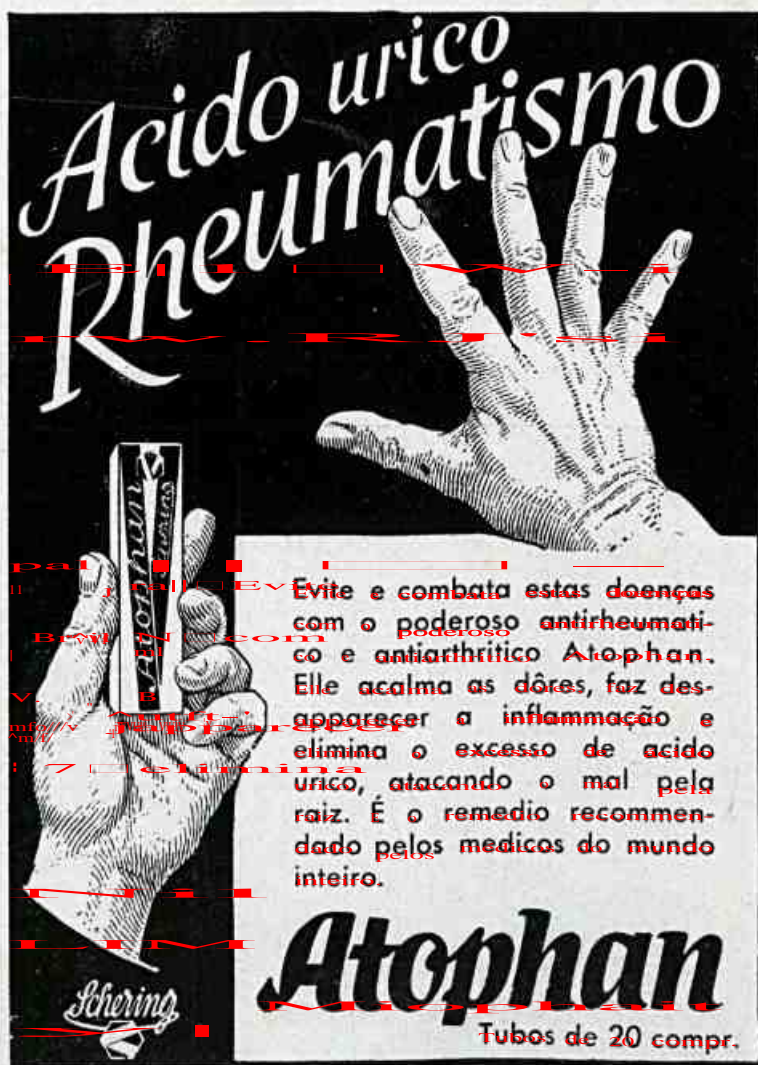
A mulher só casa com o homem porque a lei não lhe permitte fazêl-o com outra mulher. O homem é menos despeitado: casa com quantas mulheres póde.

* * *

Com um "milhar" e duas letras trocadas obtem-se a *mulher*. E' só substituir o "i" pelo "u" e o "a" pelo "é".

* * *

Ha mulheres que ficam melhor num trem de cozinha do que num de ferro.

* * *

Só um segredo a mulher consegue levar ao tumulo. E' o processo de viver 40 annos dentro de 24.

* * *

A mulher só dorme de olhos fechados porque sabe que suas amigas tambem o fazem...

BRAZ GUÉTTE

CASAMENTO THERAPEUTICO

O doutor Gransberger entrou em seu laboratorio cheio de sol. Como de costume, estava de excellente humor. Elle era um exemplo vivo do methodo therapeutico que preconiza o emprego das forças espirituaes para combater o mal. "Curae-vos pelo riso, pela alegria, pelo bom humor, por toda essa diabrura latente que dorme no fundo do ser e que sempre está disposta a jogar seu papel."

Sorridente e trauteando algumas árias musicaes frivolas, o doutor Gransberger vestiu seu guarda-pó de trabalho e olhou, pela grande janella aberta sobre o boulevard, o Paris matinal e pittoresco de Montmartre.

— A vida é bella!... A vida é uma festa! Meu casamento com a pequena Lucila Legrand será um lindo final. Ella, vinte annos eu, cincoenta... Será o final.

— Um final incerto — murmurou um espirito que perambulava pelo compartimento.

— Como? — perguntou o medico. — E por que?

— Mira-te no espelho: és muito velho para ella. E ella é encantadora.

— Sim, sou velho para ella, mas eu tenho a idade de meu espirito, e meu espirito é moço. Tenho a idade de meu coração, e meu coração é moço... E, depois, sou alegre... Um homem alegre nunca é velho.. E tu, que te permittes fazer apreciações, quem és?

— O espirito da tristeza.

— Ah, já sei! Em mim, como em todos, ha dois homens: o normal e o louco. Frequentemente conversam ambos. Esse colloquio eu acabo de exteriorizal-o. Espirito triste: si és a Razão, intimo-te a calar-te.

— Fallarei.

— Intimo-te a calar-te, pois és um intruso. Sei que gostas de metter-te em todos os arrebatamentos, reprimir o tumulto da alegria e estorvar o homem que vae sahir de seu recolhimento. Repillo-te e te digo que, apesar de ti, Lucila será minha mulher.

O medico, assobiando como uma locomotiva, se poz a trabalhar. Tudo ia bem. Mas, insidiosamente, o espirito da Razão voltava á carga:

— Estás certo de que ella vae ser tua mulher? Porventura neste mundo, velho idiota, se póde ter certeza da alguma cousa? Sim... sim... Sem duvida, tu a salvaste quando ella contava dezesete annos. Lucila ia morrer... Arrancaste-a á morte, lutando com esta durante seis semanas... Lindo assumpto!... Era teu dever... E vens reclamar teu pagamento... Não tens vergonha? E' tua juventude o que queres... Fizeste o cálculo do que pedes? Em summa: deve-se agradecimento ao sábio... Mas tu não vaes pelos quatro caminhos... Dae uma virgem a esse Minotauro.

— Bem certo de que não a devolverá sinão a beijos.

— Então, é por vaidade que a cobiças. Tendo-a salvo, a consideras como a prova viva de teu saber. Amas essa prova, velho louco.

— Cala-te, velha razão. Nunca comprehendestes o Amor.

— Ah, sim, o Amor, esse fogo de palha...

— Vale muito mais que tua perpetua senectude... Por que Lucila me apaixona? — pensava o doutor, um pouco desconcertado pelos ataques da velha senhora. — E' porque a salvei? Na verdade, a salvei, ou foi a Natureza que operou o milagre? Um pouco ajudei eu á Natureza... Um pouco... sim... póde ser... mas a ajudei...

— Oh, la, la!

— Disse um pouco... disse póde ser...

— E's prudente.

— Ajudei-a em virtude de minha vontade. Desejei tanto salvál-a!

Nesse momento, duas pancadas discretas soaram na porta.

— Toma!... Bateram — pensou o medico. — No emtanto, dei ordens para que não me incommodassem. Não deviam deixar subir ninguem. Mais duas pancadas discretas. Um pouco nervoso, o medico abre a porta, mas, de repente, seu rosto resplandece.

Lucila estava deante delle. Lucila Leguand em pessôa, sorridente e com um ramilhete de flores tão frescas como seu semblante primaveril. Ao offerecêl-as, estala em um riso alegre.

— Tu, Lucila!

— Sim, meu grande amigo, burlei a vigilancia do porteiro: disse-lhe que se tratava de um encontro... e eis-me aqui. Fiz mal?

— Não... não... Uma joven nunca procede mal quando leva a alegria a um velho trabalhador.

— Velho? Oh, não!

— Ah, ah! Que dizia eu? — exclamou o scientista, como si falasse a algum ser invisivel.

— A quem se dirige você? — perguntou Lucila.

— A... uma velha senhora... Mais tarde te explicarei tudo... Pensemos em ti... Estou encantado de ver-te. Mas, vamos: que te trouxe aqui?

— Um segredo que só posso confiar a você.

— Estou prompto para ouvir-te.

— Venho consultál-o.

— E' o normal.

— Mas, não como medico.

— Ah!

— Vou casar-me, meu grande amigo.

— Que? Tu?!

— Surprehende-se? Então a noticia lhe parece estranha.

— Não... Parece-me até muito natural.

— Sim... mas o tom não o é — disse Lucila, como si falasse comsigo mesma. — Aquelle que escolhi é um homem sério, grave, quasi triste...

— Máo... — disse o medico. — E a therapeutica do riso?

— Elle me ama... Pelo menos assim o creio.

— Isso me diverte. Tu o amas, ou melhor, elle te ama e é triste. "Um estrangeiro vestido de negro". Brrr!... Tu, Lucila, casando-te com um homem lúgubre... Não te vejo... Conheces a phrase do Philosopho, Lucila: "A tristeza é uma diminuição". Precisas de um homem alegre... um homem vivo... Por outro lado, si teu noivo é triste, é porque é doente.

— Eu o curarei.

— O Amor medicinal...

— Sim, doutor.

Houve um silencio. Lucila olhava seu amigo, que parecia reflectir. Sua alegria habitual parecia derrotada. Ella comprehendeu que devia terminar a farça.

— Menti — confessou. — Eu não me vou casar.

— Como?

— Quiz saber... Foi um ardil de mulher...

— Saber o que, minha pequena?

O medico não queria acreditar. Seria possivel?

A joven, linda e esbelta como uma figura de Gainsborough, percorria, entretanto, o laboratorio, semelhante á fada da luz e da alegria... Seu olhar reflectia ternura. Seu corpo elegante e espigado attrahia irresistivelmente.

— Escuta-me — disse-lhe o medico, tomando-lhe as mãos e olhando-a nos olhos. — Serias capaz de adivinhar o segredo de um velho medico?

— Póde ser.

— Não me atrevo a crêl-o. Por que uma joven radiante consentiria em consagrar-lhe a vida?

— Porque ella lha deve.

Uma emoção indescriptivel os embargou.

— O que fiz não foi mais do que o meu dever.

— Você me salvou.

— Foi sorte.

— Sorte para os dois.

E, com gestos delicados, Lucila apoiou docemente sua cabeça no hombro do medico.

Trocaram um beijo de noivado.

— E agora, meu grande amigo, riamos, e não pensemos sinão em nossa alegria.

Ella soltou-se.

— E dize-me: a quem falavas ainda ha pouco?

— Ah, que curiosa! A quem falava? E' necessario que to diga no momento em que a mais louca das alegrias me invade e me exalta, fazendo-me entoar um hymno delirante? E' necessario, Lucila, que te diga a quem falava?... Era á Razão... — FREDERICO SAISSET

VINGANÇA DA ARVORE

(Ao dr. Gustavo Barrozo — com a minha admiração)

Em frente da palhoça onde habitava,
para ter uma sombra bôa e amiga
em que descanse o corpo e em que se sente
ás horas de cansaço e de fadiga,
elle plantou de arvore a semente
que dava flor e que fructificava...

E a semente, fecunda, aos carinhos
do pobre lavrador de aspecto bruto,
em arvore se fez. E galho e galho
pendeu, á primavera, em flor e em fructo,
e foi, sob o verão, sombra, agazalho,
e pousada de passaros e ninhos...

A' quentura do sol do meio dia,
quando trinavam os passaros canóros,
á sua sombra elle cantava então,
alegre ou triste, em rythmos sonóros,
toda tristeza do seu coração,
tambem um pouco de sua alegria...

Annos depois, erguida para o céo
como se ergue a palmeira imperial
que não dá sombra ás horas de descanso
— ornamento da vida vegetal —,
só nos seus galhos viam-se, em balanço,
apenas, ninhos velhos de sexéo...

Vendo-se sem mais aquella sombra bôa
aonde repouzava, diariamente,
o seu corpo, em fadigas e quebranto,
elle pensou cortal-a, e, tristemente,
pegou na ferramenta, e disse, em pranto:
— ella, si tiver alma, me perdôa...

E constrangido assim, por entre dores,
o machado vibrou no grosso tronco
da arvore que, florida, se estorcia
aos rudes golpes do machado bronco...

E emquanto o lavrador, triste, a abatia
— ella cobria o lavrador de flores...

STENIO DE SÁ

RONDA LITERARIA

ACABO de lêr o livro encantador de Edward Carmilo.

Li-o mais como apreciador do que como critico, e, dessa leitura, meus olhos não procuraram effeitos téchnicos ou pesquisas de syntaxe...

Li os poemas e entreguei-me ao immenso espectaculo para o meu espirito, como é esse "suave enlevo" em que todos nós ficamos ante a majestade de uma penna superior como essa. Depois, é erro analysar um livro pela fórma, pela côr, pela belleza até da propria impressão, pois o que devéras encanta é o entrecho mimoso e a logica da acção. O livro de E. Carmilo, que nem siquér conheço, deixou ficar em mim um intenso, delicioso, agradavel perfume de primavéra. Suas paginas perturbadoras revelam alma, sinceridade, belleza. Estylo cheio de serenidade; nada existe de mais: nem as imagens que não são absurdas, nem as palavras improprias.

Vê-se que o caminho do autor é récto, e que elle faz questão de deixar entrar um pouco de sól dentro das salas onde trabalhamos, e esse sól vem do proprio calor com que o livro foi traçado.

Teve olhos humanos para ver as coisas da vida e phrases felizes mesmo ante a miseria do mundo.

Quem lêr esse livro com o interesse que elle merece, verá que os escriptores nóvos (veja lá esse terrivel Yves como é um rico estyllista tambem) são sinceros, e têem indiscutivel tendencia para abandonar os processos ephemeros, preoccupando-se mais com a verdadeira essenciada das coisas, expondo claramente suas idéas, aprimerando, capriehando no estylo.

Até a parte material do livro do sr. Carmilo é fina, distincta como elle.

* * *

Lido esse livro, vi que, no fundo de todos os seus poemas, existe, sem duvida, á cada canto, uma hora de amor que passa, hora que todos tivémos em nossa vida, e uma lagrima que tambem todos nós choramos, com maior ou menor arte...

E o principal mérito do autor é que, na hora literaria actual, soube escrever um livro sério.

Livro em que collocou cerebro e coração, mas, muito especialmente, essa doçura, essa suavidade, tão rara na época dos "ismos" como diz o Menotti del Picchia.

"*Dynamismos... Futurismos... Modernismos...*"

* * *

A literatura da terra dos bandeirantes está de parabens com a publicação das *Humildades* de Edward Carmilo, cujo melhor titulo seria *Grandezas*.

PLINIO MENDES

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Helena de Troia conhecia a attracção irresistivel de uma cutis perfeita

A Senhora deve, tambem, conservar a sua belleza e augmentar o seu encanto natural

A belleza deslumbrante, a belleza ante a qual os homens se curvavam nos dias de antanho, não é mais um privilegio das filhas dos reis. Hoje, quasi toda a mulher pode ser requestada, graças ao tratamento de belleza Dagelle simplificado. Usado como uma base para o pó de arroz, o Creme Evanescente de Dagelle protege a epiderme contra os rigores do sol e do vento, ao passo que o Creme Perfeito de Dagelle, applicado generosamente no rosto, collo e braços, ao retirar-se dá um viço novo á pelle, suavisando-lhe a textura. De manhã, o banho facial com Vivatone, o tonico revigorante, refresca e estimula a epiderme, completando assim o mais perfeito tratamento de belleza. O coupon abaixo proporcionar-lhe-á um Estojo Especial de Belleza, contendo estes famosos preparados de Dagelle.

Celebre por sua belleza, Helena de Troia foi a mulher mais requestada de seu tempo. Linda como um sonho, esta filha do rei Tyndaro procurou augmentar os seus encantos naturaes, por meio de "certos unguentos", afim de captivar todos os que a vissem. Paris sacrificou tudo — até a vida — para conquistar o amor de Helena

P2

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

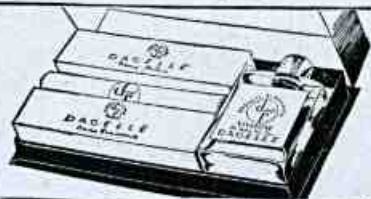
Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

Nome ....

Rua e No. ....

Cidade .... Estado .... (P. F. - 2)

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

OPHELIA DO NASCIMENTO. — No Theatro Municipal, em a noite de 12 de julho, realizou a srta. Ophelia do Nascimento o seu annunciado recital de piano, tocando, além dos *extra* — *Dansa de Negros*, de Fr. Vianna e *Polichinello*, de Villa-Lobos — os seguintes numeros que constituiam o programma: I) Wilhelm Friedmann — Bach (1710-1784) — *Solfegietto*; Domenico Scarlatti (1685-1757) — *Sonata*; J. S. Bach—Tausig (1685-1750) — *Toccata e Fuga em ré menor*, II) Fred. Chopin (1809-1849) — 2 *Estudos*, *Berceuse* e *Fantasia em fá menor*; III) C. Debussy (1862-1918) — *Prélude*, *Toccata*, J. Albeniz (1861-1909) — *El Puerto*; Barrozo Netto (1881) — *A Galhofeira* (1.ª audição); Villa Lobos (1890) — *A lenda do Caboclo*; *Mondino* (1904) — *Estudio* (1.ª audição).

Passaram-se tres annos depois que a ouvimos pela primeira vez, e a pianista continua a nos impressionar, como empressionára dantes. Brilhante, impetuosa, communicativa na interpretação dos autores modernos, mas não conseguindo emocionar no mesmo grão como interprete de classicos e romanticos.

Como se distanciaram no ultimo concerto as interpretações da *Sonata*, de Scarlatti e da *Berceuse*, de Chopin, das execuções de *El Puerto*, de Albeniz do *Estudio*, de Mondino, da *Dança dos Negros*, de Fr. Vianna e do *Polichinello*, de Villa Lobos! Ao passo que as composições do classico italiano e do romantico polaco foram, por assim dizer, apenas *tocadas*, as dos autores contemporaneos, mais ou menos modernos ou modernistas, foram realmente *interpretadas*.

Ophelia do Nascimento é pianista de effeitos virtuosos, que agem mais sobre os sentidos que sobre o coração. Donde o primor com que realçou as peças inspiradas no objectivismo modernista de Fr. Vianna e Villa Lobos. Por isso mesmo é que sobresahiu tambem em peças romanticas onde se destaca alguma coisa do dynamismo inherente ás composições modernas — os 2 *Estudos* de Chopin.

Como quer que seja, mesmo com as restricções que lhe possam ser feitas, ao talento e á technica, a verdade é que a joven virtuose é uma das figuras mais sympathicas e mais applaudidas da pianistica brasileira.

Ovacionou-a o publico com muitas palmas e muitas flores.

CONCURSOS A PREMIOS DO INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA. — Realizaram-se de 11 a 15 de julho, no I. N. M., os concursos a premios de canto, piano, violino, violoncello, flauta e clarinete, relativos ao anno escolar de 1932.

Infelizmente, não nos foi possivel comparecer ao certamen senão num só dia e em algumas horas desse dia. De sorte que assistimos apenas ás provas de piano, constituidas pela execução de cór de um Preludio e Fuga do *Cravo bem temperado*, de Bach e de uma peça á escolha do concorrente, e só ouvimos as que exhibiram os concorrentes: Marçal Hourcade Romero, Maria Beatriz Carvalhal, Maria Victoria Monteiro de Souza, Maria Sylvia Teixeira Pinto, Marina Bridon da Graça,

Neyda de Mello Cavalcanti, Sylla Portinho Vallandro e Wanda Meilhac, os quaes tocaram respectivamente as seguintes peças de escolha — *Preludio, Choral e Fuga*, de Cesar Franck; *Toccata*, de Bach-Busoni; *Polonaza e Andante Spianato*, de Chopin; *Preludio, Choral e Fuga*, de Cesar Franck; *Sonata op. 35 em si bemol menor* (a de Marcha Funebre), de Chopin; 4.ª *Ballada*, op. 52 de Chopin; *Polonesa-Fantasia*, de Chopin; *Scherzo*, op. 2, de Chopin.

Não tivemos nenhuma impressão sensacional, nem optima nem pessima; nenhum concorrente nos chegou a decepcionar, como tambem nenhum nos affectou a sensibilidade de modo a imaginal-o gloria por vir da pianistica brasileira. Mas isto — convem não esquecer — é simples impressão. E' possivel que a analyse technica das provas leve a resultado diverso.

Em todo o caso, cremos se não erraria classificando os concorrentes a que alludimos nesta ordem: 1.º lugar — Maria Sylvia Teixeira Pinto; 2.º — Maria Victoria Monteiro de Souza; 3.º — Marina Bridon da Graça; 4.º — Wanda Meilhac; 5.º — Marçal Hourcade Romero; 6.º — Maria Beatriz Carvalhal; 7.º — Sylla Portinho Vallandro; 8.º — Neyda de Mello Cavalcante.

Nikolai Orloff, o celebre pianista russo, que estreará breve no Theatro Municipal, contractado pela empreza de que é um dos chefes o illustre maestro Sylvio Piergili.

Se tivessemos competencia technica para julgar, a nenhum concurrente dariamos o premio maximo, que é a medalha de ouro, a não ser talvez aos tres primeiros, que se destacaram accentuadamente entre collegas. Mas certo não será esse o criterio adoptado pelos julgadores, alem do mais porque outros em condições analogas em outras occasiões têem obtido, injustamente, o cubiçado premio.

Não importa. Com ou sem diploma, com ou sem medalha de ouro, o scientista ou o artista, se realmente valem, revelam-se depois dos cursos escolares, na vida livre, quando dão expansão ás proprias tendencias do genio scientifico ou esthetico. Não esqueçamos de que, mesmo quando justamente adjudicados, nem sempre os diplomas officiaes de capacidade recaem sobre os talentos excepcionaes, mas apenas sobre as mediocridades estudiosas. A historia da sciencia e da arte está cheia de exemplos para justificar o conceito. Por isso mesmo não desanimem os concorrentes que não conseguiram o desejado premio. E' possivel que entre os derrotados de hoje estejam os triumphadores de amanhã.

O "CHAUFFEUR" QUE ATROPELOU...

ARCHIE BANNON estacionou seu taxi á frente de sua casa e subiu lentamente a escada que conduzia a seu apartamento. Ao chegar em cima, sentiu o cheiro de cebolla frita, pois era quarta-feira e Isabel fazia sempre bifes com cebollas fritas nas quartas-feiras. Mas Archie não tinha appetite.

Durante todo o jantar, sua mão nervosa brincou com um papel azulado que havia no bolso de seu paletó, limitando-se elle a mordiscar um ou outro boccado de saboroso bife.

— Que tens, Archie? Não te sentes bem? — perguntou-lhe ansiosamente a esposa.

Sem responder, Archie retirou o papel azul de seu bolso, e o entregou á companheira, para que o lêsse.

— Oh, Archie! Cincoenta mil dollars! — exclamou Isabel. E, depois de uma pausa:

— Mas tu não me disseste que havias feito um desastre?

— Não o fiz — negou elle, com violencia. — Foi um engano.

— Mas — tornou a esposa, olhando de novo o papel que conservava na mão, — 4563 é o numero de teu taxi. Como o conseguiste?

— E' muito facil que uma pessôa se engane ao tomar um numero. Minha má sorte quiz que eu acertasse com o meu.

— Mas, Archie, si tu não fizeste um accidente, não te pódem processar.

— Ah, não? Pois saiba você, senhora, que estou processado. E o peor é que não tenho a menor idéa de onde estive ante-hontem ás tres da tarde. Tudo o que sei é que não fiz tal accidente. Mas, como não passo de um *chawffeur*, ninguem acreditará em minhas palavras. E — continuou — já reparaste no nome do homem que move a acção?

— Thomaz Wilson — leu ella. — Archie, não é o alcaide Wilson?

— Em carne e osso — respondeu elle, procurando falar em tom indifferente. — Não te lembras de ter lido que elle foi atropelado, em frente da Municipalidade, por um *chauffeur* que fugiu immediatamente? Todos os jornaes noticiaram. E bem pódes imaginar a sorte que me espera. Elle conseguira um veredictum que lhe concede uma bôa indemnização, e si eu não pagar em quinze dias, me tomarão a carteira de *cliaaffeur*.

O caso parecia grave. Isabel pensou silenciosamente por alguns minutos. Subito, sua expressão se illuminou.

— Archie — disse alegremente — já encontrei a solução. Vae consultar o doutor Dhiting. Elle odeia o alcaide Wilson, e é bem provavel que se interesse pelo caso só pelo prazer de contrariál-o.

— Roberto Dhiting? Esqueces porventura que elle é o advogado mais caro da cidade?

— Faz o que te digo — insistiu Isabel, com ar entendido. — Tenho um palpite.

E Archie foi ao escriptorio do doutor Dhiting. A mais séria difficuldade era conseguir uma entrevista; mas sua paciencia e perseverança foram, afinal, premiadas.

O grande advogado ouviu attentamente a narrativa do caso. Quando Archie parou, um sorriso malicioso appareceu nos labios finos de Dhiting.

— Seria notavel... — murmurou. — E' um recurso tão velho como a propria jurisprudencia, e talvez haja sido empregado já pelo propheta Daniel. Mas si désse resultado?...

E seu riso se transformou em uma alegre gargalhada.

De repente, elle deixou de rir e tomou de novo a expressão do atarefado e effeciente advogado.

— Deixe os documentos aqui — disse. — Eu me occuparei do caso.

De Stanley Piptou

E ajuntou, com indifferença:

— E não lhe cobrarei honorarios.

Mezes se passaram antes que o caso entrasse em julgamento. Mas, naturalmente, quando chegou aquelle dia, o caso Wilson V. Bannon era já uma causa célebre.

— Aquelle é Wilson, no bando da direita. O advogado que está sentado deante da mesa, é Dhiting. O typo que se acha a seu lado é o accusado, não é verdade? — murmurou um reporter, ao ouvido de um collega, durante a audiencia.

— Silencio! — respondeu o outro, pois o advogado de Wilson havia recomeçado seu exame directo.

— E o senhor poude tomar o numero do taxi? — perguntou á corpulenta victima.

— Sim. Era o 4563.

— Escreveu-o no mesmo instante?

— Sim — disse o alcaide, tirando do bolso um pedaço de cartão. — Tirei do bolso o primeiro papel que encontrei, e tomei nota.

— Lembra-se do *chauffeur*?

— Perfeitamente. Elle poz a cabeça de fóra, quando eu me encontrava extendido no chão, e gritou-me: "Isto lhe ensinará a viver". Depois partiu a toda velocidade. Eu me voltei sobre as costas e annotei-lhe o numero.

— O senhor o reconhecerá, si tornasse a vêl-o?

— Sem a menor difficuldade.

— Elle se encontra nesta sala?

— Sim. E' esse homem sentado deante da mesa.

O advogado lançou um olhar triumphante a Dhiting, exclamando:

— Tem v. ex. alguma coisa a perguntar?

O famoso advogado levantou-se. E perguntou:

— O senhor está certo de ter annotado correctamente o numero?

— Perfeitamente certo.

— Está igualmente certo de que este homem era o *chauffeur* do automovel que o atropelou?

— Sim, senhor.

— Creio que isso é tudo — disse Dhiting.

— A causa foi ganha pela victima! — exclamou alegremente o advogado de Wilson.

As maneiras de Dhiting mudaram.

— Suba ao estrado! — ordenou elle ao homem que até então se conservára silenciosamente a seu lado. — Como se chama?

— John Parola — foi a resposta.

— E' o senhor o accusado neste caso?

— Não, senhor.

— Póde examinal-o senhor advogado — disse Dhiting, dirigindo-se a seu collega, o advogado de Wilson.

Este se levantou, com ar confuso.

— Mas, que faz o senhor aqui? Quer dizer porque está aqui? — perguntou.

— Sou o porteiro deste edificio — respondeu o interpelado. — Tudo o que sei deste caso é que este cavalheiro — e indicou Dhiting — me offereceu dez dollars para subir aqui e sentar-me a seu lado, emquanto defendia uma causa juridica.

Os jurados sorriam em massa. Sorriam olhando o congestionado rosto de Wilson, como a cidade inteira o faria ao inteirar-se do caso.

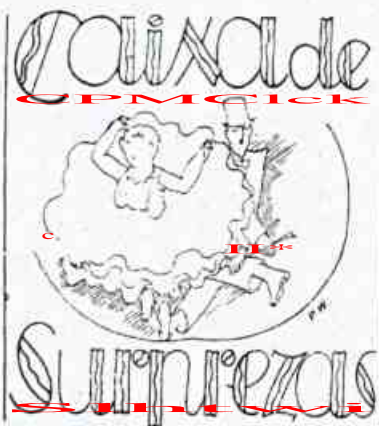
— Continuo — chamou Dhiting: — quer ter a amabilidade de descer á secretaria? Atraz de um dos armarios do archivo encontrará um homem alto, de cabello avermelhado, sentado em uma cadeira. E' Bannon, o accusado. Diga-lhe que eu o mando chamar, pois está na hora de prestar declarações.

E quando naquella noite, Archie subiu a escada de sua casa saltou os degráos de tres em tres. Porque, entre outras razões, era quarta-feira, e Isabel cozinhava sempre bifes com cebollas fritas nesse dia da semana...

O PRIMEIRO DIARIO ILLUSTRADO — Foi o *Journal Polytype des Sérénces et des Arts*, editado, em Paris, em 1786, por um alsaciano chamado Francisco Ignacio Hoffmann.

A primeira revista ingleza illustrada foi *The Daily Graphic* e, franceza, *La Journée.*

%

UM "RECORD" DE FECUNDIDADE — O bacalhau põe 9.444.000 ovos. Seguem-no, por ordem numerica, o esturjão, que põe 3 milhões e o arenque, com menos de um milhão.

O "FELIBRIGE" — E' esta uma associação de escriptores, prosadores e poetas, fundada em 1854 por Roumarille, Aubanel, Felix Gras e Mistral. A referida sociedade tinha por objectivo restaurar a lingua provençal, a velha lingua *d'oc*, que os sete trovadores de Clemencia Isaura haviam tratado de popularisar no seculo XIV por meio de canções.

O verdadeiro iniciador do segundo Renascimento provençal não foi Mistral, que se converteu no mais illustre dos *felibres*. Foi o poeta Roumanille, que publicou em 1847 *Margarideto*, livro composto por sua mãe, uma aldeã de Saint- Remy que não sabia o francez. Foi este o ponto de partida do movimento *felibrien*.

QUEM ERA TACITO? — Foi o primeiro entre os historiadores latinos (54-134). Consul e governador de varias provincias, era amigo de Plinio, o joven.

Apesar de se terem perdido muitos dos seus trabalhos, o que resta, sobretudo os "Annaes", em que refere os successos da morte de Augusto e de Nero, é bastante para consagrál-o emerito escriptor e moralista.

Profligou o crime e a tyrannia. De suas obras, alem de "Annaes", ficaram: "Historias", "Vida de Agricola" e "Costumes dos germanos".

ANECDOTARIO — O imperador Augusto fazia a côrte á mulher de Mecena, seu favorito.

O arguto cortezão, para disfarçar, fingia dormir e um creado, julgando que o amo estivesse realmente entregue ao melhor dos somnos, quiz aproveitar a occasião para surrupiar umas garrafas de excellente vinho.

— Idiota! — disse-lhe o amo. — Ainda não comprehendeste que só durmo para o imperador?

DEFENDA A SUA BELLEZA *com* ECONOMIA

E'agora possivel cuidar de sua pelle sem adquirir sabonetes caros. Para isso existe o Sabonete Lever, absolutamente puro, de qualidade perfeitamente egual aos melhores productos extrangeiros, e que pode ser adquirido por preço verdadeiramente nacional. Alem do seu custo vantajoso é economico no uso, sendo surprehendente a sua duração.

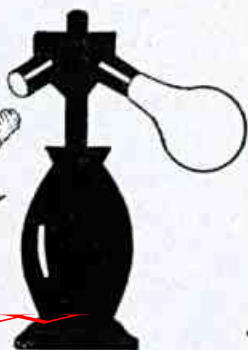
O uso continuo desse sabonete irá operando diariamente uma melhoria em sua pelle, tornando-a fresca e attrahente. E' delicioso para o banho, pois desprende subtilissimo perfume cuja fragrancia perdura muitas horas depois do seu uso.

SABONETE

DE QUALIDADE EXTRANGEIRA AO PREÇO DE 1$500

S. A. IRMÃOS LEVER — SÃO PAULO

LTS 2

Ligue para a Radio Record (PRAR) ou para a Philips do Brasil (PRAX) 3.ª feira ás 21.30 horas para ouvir um programma de lundús, batuques, sambas, cateretes e maxixes com a historia de cada um delles na vida brasileira.

exija a lampada fosca internamente

não dê a ninguem a impressão de que é pobre!

Um supporte sem lampada dá immediatamente a idéa de relaxamento por parte da dona de casa. E uma casa sem luz torna tristes os seus habitantes, dando uma impressão geral de pobreza.

Evite que as suas visitas pensem mal da sua actividade de dona de casa! Não dê a ninguem a impressão de que é pobre!

Revise hoje as lampadas de sua casa. Onde faltar uma lampada mande comprar immediatamente. Exija, porém, as lampadas foscas internamente que são economicas, duraveis e produzem melhor luz.

EDISON MAZDA

GENERAL ELECTRIC

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 30

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 23 de Julho de 1932

PRECE

MEU Brasil!...

Commovido, ainda sob a emoção harmoniosa da canção que acabava de ouvir, concentro-me e cerro os olhos para melhor sentir-te, comprehender-te e venerar-te, oh meu Brasil!

Como num kaleidoscopio animado, vejo-te em toda a expressão physica da tua grandeza territorial. Teus rios immensos, tuas vertentes rumorosas rasgam teu ventre enorme, a cantar a canção de volupia de tuas entranhas generosas e fecundas. E entrecruzam-se, aqui e ali, para o beijo do amor commum, que une todos os teus filhos na paz e no carinho do teu regaço amigo.

Rumor de aguas do meu Brasil — agua lustral da nossa fé, a exaltar nos nossos corações a gloria da terra fecunda, de seios fartos, a porejarem o leite sagrado da vida!

Pequenino, mas sentindo-me grande, herculeo, porque cheio de ti, illuminado pela fé do teu destino e alentado pela sensação mesma da força dos teus musculos de gigante, alteio-me, e escalo as grimpas suaves ou abruptas das tuas serras azuladas. E, em toda a expressiva e forte majestade do seu contorno, teu perfil geographico distende-se sob a caricia illuminada de meus olhos deslumbrados, sempre deslumbrados deante de ti!

Veste-te o immenso manto verde de tuas florestas, de tua *selva selvaggia*, adornado de oiro e de esmeraldas.

E, ligando o norte, e ligando o centro, e ligando o sul, o abraço de tua rêde hydrographica é como um beijo de paz e de amor, a acariciar o relvado de teus valles, as fraldas das tuas montanhas, teus rincões sertanejos povoados de pagos rusticos onde canta, nas cordas zigarreantes das violas, a alma primitiva e rude de tua gente simples e boa, heroica e pacifica.

Physicamente, como expressão geographica, és um todo indivisivel, meu Brasil. E a alma que palpita nas tuas entranhas — alma feita de todos os rythmos do coração do teu povo — tambem é una e indivisivel, porque é o substractum mesmo da consciencia civica das gerações todas que constituiram e formaram a tua vida de nação.

Meu Brasil!

Lá fóra, o pallio azul do teu céo de saphira esplende, sereno, sob o polvilho de oiro do teu sol.

O livro immenso do teu immenso coração — o livro glorioso da tua gloriosa historia — abre-se deante de mim. E, uma a uma, animam-se todas as paginas da tua vida historica.

Ao lado do homem branco e civilizado, que primeiro desvendou o mysterio verde da tua selva, teus guerreiros selvagens, ao som das inubias estridulas, cocáres espanejando ao vento, repellem, bravamente as investidas de estranhos invasores, despertando a consciencia da tua nacionalidade. Depois, em cohortes formidaveis, traçam a epopéa immarcescivel das bandeiras, riscando lindes, ampliando a tua physionomia geographica, fazendo-te o colosso que, hoje, és, territorialmente. E tua alma, crescendo, avultando com a terra, logo a modelou e lhe deu forma e expressão de sentimento e de amor no coração mesmo de todos os teus filhos.

E *pro aris et focis*, pelos nossos altares eucharisticos da *Terra Mater*. O vinho e o pão eucharisticos que, ha cinco seculos, vimos commungando, nos altares que erigimos em tua honra.

E *pro ars et focis*, pelos nossos altares e pelos nossos lares, é que vivemos no teu amor, meu Brasil, na paz e na guerra, na alegria e na dor, na bonança e na desventura.

Mas, sempre unidos, sempre fortes, sempre confiantes. Em nós proprios e na finalidade historica do teu grande destino.

De joelhos, meu Brasil, é de joelhos, curvado ante os teus altares sagrados, beijando o teu solo bemdito, e abraçando, com minha alma e meu coração, todos os meus patricios, que ergo esta prece pela paz dos teus lares e pela prosperidade dos teus celleiros!

ELCIAS LOPES

O SUCESSOR...

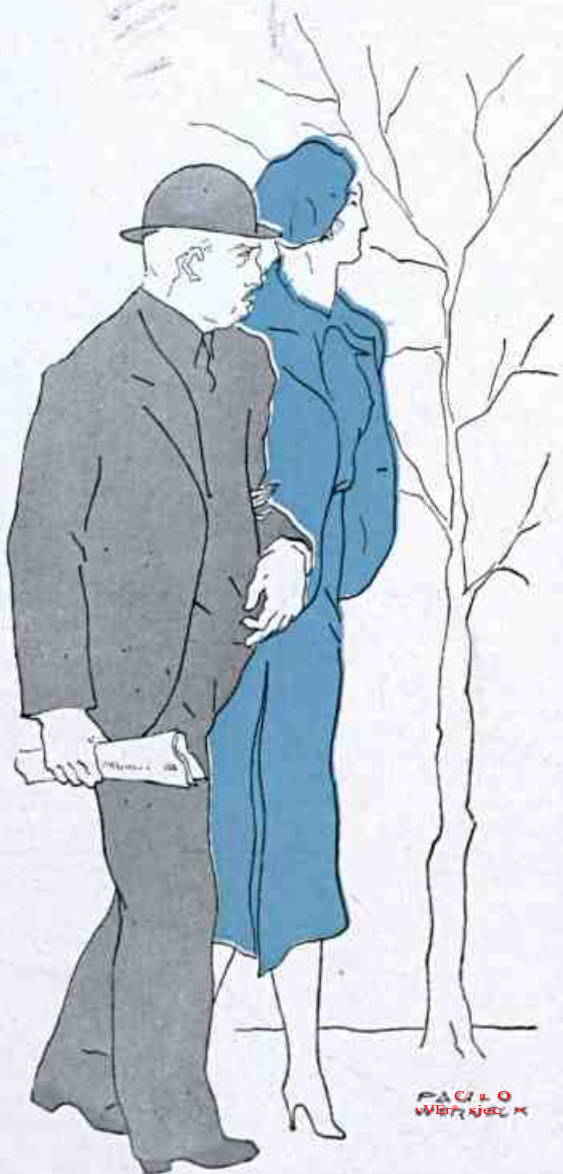
DEPOIS de havermos passeado algum tempo pelas claras aléas do aristocrático parque Monceau, sentámo-nos a um banco. E o meu amigo Louis Charavin, herói da grande guerra, capitão de caçadores a cavalo, disse:

— Havia um mês que me achava em Paris, naquêle outono em que nos conhecemos, quando pela primeira vez vi aquela mulher. Cara de anjo. Os olhos de veludo violeta pousaram em mim longamente e fiquei embriagado como se tivesse tomado um vinho capitoso. O restaurante do "Cheval Pie" estava deserto áquela hora avançada da noite. O caixa dava balanço nas suas contas. Os ultimos criados arrastavam passos tardos ou se imobilizavam numa atitude de cansaço resignado. Sòmente nós continuavamos ali, alheados do mundo: eu, embevecido, perdido naquêle olhar côr de malva, que parecia um vinho; ela, gosando êsse embevecimento, e seu companheiro, um velho, que não se lembrava da presença da celestial criatura e lia displicentemente num jornal a cotação dos titulos na Bôlsa.

Emfim, saíram e lá se fôram vagarosamente pela avenida Vitor Emanuel quasi êrma. Sorvi meu derradeiro gôle de Fine perfumada, que entontecia menos do que os olhos dela, bati com a moeda da gorgeta sobre o balcão do chapeleiro, que despertou assustado do seu coxilo gostoso, e segui-os.

Êle dava-lhe o braço como se o fizesse por obrigação e ela olhava quasi com indiferença as ultimas vitrinas iluminadas.

Por que andavam juntas aquelas duas criaturas que não trocavam uma palavra, que não tinham um sorriso e que pareciam em tudo tão distanciadas uma da outra? Por que?

Ha tanto por que neste mundo que nunca teve explicação...

Tomaram um auto e segui de taxi. Saltaram no boulevard da Madeleine e entraram no Excelsior. Era a ultima sessão do cinema. Havia pouca gente. Uma preguiça errava na imensa e luxuosa sala. Até a propria fita parece que corria devagar, desenrolando o enredo trágico do "Juif Polonais" de Erckmann Chatrian. O velho adormeceu. Eu me aproximei, trocámos rapidamente algumas palavras e seus olhos maguados acabaram de envenenar-me.

A primeira vez que nos vimos e nos falámos sozinhos foi naquêle mesmo cinema, propositalmente escolhido. A primeira frase que ela me disse foi esta:

— Que estará você pensando de mim, tão leviana que consenti nêste encontro?...

Amei loucamente durante um mês toda essa mulher, porque ha mulheres de que só se ama uma parte. E' verdade, ha mulheres de quem a gente ama a bôcca, os olhos, as mãos, mesmo o corpo ou a alma. Dessa eu amei tudo.

Separámo-nos, porque nos derradeiros dias da estação, numa tarde de chuva miúda e melancólica, de humidade triste e enervante, entrei naquêle cinema para ouvir uns versos do "Aiglon". O empregado guiou-me no escuro com sua lanterna de furta-fogo e indicou-me uma poltrona vasia. Sentei-me. Na minha frente, dois amantes abraçados arrulhavam. E, de súbito, ouço uma voz que conhecia, uma voz perfumada, uma voz da mesma côr de violeta daquêles olhos que me haviam embriagado dizer palavras que eu já ouvira:

— Que estará você pensando de mim, tão leviana que consenti nêste encontro?...

Era como uma chapa de gramofóne. Para quantos?... Para todos, sem duvida. Não quis perturbar o dôce colóquio e retirei-me sem vêr se era moço ou velho, feio ou bonito o meu sucessor...

GUSTAVO BARROSO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

PIEGUICE

— Não gosto de vel-o assim. Piegas

— Não entendo. Piegas?

— Piegas, sim, disse eu. Prefiro-o quando escreve aquellas coisas ironicas, sarcasticas, desabusadas... Percebe?

— Mas, quando se ama, e o amor é um soffrimento sem pausa, não ha meios de se evitar esse tom choramingas...

Maria Célia teve um sorriso breve. Léo não sorriu, mas leu tudo o que ia nos olhos brejeiros da garota. E repetiu devagar:

— Quando se ama, e o amor é um soffrimento injusto não é possivel escrever coisas risonhas... A penna difficilmente deslisa sobre o papel. E' como si fosse de chumbo — o chumbo feito de dôres indefiniveis e de todo um immenso cortejo de amarguras, pesando sobre as palavras vazias.

Maria Célia literalizou a questão:

— D'Annunzio chamava a esse estado de alma — "o desencanto de um amor em agonia"...

— A definição é opportuna. E é claro que em taes circumstancias não ha alegria que mova a penna afflicta do escriptor.

Um silencio. Um embaraço. Um suspiro de Léo e um sorriso de Maria Célia.

Léo perguntou, com malicia:

— Sabe você o que é um amor em agonia?

— Presumo que sim. Em todo caso, tenho disso uma intenção muito pessoal. Diga-me a sua. Vamos. Fale.

Léo disse, convicto:

— Um amor em agonia é esse estado de alma que precede ao nascimento de outro amor...

Maria Célia alarmou-se:

— Quer dizer, pois, que é bôa a sensação dessa agonia?

— Não. E' triste. Muito triste, mesmo.

— Por que?

— Por que o amor é coisa que se repete sempre. Foi La Rochefoucauld quem o disse. E é uma verdade tragica. Sendo a agonia de um amor o inicio de um outro, (parece paradoxo, não é?) elle nos afóga numa onda de melancolia. Não pelo que morre, mas pelo que nasce...

— E' complicado, Léo!

— E' facil de entender, Célia.

E, depois de uma pausa:

— Olhe, Maria, eu sei que vou perdel-a. Sei tambem que outro amor renasce com a promessa de outro affecto mais falso. Soffro, porém, soffro por isso. E soffro porque sei que uma outra mulher vae encher a minha vida sem relevo de decepções...

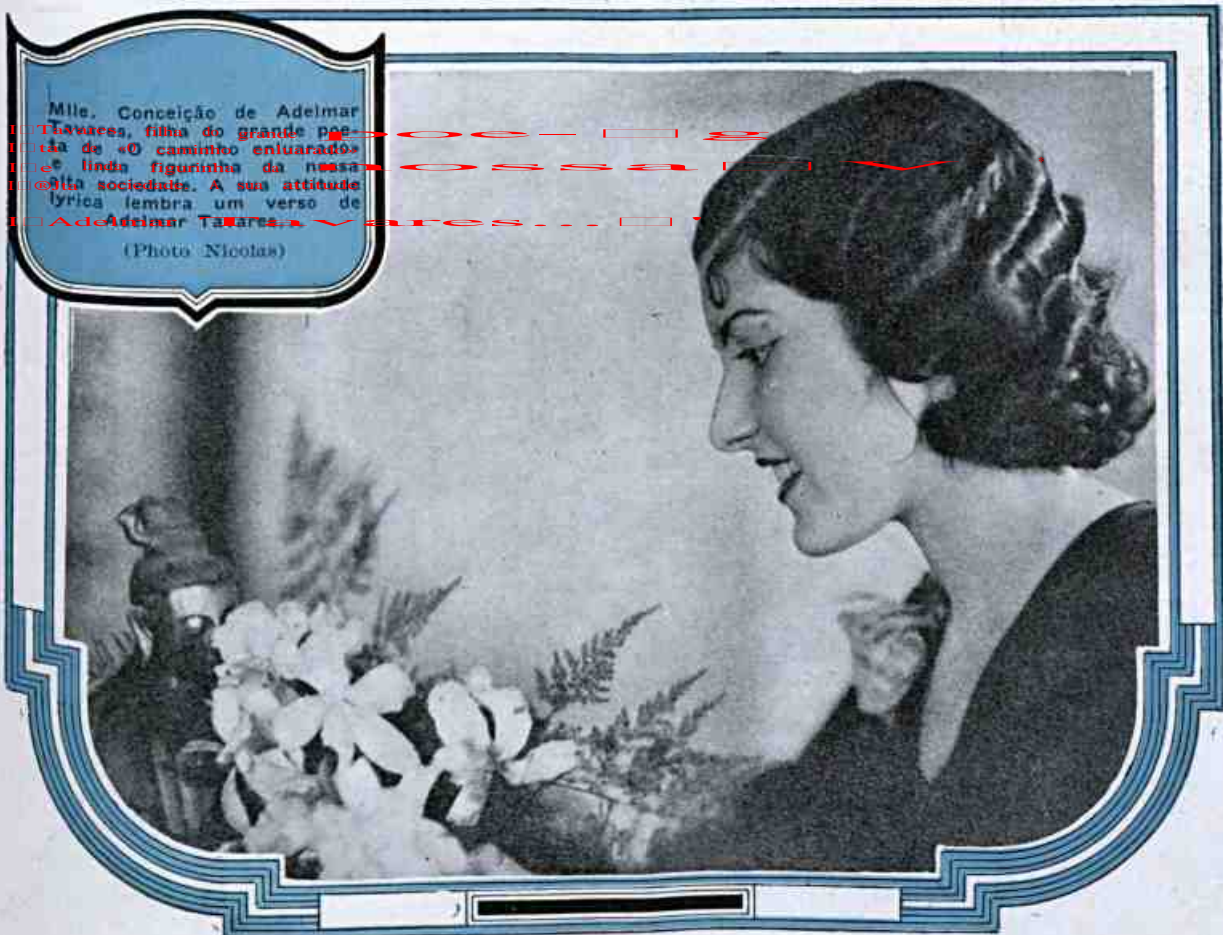
Maria Célia soltou uma gargalhada de desdem.

— E então? Que mais quer?

— Nada! Apenas tenho saudadas das decepções e das mentiras com que você me presenteou tantas vezes. Ja é uma homenagem ao seu espirito...

Maria Célia fez-se pensativa. E a sua voz se rasgou num soluço:

— Não! Prefiro vel-o piegas...

Yves

Mlle. Conceição de Adelmar Tavares, filha do grande poeta de «O caminho enluarado» e linda figurinha da nossa alta sociedade. A sua attitude lyrica lembra um verso de Adelmar Tavares.

(Photo Nicolas)

Noite de Festa

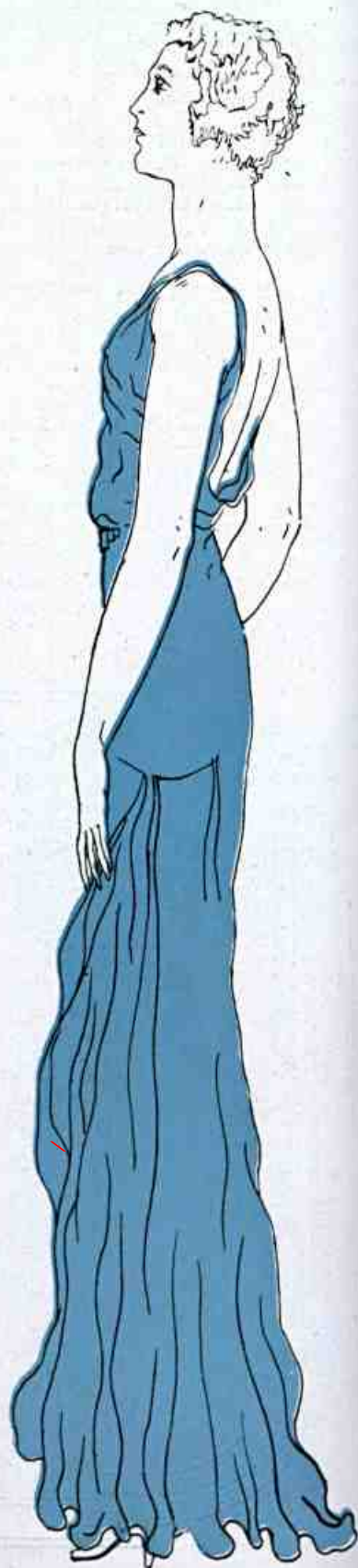
Quando te vi,
Um grande encantamento
Deslumbrava aquella Noite de Festa;
As luzes eram uma orgia de côres
E o perfume das rosas
Era forte demais, era quasi mortal;
A musica era uma embriagadora
Symphonia
De harpas mysteriosas,
Que vinha de além, de longe,
Em languidas balladas,
Pelo sorriso das estrellas...

Quando escutei a tua voz,
Uma estranha alegria
Invadiu minh'alma;
E o canto musical de um passaro
Divino,
De um rouxinol do Céu,
Embalou
Meu coração...

Quando te amei,
As noites eram todas branquinhas
De luar; e o Céu azul,
Como uma bençam,
Protegia o sonho de nós dois...

Quando pensei que eras
Minha, somente minha,
E cantavas para o meu affecto,
Como foi lindo o meu Destino
E côr de rosa a minha Vida!
Como esqueci as afflicções terrenas
E me foi suave o supplicio de viver!

Quando te amei,
Soffri a divina loucura
De quem ama a propria dôr, porque
Amei em ti o amor que ha na mentira
Dos teus olhos azues, no ouro
Dos teus cabellos
E na doçura dos teus beijos;
Porque amei em ti
O amor de todas as mulheres,
Esse amor que mata e é sublime,
Porque a gente sonha
E não existe...

Quando te perdi,
Não sei dizer o fél que provei
E o pesado castigo
Que cahiu sobre minh'alma...
Nunca mais houve luar
Em minha vida;
Nunca mais o rouxinol
Cantou para embalar
Meu coração...
Nunca mais...

Benedicto Lopes

ILLUST. PAULO WERNECK

O DOMINGO HIPPICO

Teve extraordinaria concorrência a corrida do grande premio «Jockey Club» que se realizou, domingo ultimo, no Hippodromo Brasileiro. Ao excellente prado compareceu o que Rio possúe de mais fino e elegante. A tarde, banhada de um sol esplendido, concorreu immensamente para o fulgor dessa reunião turfista. As nossas gravuras offerecem varios aspectos da linda tarde sportiva.

AUTORES

O problema da instrucção no Brasil acaba de receber a collaboração de Christovam de Camargo, um dos brilhantes vultos literarios do nosso paiz. Candidatando-se ao premio «Francisco Alves», instituido pela Academia Brasileira de Letras, Christovam de Camargo escreveu um trabalho dos mais interessantes sobre o assumpto, intitulando-o «O grave problema da instrucção popular no Brasil», que as Edições «Alba» acabam de publicar. Expondo, em linguagem clara e escorreita, as suas idéas nesse sentido, o festejado autor de «O Enigma Mulher» entende que a extirpação do analphabetismo, sendo um caso de interesse nacional, devia obrigar todos os brasileiros que soubessem ler a, pelo menos, alphabetizar um dos seus patricios, decorrendo, dahi, o desapparecimento, no mais breve tempo, desse grande mal da nacionalidade.

"AS palavras foram feitas para disfarçar o proprio pensamento"... Foi mais ou menos assim que um philosopho se referiu á arte da palavra escripta e, tambem, falada.

Não é, porém, por isso que desconfio do que escrevem as mulheres. Porque os homens, como ellas, sabem tambem encobrir seus pensamentos no velario subtil das palavras de double-sens.

Umas e outras, no emtanto, não raro trahem e revelam, no silencio pontilhado das entrelinhas, o que de mais intimo queriam esconder. E põem a nú a alma e o coração, trahidos pela suggestiva magia da propria palavra.

Marinka é uma creaturinha que não conheço e que, certo, sem tambem me conhecer, quiz fazer-me a deliciosa surpreza de corresponder-se commigo.

Deliciosa, sim, porque a minha gentil e mysteriosa missivista é, realmente, um encantador espirito de mulher. Um tanto blagueur, mas, tambem, raffiné.

Sentimental, romantica? Cabecinha de vento? Excéssivement fille du siécle ou, apenas, uma gatinha borralheira de alma moderna?

Talvez tudo isto e talvez nada disto. Mulher e, como mulher, curiosa, leviana, maluquinha e, por isso mesmo, deliciosa, delicious, eis o que é Marinka — a desconhecida e improvisada admiradora do Max Linder que vive dentro de mim.

Eis alguns trechos da cartinha perfumada de Marinka:

"Meu querido Max Linder: — Gryphei o querido para você não estranhar o tom amistoso, camarada, como se costuma dizer, desta carta que é a primeira e que poderá ser tambem a ultima que lhe escrevo. A sorte das outras, que eu bem desejaria lhe dirigir, meu querido Max, (aqui já não grypho o querido) depende de você, da maneira por que receba, leia e acolha a minha premiére no palco ou no picadeiro do seu coração. Porque, para conquistar um pouquinho da sua sympathia, meu adoravel esquisitão, tudo farei. E, mesmo, sinto que sou "de circo e de trampolim", como naquelle sambinha, bem brasileiro, bem nosso, cantado pela Carmen Miranda.

Conhece-o?

Max, você é meu velho conhecido. Já me acarinhou, já me... beijou, já me teve nos seus braços...

Não se espante, que foi só em sonho, Max, num doce e suave sonho... espiritual.

Você, no Fon-Fon, tem desdobrado a sua "personalidade". E já foi o Esaú e Jacob das Sombras Chinezas, o galã de Bazar de Bonecas, le prince charmant de Rosas de Santa Therezinha, o delicado jardineiro de Balcão Florido, e é, agora, o speaker de Alto-Falante e o eterno sonhador, e impenitente mystico, de Estrada de Damasco.

Conheço-o ou não, meu disfarçadissimo Max?

Infelizmente, o meu convivio com você, Max, tem sido somente, puramente espiritual.

Infelizmente?...

Sei lá, Max! E se eu, conhecendo-o pessoalmente, tivesse uma... decepção? Não do escriptor, mas do... homem?

Sabe? Já me disseram que você é avô! Duvidei, duvido ainda, porque você, com a alma e com o coração que parece ter, pode lá ser avô, Max?

Se o é, deve ser um encanto de avô, um vovôsinho do outro mundo, de quem eu desejaria bem ser uma netinha cá a meu geito.

Já vi uns retratos seus, estampados no Fon-Fon e em varios jornaes, quando você publicou sua Teia de Aranha. Uma teia que me enredou, e prendeu nos seus filamentos de oiro e prata.

Max, com franqueza, camaradamente, que tal eu lhe pareço?

Mesmo de circo e de trampolim?

E se fosse o contrario?

As apparencias enganam tanto, não é?

Max, não repare tanta maluquice, sim? Eu, hoje, estou em "crise". Sabe o que quer dizer isto, na bocca de uma mulher? Nem o queira saber... E' melhor para mim e para você, mon cher vieux ami.

Até passar a "crise". Saudades de Marinka."

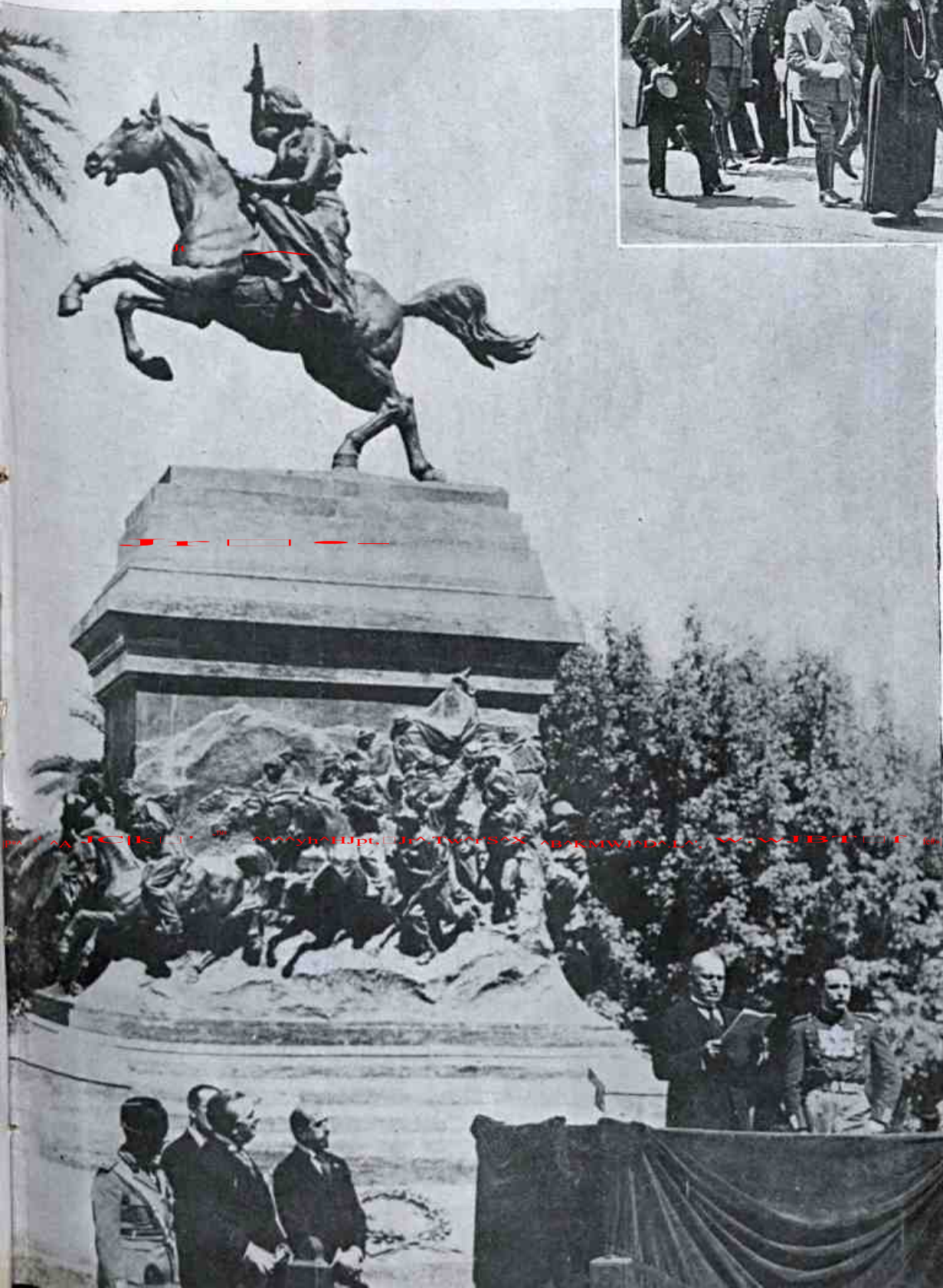
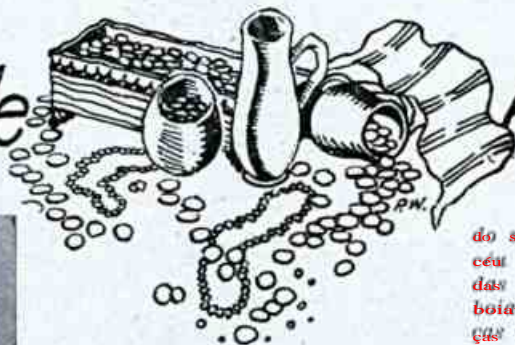
Entenderam?

Nem eu...

MAX LINDER

O poeta Castello Branco de Almeida, que acaba de nos dar um poema de alta e superior emoção, «Gosto amargo», não é um nome desconhecido nas letras cariocas. Ao contrario, tendo vivido durante annos no Rio, aqui fez parte da geração que deu Gomes Leite, Rodolpho Machado, Carlos Rubens e outros, para depois se entregar ao funccionalismo bancario. Nelle, porém, o poeta continuou a viver, para, agora, se revelar mais possante, nos rythmos de inspiração grandiosa e no sentimento puro de uma arte cheia de fascinação e de brilho. «Gosto amargo» é, na realidade, o livro de um artista que soube elevar o lyrismo sadio e commovente de que é feita a verdadeira poesia.

Inaugurou-se recentemente, em Roma, um grandioso monumento em homenagem á memória da heroina brasileira Annita Garibaldi, que, como seu companheiro, o general Garibaldi, se cobriu de glorias no Brasil e na Italia, patria do famoso «condottieri». O artista a quem se deve a magnífica obra, reproduzida nesta pagina, fixou, num mesmo expressivo conjuncto, o heroísmo da guerreira e o amôr materno — traços predominantes do caracter e do coração da nossa gloriosa patrícia. A ceremonia inaugural do momento de Annita Garibaldi foi um acontecimento na vida civica italiana, tendo á mesma comparecido, pessoalmente, o rei Victor Emmanuele e a rainha Victoria, o primeiro ministro, Mussolini, e outras altas autoridades.

(Photographias do Serviço Especial de FOX-FOX em Paris).

Caverna de Ali Babá

Silveira de Menezes é, entre os espiritos novos da moderna geração, um valor expressivo. Senhor de uma visão penetrante e de um estylo vivido, sabe ver as coisas de um modo pessoal, não se confundindo com a maioria dos escriptores. Um exemplo disso é «Esplendor da Allemanha», impressões de viagem, e, agora, «Portugal de Sonhos e Conquistas», onde a bella patria de Camões é vista pelo autor através de um prisma inteiramente novo. «Portugal de Sonhos e Conquistas» está fadado ao mais franco successo de livraria

CIDADE DO INTERIOR

Ao fundo daquelle scenario, resaltando na luz viva da illuminação sobre a tela escura da montanha, a larga fachada da matriz, toda branca, com suas torres quadradas e singelas, o frontespicio encimado por uma cruz de ferro, a porta central cerrada por uma cortina côr de sangue, parecia toda de prata. Nas janellas e balcões de alguns sobrados, o vento agitava colchas de rendas. E sobre aquillo tudo o céu negro se arqueava empoeirado de estrellas.

* * *

O mercado, sujo de palhas, cascas de melancia e de banana, estava deserto áquella hora quente do dia. Alguns vendeiros e açougueiros cochilavam de braços nos balcões vasios. Um soldado do destacamento, de cinturão desafivelado, dormia num banco, sob o vôo rumoroso das moscas. Além, estendia-se um campo alcatifado de hervanços, onde luziam as péças de agua chôca deixadas pela ultima chuva, e ao fim do qual se erguia a estação da estrada de ferro, pequeno chalet pintado de vermelho. Dum lado, num renque de casas, ficavam a Intendencia Municipal e a escola publica. Desta se evolava a cantilena monótona do b a-ba e da taboada. Do outro, corriam cercas enfestonadas de melão de S. Caetano. Ao fundo, longe, vultos azues de serras.

A nossa brilhante collaboradora Irène Drummond, que acaba de publicar, com grande exito, a «Cartilha da maternidade».

* * *

Já o sol descia. A pequena cidade parecia adormecida sob a luz quente. A' porta da botica, o vigario jogava gamão com o boticario, tomando rapé de quando a quando e assoando-se com estrondo. Um bando de gallinhas ciscava, cacarejando, a sujeira do mercado. E, pelo meio da praça da matriz, passava um vendedor ambulante, gritando esganiçado:

— Ióia o taboleiro! Ióia o taboleiro!

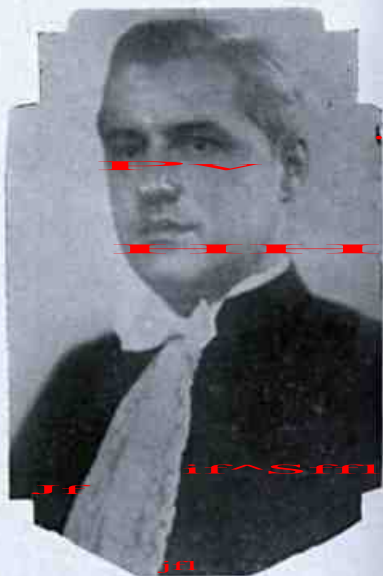
* * *

Por traz dos serrotes verdejantes onde nascia o riacho que alimentava o reservatorio, o sangue do sol moribundo se espalhava no céu tranquillo. Na face limpida das aguas mansas e douradas, boiavam como reticencias as cabeças negras das precapuras. Os cascas-de-couro corriam espevitados por entre os hervaçais humidos das margens. Bemtevis gritavam alto, no silencio vesperal. Um vôo lento de socó cortava o espaço. E o casario da cidade se mirava, sorrindo pelos oitões caiados, no espelho do açude.

* * *

A sala de visitas tinha paredes caiadas com alguns retratos de familia em molduras singelas. Um velho relogio parára sobre antigo consolo de jacarandá, entre dois jarros de porcelana franceza. Um canapé de garras, com escarradeiras de louça aos pés, chefiava meia duzia de cadeiras de vinhatico. As venezianas das janellas estavam fechadas. O sol entrava pelos vidros de côres das bandeiras e manchava o chão atijolado de placas azúes e vermelhas.

SÉSAMO

(Do romance a sahir: O Santo do Brejo).

O dr. Sobral Pinto é um nome em evidencia nos circulos medicos da capital. Hygienista de merito, o illustre patricio acaba de publicar a 2.ª série das suas «Reflexões medico-sociaes» e «Um dia e outro», enfeixando nesse volume varios e interessantes trabalhos sobre assumptos de hygiene e educação social.

Despedida

O epilogo do nosso lindo sonho de amor não deve tardar.

Por isso, quero deixar uma grande saudade dentro de você.

Uma saudade grande dentro da sua alma, e uma lagrima pequenina boiando nos seus olhos...

Amor!... Eu enchi a sua vida de imprevistos deliciosos. Arranquei dos seus labios scepticos sorrisos de felicidade. Abri a sua alma á belleza do presente. Fui tudo para você! Eu sei que fui!...

Você se lembra de uma garota friorenta e travessa, que, num dia de chuva e de garôa, pediu licença para agazalhar-se dentro do seu coração?

Pois eu me lembro muito bem!

•

Você, um pouco desilludido, concordára: "Entre, mademoiselle. Meu coração está vazio e deshabitado ha muito tempo. Talvez seja melhor espanál-o antes..." "Oh! Não precisa..." — choramingou a garota friorenta — "Estou gelada e as teias de aranha ajudam a aquecer..." — "Ou esquecer..." — susurrou você." — "Vamos, quero entrar!" — "Lá dentro, gatinha borralheira, deve estar mais gelado ainda. Não entre. Póde constipar-se..."

Mas a garota, que tinha os labios roxos de frio, não escutou nada. Deu um empurrão na porta do seu coração, e entrou. Lá dentro — que horror! — tudo desarrumado! E' quantos segredos interessantes para desvendar!

Quantas imagens de mulheres bonitas! A garota esqueceu-se de que o tempo passava e de que ella precisava voltar.

Voltar!... Voltar de uma peregrinação de amor...

Estou acabando de arrumar o seu coração antes de fugir.

Com uma grande surpreza descobri, bem escondidinha, a minha imagem de garota friorenta! E, aos poucos, essa imagem foi crescendo, foi crescendo, tomou o espaço todo, cobriu todas as outras imagens de mulheres lindas, e ameaça arrombar a porta do seu coração!...

•

Vou embora. A chuva já parou. O sol cae sobre a terra como um grande beijo de amor ou como uma caricia preguiçosa.

E' preciso que nos separemos. Não podemos deixar que as paginas do nosso romance de ouro se afeiem... Seria desagradavel...

Vou embora. Mas, antes de ir, quero ser muito bôa para você. Quero deixar uma saudade grande dentro de sua alma, uma lagrima boiando nos seus olhos, e a minha imagem para sempre dentro do seu coração...

CONCHITA CID

A senhorinha Judith Lacerda, com a graça do seu sorriso e apuro da sua educação, é um dos ornamentos dos salões elegantes da cidade. Conquistando, no ultimo concurso de canto do Instituto Nacional de Musica, o primeiro premio, medalha de ouro, como alumna da consagrada professora Marietta Campello Barroso, a senhorinha Judith Lacerda recebeu as maiores demonstrações de apreço pela victoria dos seus estudos e affirmação publica do seu talento.

A data de 14 de Julho não teve, este anno, commemoração festiva por parte da embaixada franceza, ainda enlutada com o recente desastre do submarino «Prométhée». O embaixador Albert Kammerer apenas recebeu os membros das colonias franceza e syrio-libaneza que foram cumprimentar s. ex. por motivo da passagem de mais um anniversario da tomada da Bastilha.

TREPAÇÕES

Francisco e Guilherme, os dois filhinhos do sr. Guilherme Capistrano.

QUANDO alguem queria citar um modelo de virtudes no seio do funccionalismo, o nome que primeiro accudia á nossa mente, era o do honrado velho.

Aquillo que parecia raro na classe, a honestidade, elle tinha na mais alta dóse, tanto que podia dar e vender aos companheiros...

O mundo é máo e, por isso, a calumnia envolve nas malhas os que mais se esforçam como humildes obreiros para que o barco do Estado navegue com as velas soltas ao vento.

Mas, um dia, foi-se tudo quanto Martha fiou...

Confiaram demais e foi o que se viu!

Havia um passaro canoro, numa gaiola de ouro, que transportava arrebatava ás nuvens o honrado servidor do Estado.

Os passaros justamente cantam para seduzir...

Elle ouviu o canario e perdeu a noção das realidades da vida.

Como é triste a gente perder o juizo!

NAQUELLE trecho socegado de rua, o *bungalow* raramente abre as janellas durante o dia, e, á noite, uma ou outra vez projecta um raio de luz no verde das ramagens do pequenino jardim.

Dir-se-ia que alli ninguem móra, por isso que o *bungalow* dórme com o seu ar mysterioso, impenetravel.

Os vizinhos, entretanto, não estão conformados com o caso, e disputam a primazia da decifração da charada.

Alguem pensa ter levantado a ponta do véo mysterioso, descobrindo a visita periodica de conhecido banqueiro, visita que se reveste de todas as cautélas, tanto assim que elle deixa o automovel numa esquina proxima...

Outro *sherlock* diz que a dona do *bungalow* é um *numero* de embasbacar.

Morena, olhos de azeitona, nariz grego, bocca sensual, esguia, divina!...

Uma joia que deve realmente ser guardada com todo sigillo e cuidado, para não ser cobiçada nem roubada...

A festejada actriz portugueza Julièta Valença, do elenco da companhia de revistas que occupa o theatro Republica.

Por emquanto, tudo se passa no escuro, embora o banqueiro e a morena já deixem traços da sua existencia real para a fabulação de um romance de amor, de sabor antigo, pois o mesmo não deve ficar banalizado pelo commentario imbecil das calçadas.

Nós registamos a felicidade do banqueiro e promettemos não desvendar de todo o mysterio, para que os vizinhos continuem a dar tratos á bola no nervosismo da decifração da charada...

Gajo de sorte!

A baratinha elegante está sendo empregada no serviço de transporte de uma garota do outro mundo.

Pela manhã, quando o lindo vehiculo passa, a garota já se acha no lugar do costume, e salta mui contente para dentro do mesmo.

Pela bôcca da noite, quando a pequena sáe do trabalho, a baratinha vae apanhal-a nas proximidades da Cinelandia e bate em retirada rumo ao bairro chic.

Toda essa historia nada teria de extraordinario, si o dono da baratinha fosse um rapaz solteiro.

Entretanto, o nosso heróe é casado, tem uma esposa mui zelósa, capaz de viral-o pelo avesso, si descobrir a marósca...

Mas, tantas vezes vae o cantaro á fonte, que uma dia...

E' justamente o que está para acontecer.

De um momento para outro, *madame* póde descobrir que a baratinha do marido anda tonta pelas ruas da cidade e era uma vez a historia de um casal feliz...

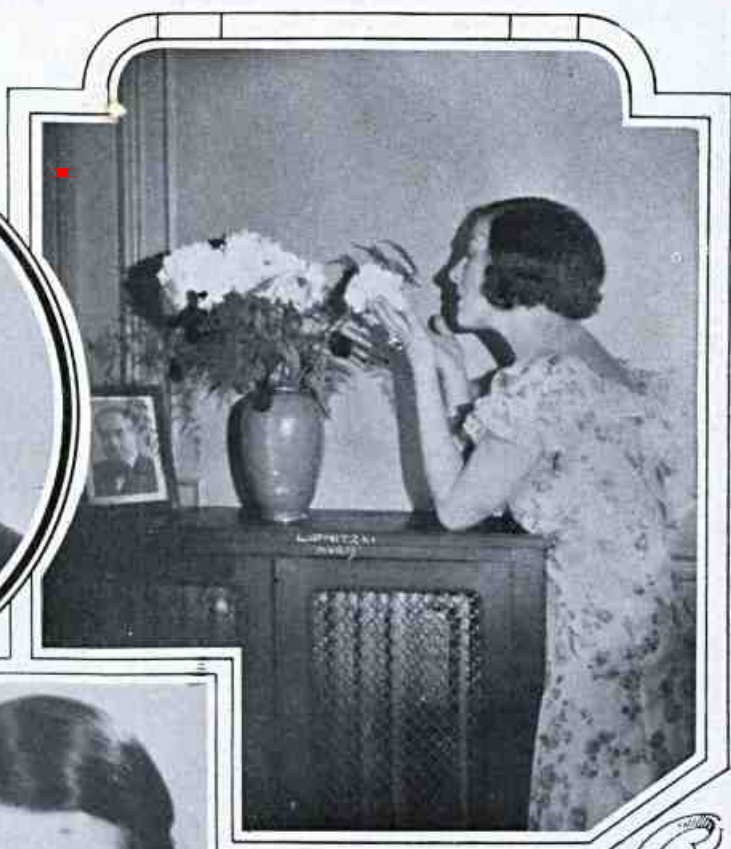
O nosso amigo deve tomar juizo emquanto é tempo, deixando a garota em paz.

De bom grado estamos disposto a salval-o, guardando a pequena sob a nossa protecção.

Podemos até adquirir uma baratinha para a garota não sentir a transição... ou melhor, a transação...

Não é sacrificio, porque a garota é do outro mundo...

A linda e intelligente Lucia, filhinha do capitão Castellino Borges Fortes e de d. Hilda Mello Mattos Borges Fortes.

A COMEDIA FRANCEZA NO MUNICIPAL

A temporada da Companhia Franceza de Gaby Morlay, cuja estréa se dará na proxima terça-feira, dia 26, no Municipal, promette ser das mais brilhantes. Além da notável actriz parisiense que dá nome ao conjuncto, figuram no elenco o actor Jean Debucourt, que tão gratas recordações deixou entre nós durante a temporada Spinelly; o galan Maurice Dorbác, as actrizes Delia Col e Janine Leduc, duas figuras victoriosas dos palcos francezes, e mais um grupo de galantes actrizes e correctos actores que formam um dos mais homogeneos conjunctos que nos têm visitado. As nossas photographias representam: no alto, Jean Debucourt e Gaby Morlay; ao centro, Delia Col; e, em baixo, Maurice Dorbác e Janine Leduc.

E a vida continuou...

conto de Mario Poppe

— LEONTINA, decifrei a charada...

— Não sei o que você quer dizer!

— A nossa palestra hoje, pela manhã...

— Continúo a não perceber coisa alguma.

— Percebo eu, é o sufficiente...

— As suas loucuras de sempre, fatalmente...

— As minhas loucuras, mas você não partirá.

— Vae recomeçar a scena, Raul?

— Não. Vou apenas adiar a sua resolução. E não me importa o resto...

— Porém, o meu compromisso?!

— Eu sei... As mulheres são impiedosas. Cultivam a crueldade para castigar com ella o seu melhor amante! Do que valem as horas côr rosa, o poema de felicidade vivido durante os dois mezes da nossa união, quando você encontra na rua um homem que lhe acenou com uma carteira cheia de dinheiro?

— Oh! Romantico...

— Nunca! Está você muito enganada.

— Pobre amigo...

— Sou um romantico moderno... Deixo-me conduzir pela minha paixão, é certo, mas procuro tambem interpretar e satisfazer ao "sexto sentido" das mulheres para que encontrem nos meus braços um pouco de felicidade, a satisfação dos seus anseios e caprichos...

— Sim?

— Inutil mentir. Que ingenua criança você pensa ter ao lado... Porém, tenho obrigação de prolongar este minuto romantico da minha vida, da nossa vida...

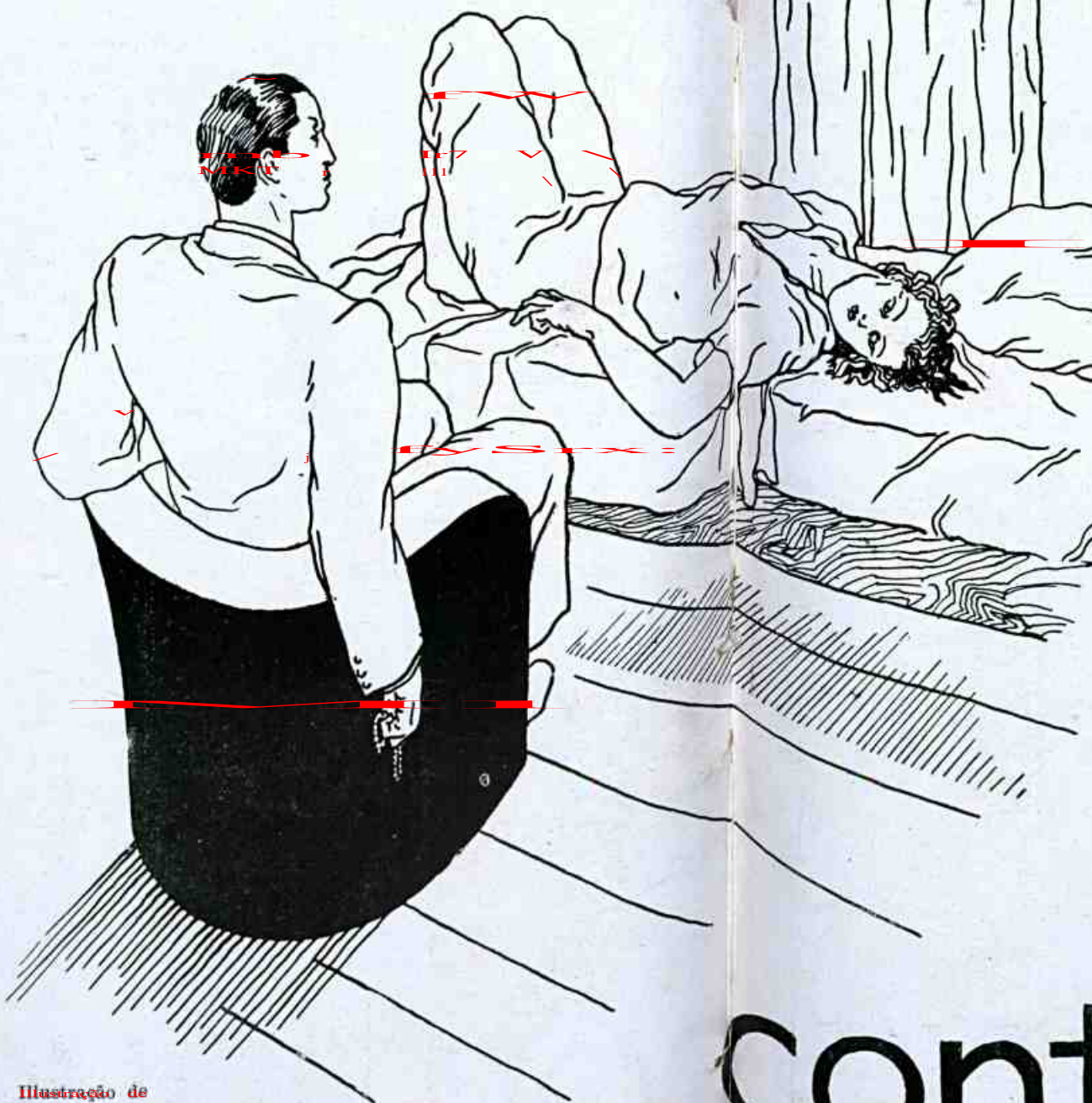
— Como?!

— Como... Renunciando ao brio, á vergonha, a tudo, comtanto que se opere o milagre da sua permanencia nesta casa!

— Impossivel!...

— Ora, o impossivel não existe para mim.

— Se eu não quero...

— Illusão, minha amiga. Você vae ficar, tenho a certeza. Ao menos ainda esta noite vamos repetir o milagre, filho exclusivo dos nossos nervos... Vamos abrir a janella do quarto para respirar um pouco o ar lavado de Copacabana, deslumbrados ainda uma vez pelo espectaculo do oceano batido pela luz branca da lua! Romantismo... Mas é quando você melhor sabe offerecer a bocca para que eu experimente a doce sensação da aproximação da morte, da morte lenta, provocada por um veneno delicioso...

Illustração de PAULO WERNECK

— Quanta loucura!

— Você vae confessar... As mulheres, a unica coisa que sabem fazer com elegancia, é mentir. Por isso, mentindo, conseguem dizer a verdade... ás vezes. Que é o amor senão a mais linda mentira da terra? Que me importa a sua fadiga, si ainda não me cansei de cobrir de beijos o seu corpo?! Você vae confessar...

— Que?!

— Que é mentira...

— Que?!

— O que disse esta manhã.

— Mentira?

— Sim.

— Não...

— Uma fantasia, apenas...

— Sejamos razoaveis, Raul.

— Nem desejo outra coisa.

— Tenho necessidade de cuidar do meu futuro...

— De accordo...

— Você deve comprehender que não posso perder a occasião de uma bôa proposta...

— Certamente...

— Um homem de posição, rico, que vinha me seguindo os passos na rua. Evitei-o quanto pude, por sua causa, Raul, porque, emfim, não lhe queria dar este desgosto... Hontem, não sei explicar, no momento que sahia do "Imperio", elle convidou-me para tomar chá. A voz era branda como uma supplica. Atordoada pelo imprevisto, não soube resistir, acceitei... Depois fez-me propostas. Automovel, joias... Seria tolice recusar, não acha?

— Acho...

— A mocidade passa, o dinheiro fica.

— Tolice.

— Tolice?!

— O dinheiro gasta-se...

— Oh!

— Elle trazia uma carteira cheia de dinheiro...

— Sim...

— Pois, elle perdeu a carteira.

— Perdeu-a?!

— E'...

— Como assim?!

— Porque achei uma carteira que deve ser a delle...

— Com dinheiro?!

— Muito!

— Será possivel?!

— E com uma parte do dinheiro comprei aquelle collar de perolas que você desejou outro dia, na rua do Ouvidor...

— O collar?! Não, Raul, não, é mentira... Onde está elle, onde está?!

— Tinha a convicção de que você não partia, Leontina. A certeza de que você ia ficar alguns dias, algumas horas mais... O resto não tem importancia, pois comprehendo o "romantismo" do seculo.

— Oh! Você é bom, meu querido Raul!

— Querido...

— Raul!

— Decifrei a charada.

E a vida continuou...

OSCAR CESAR

Revendo, agóra, em tua vida em flor
O que te dei de meu, de mim oriundo,
— Não se me dá de abandonar o mundo,
Pois deixo em ti, no mundo, um successor.

No quanto tens de nobre e de profundo,
Só, porem, no que sou superior:
Quero-te, e já me orgulho de suppôr
Que o és, de intelligencia mais fecundo.

De mim herdaste a carne e o nome apenas:
— Fructo do meu amor, ao dar-te o ser,
Dei-te heranças mortaes, porque terrenas...

Deu-te alma Quem tudo é no seu poder:
Meu filho, em ti, e alheio a novas penas,
Possa eu, afinal, mais puro reviver!

RENATO TRAVASSOS

Oscar Cezar Ribeiro Travassos, filhinho do poeta Renato Travassos, que escreveu para elle os versos desta pagina.

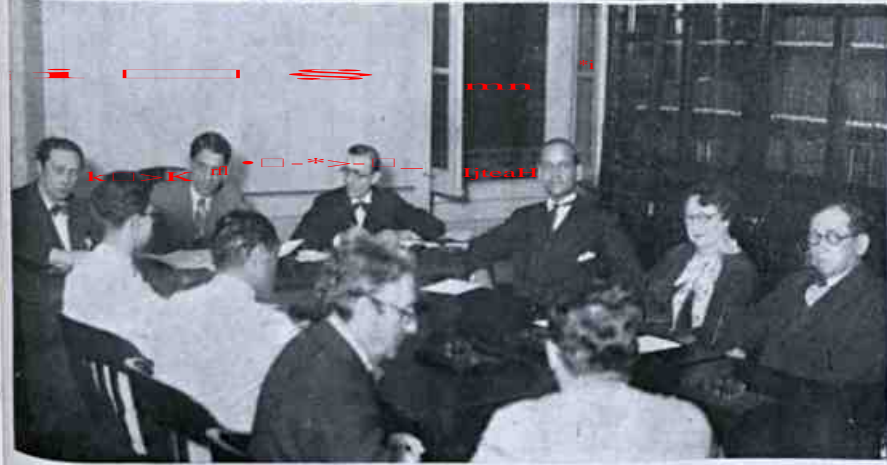
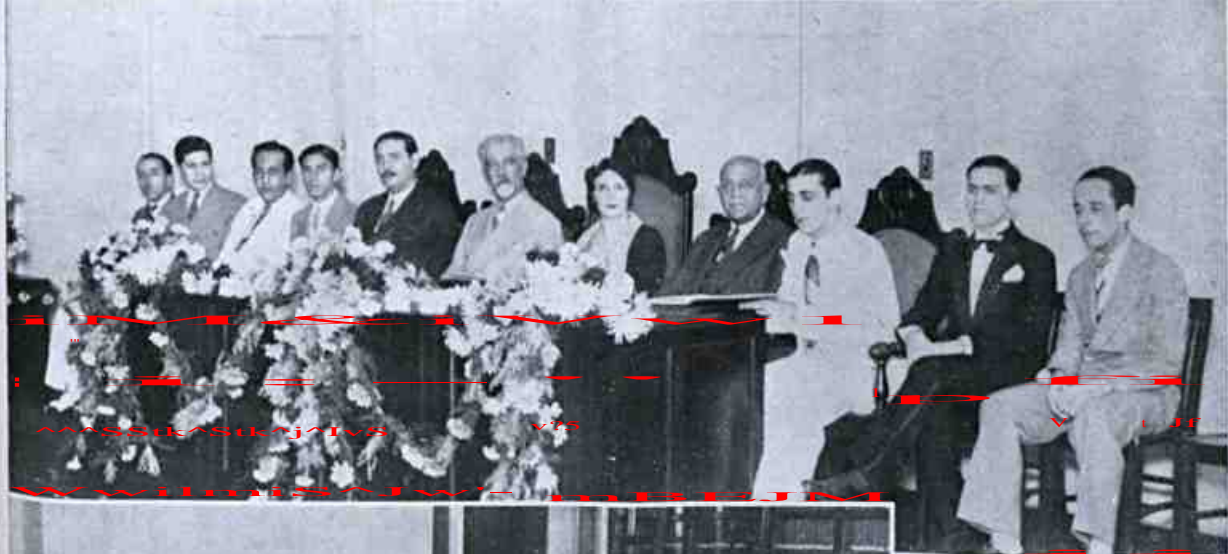
"A NOITE"

Commemorou, a 18 do corrente, mais um anno de lutas, o brilhante e apreciado vespertino "A Noite", que desfruta de largo prestigio nos meios jornalisticos brasileiros.

Jornal moderno, palpitante, dispondo de optimos redactores e de um corpo de reportagem activissimo, tem, actualmente, na sua direcção a competencia de Carvalho Netto, uma das grandes affirmações do nosso jornalismo.

A todos os que trabalham no popular vespertino, apresentamos as nossas felicitações.

De regresso de sua viagem ao Norte, aonde fôra em inspecção dos serviços de soccorros aos flagellados pela sêcca, chegou sabbado ultimo a esta capital o ministro José Americo de Oliveira, que teve a sua viagem interrompida por mais de um mez na capital da Bahia, em consequencia do lamentavel accidente de aviação de que foi victima. A nossa photographia fixa um aspecto do desembarque do titular da Viação, vendo-se s. ex. no automovel que o levou á sua residencia, em companhia de sua exma. esposa e do seu official de gabinete, sr. Nelson Lustosa.

A embaixada da Associação Universitaria do Rio de Janeiro em visita á Faculdade de Direito de Bello Horizonte, por occasião de sua recente excursão a Minas Geraes. No medalhão, o academico Justino de Araújo Villela, presidente da Associação Universitaria e chefe da embaixada.

A mesa que presidiu á cerimonia da posse da directoria da Associação Universitária Goyana, occupando os logares de honra o general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, e a poetisa Anna Amélia, presidente da Casa do Estudante do Brasil.

Aspecto da reunião preparatoria para a fundação da Radio Nacional, realizada na séde da A. B. I., sob a presidencia do dr. Ribas Carneiro e secretariada pelos srs. Paulo Bevilacqua e Mario do Amaral.

DO DINHEIRO

E' irrisorio que o homem se deixe conduzir aos máos pensamentos e ás más acções por algumas moedas e alguns pedaços de papel, que outros homens fizeram e lhes deram valor.

Sabemos que — na maioria das vezes — o dinheiro é um bom companheiro, cuja falta só attentamos quando delle precisamos. Mas, raciocinemos, nem sempre esse companheiro nos póde ser fiel: — elle póde falhar orientado por circumstancias alheias a sua vontade...

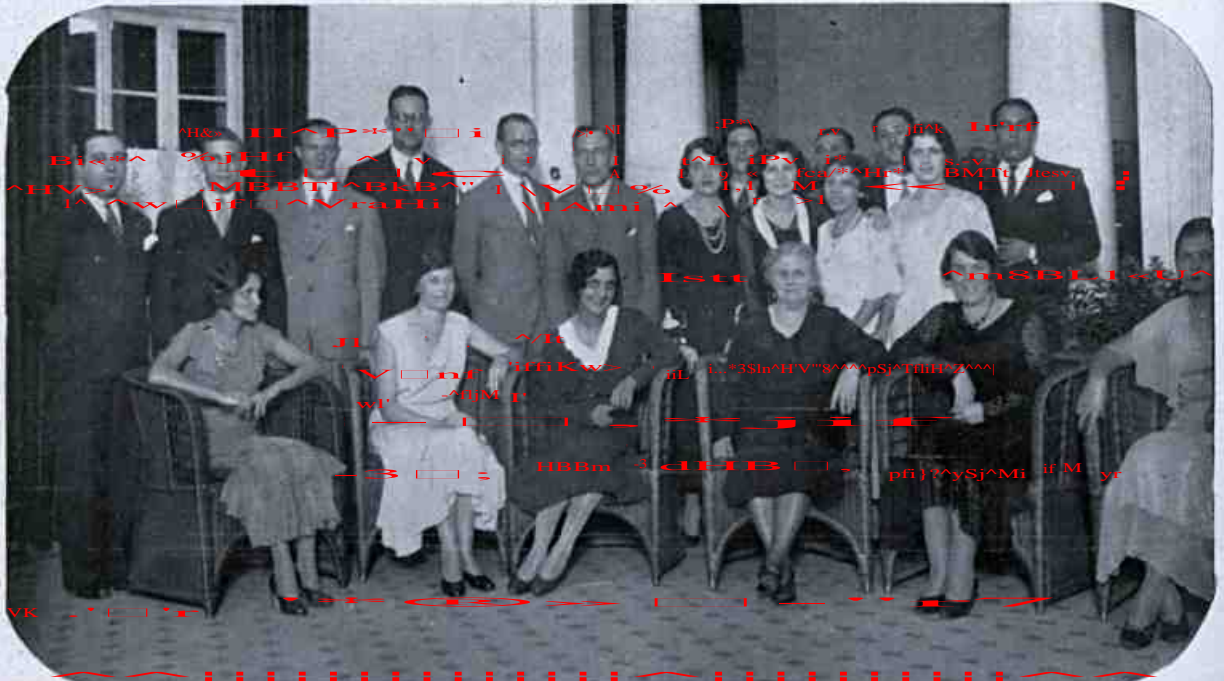
Quem tiver intelligencia illuminada, inclinada ás bôas iniciativas e fôr capaz de repellir a tentação para, sem outra preoccupação, conseguir o dinheiro, póde se considerar feliz.

Ai da humanidade, si o espirito não existisse, para se contrapôr ao orgulho dos opulentos!...

ALEXANDRE PASSOS

O sr. M. Luiz Fernandes, illustrado economista, cujos trabalhos sobre finanças e economia politica, ultimamente divulgados, têem, merecido o applauso unanime dos estudiosos.

A senhorita Lia de Almeida Mattos e o dr. Clovis Newton de Lemos, cujo enlace foi celebrado no ultimo sabbado, nesta capital. A noiva, professora municipal e figura de relêvo em nossa sociedade, é filha do conhecido cirurgião dr. Joaquim Mattos e de d. Anna de Almeida Mattos. O noivo, advogado e promotor em Cachoeira, na Bahia, é filho do desembargador Arthur Newton de Lemos.

«Poesia» é o titulo simples de um poema que o poeta paraense Bruno de Menezes nos offerece, e onde canta lindos motivos lyricos, cheios de emoção e sentimento e com uma arte toda pessoal.

Grupo das pessôas que tomaram parte no jantar de despedida offerecido ao sr. B. Barnett, gerente da E. C. De Witt Co. Ltd., pelos empregados dessa empresa, na vespera de seu embarque para a Inglaterra. O sr. Barnett seguiu para Londres na ultima terça-feira.

A MULHER CHIC

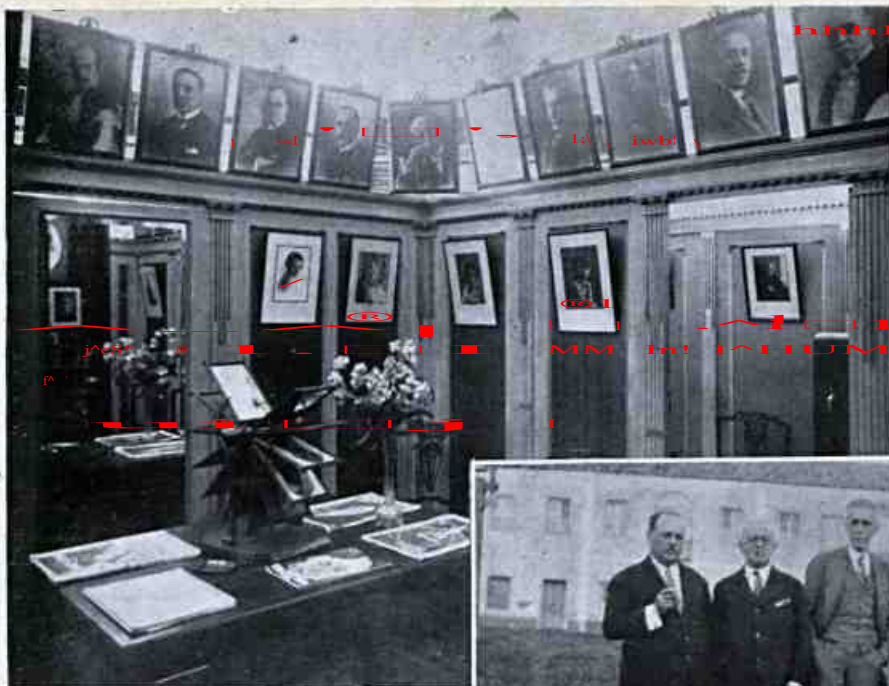
CREAÇÕES JEAN PATOU

Lainage «caroubier». Renard bleu. Blouse lamé persan.

Manteau de velours marron garni de renard bleu. Chapeau de taupé marron.

(Photos especiaes para FON-FON).

O Cruzeiro Turistico organizado pelo Touring Club do Brasil resultou numa viagem triumphal através do Brasil, desde a cidade do Rio Grande até a capital amazonense. A patriotica iniciativa da instituição dirigida pelo dr. Octavio Guinle despertou, por toda parte, extraordinario enthusiasmo, conforme se póde inferir das magnificas festas e recepções reservadas aos excursionistas em todos os portos de escala. Damos, nesta pagina, alguns aspectos suggestivos da bella viagem de turismo: a gentil senhorita Yvonne Coelho, acclamada «Miss Jaceguay», entre o escriptor Berilo Neves, e o commandante Baena, do vapor fluvial «Victoria», a caminho da Fordlandia. Grupos de excursionistas junto á estatua de João Francisco Lisbôa, em S. Luiz do Maranhão, e a bordo do «Victoria».

Outros aspectos do Cruzeiro Turistico promovido pelo Touring Club do Brasil. Os excursionistas no theatro Amazonas, de Manáos, e no Club Victoria, da capital espiritosantense, durante os bailes offerecidos em sua honra pela sociedade local.

O Rio mundano, elegante e fino, certo conhecerá o delicioso recanto de arte do Edificio Guinle, na Avenida, onde Annunciato de Souza, — o conhecido photographo patricio — installou o lindo «studio» de que estampamos, nesta pagina, o aspecto ao lado. Esse flagrante, colhido numa visita ao «atelier» do apreciado artista, dá bem uma idéa da magnifica installação da Photo-Annunciato.

«FON-FOM» EM CAMPO

A commissão nomeada pelo governo para examinar a bibliotheca e os archivos do dr. Alberto Lamego, na fazenda dos «Ayrizes» — drs. Max Fleuiss, Rodolfo Garcia e Mario Behring. Apparecem mais na photographia os drs. Alberto Lamego, Thiers Moreira e Lamego Filho.

Flagrantes da sessão solemne que o Centro Cearense promoveu na noite de 12 do corrente, no salão nobre da União dos Empregados do Commercio, para dar posse á sua nova directoria, recentemente eleita. A mesa que presidiu aos trabalhos da solennidade e parte da assistencia, em que se vêem, entre outras illustres figuras da colonia cearense do Rio, os drs. Fernandes Tavora e Augusto Linhares.

FON-FON NO CINEMA

DANÇANDO NO ESCURO

(Dancers in the Dark)

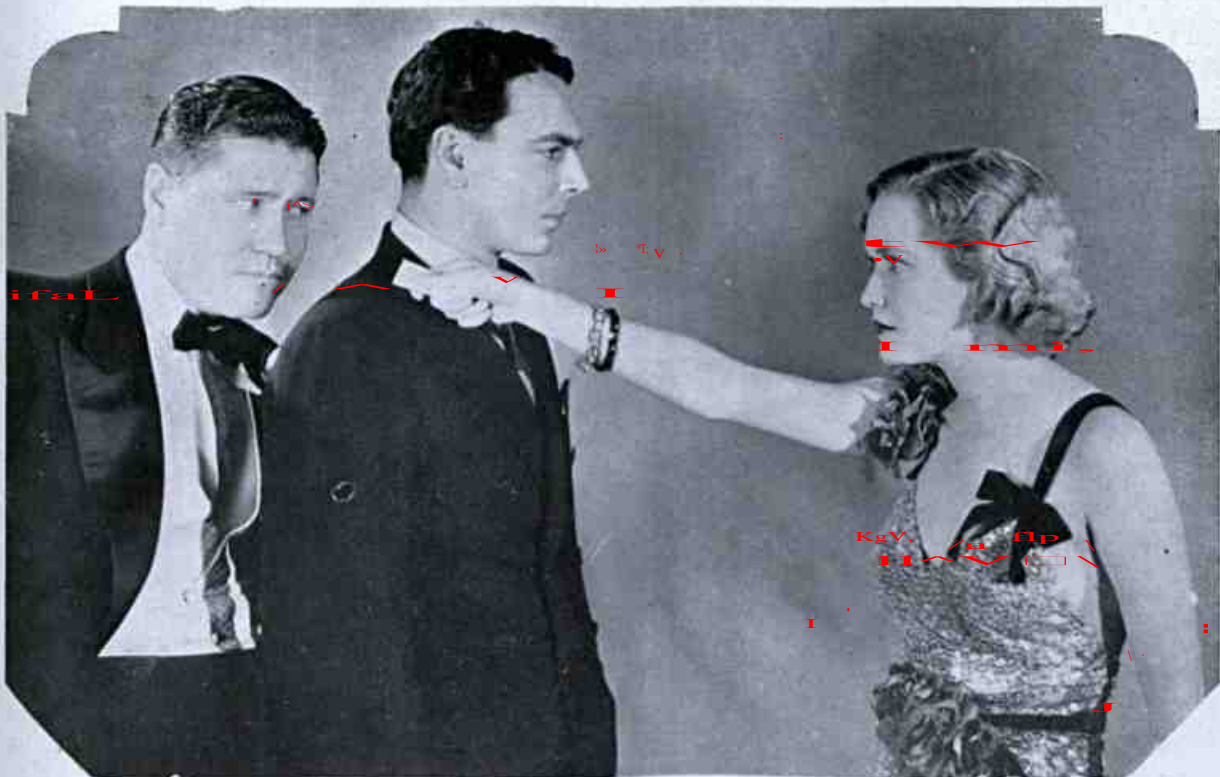
Super-producção da PARAMOUNT

com *Mirian Hopkins* *William Collier Jr.*

Aquelles braços eram cadeias de ferro...

As pilherias azougadas, as partidas audaciosas constantemente trocadas, mal encobrem a sincera amizade que une Duke e Hoyd, aquelle, saxophonista da sua propria orchestra no "Palacio de Dança".

Hoyd apaixona-se por Gloria, uma bailarina cuja reputação está muito longe de ser immaculada. Gloria, resolvida a agir direito com Hoyd, confessa-lhe o seu passado quando o rapaz annuncia que a quer tomar por esposa. Gloria rechassa-lhe, porém, as pretenções, pois não tem certeza de poder assumir com dignidade o papel que o rapaz lhe quer dar.

Lonie, um larápio de apparencia janota, procura Gloria no Pa-

O seu olhar dizia odio.

Procurava, com um sorriso, socegál-os.

lacio de Dança, Lonie, conhecido dos frequentadores como um freguez generoso que sempre quer ouvir os "Blues de St. Louis", ridicularizar Gloria quando esta lhe conta as pretenções de Hoyd.

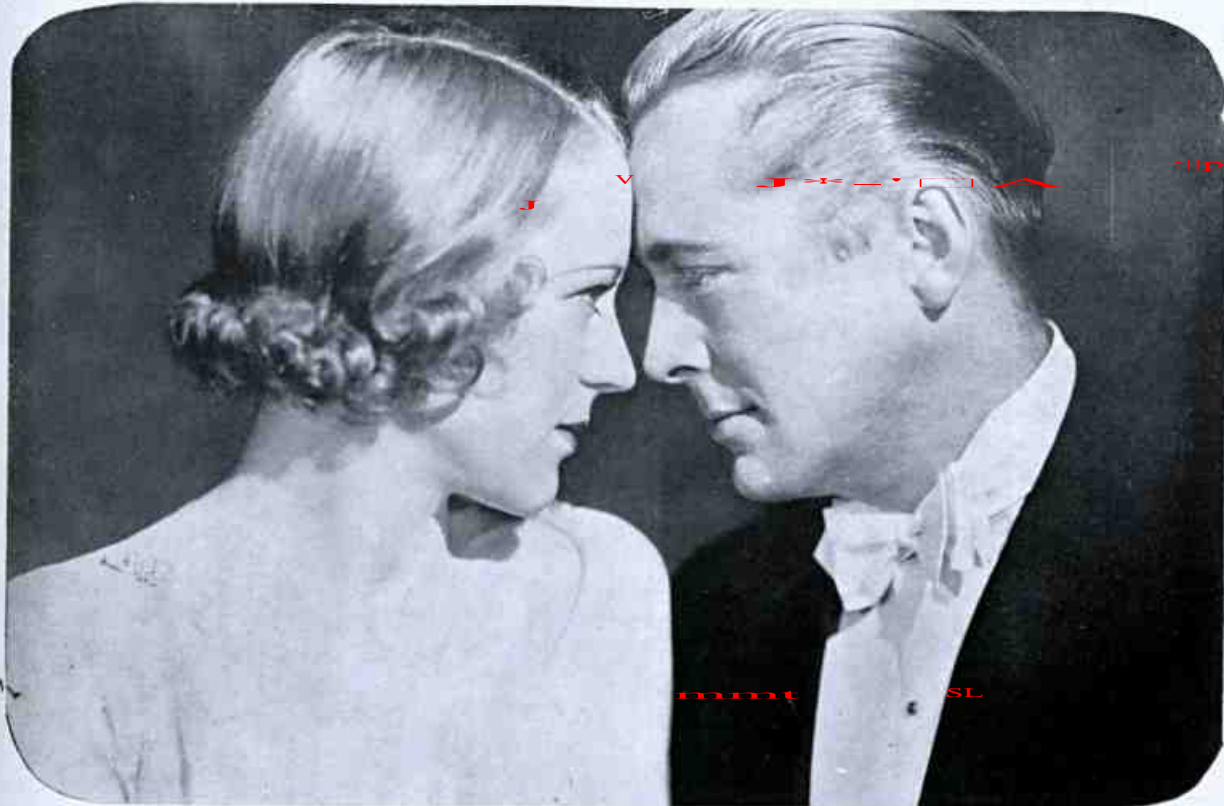
Duke tambem não approva o romance de Gloria, e assim arranja uma collocação para Hoyd n'uma orchestra que vae para fóra, e promove a sua demissão do emprego. Gloria promette a Hoyd que esperará pela sua volta e abençôa essa separação, que lhe permittirá verificar si ella é capaz de amar algum homem por mais de alguns dias.

Lonie e um seu cumplice roubam uma joalheria, mas deixam no local do crime um lenço que os compromette.

Duke começa a cortejar Gloria, para pôr á prova o affecto da rapariga por Hoyd. Busca abraçál-a e Gloria sente-se inclinada a ceder, mas, recordando-se de Hoyd, recusa-sa Duke energicamente. E Duke tem, então, a revelação da regeneração da rapariga, e de que elle, Duke, se apaixonou por ella! Duke tenta persuadir a bailarina a desposal-o, e chegando Hoyd, produz-se uma scena violenta, em que Hoyd accusa Gloria por sua deslealdade. Despeitada, Gloria annuncia a Lonie que voltará para junto delle.

Chega a policia e Lonie se esconde no vão de uma janella. A policia retira-se para voltar logo depois. Lonie atira sobre Duke, mas cáe da janella e morre.

Gloria e Duke debruçam-se sobre o corpo de Lonie, que apenas recebeu um ligeiro ferimento. O musico declara a Hoyd que Gloria nutre por elle verdadeiro amor. Os dois se reconciliam, ao tempo que a população, n'um chorado enthusiasmo, celebra o advento do Novo Anno.

Consolação.

A arte os ligaria para sempre.

O PAR DA FAMA

(Dance Team)

Direcção de SIDNEY LANFIELD

PRODUCÇÃO DA FOX

com

JAMES DUNN — SALLY EILERS MINNA GOMBELL e NORA LANE

DETERMINADOS a triumphar como bailarinos famosos, Jimmy Mulligan e Poppy Kirk unem-se com um contracto verbal e formam um par de dançarinos. Querendo experimentar cada qual a sua aptidão, vão a um baile popular e, motivando uma briga, são expulsos de lá.

Entretanto, com uma grande força de vontade para vencer, os dois vão para o apartamento de Poppy, pois Jimmy era do interior, não conhecendo mais ninguem em Nova-York além de sua companheira de dança. Acontece que, na mesma casa em que morava Poppy, uma dezena de artistas alli habitava e vae o nosso heróe encontrar-se com o velho artista Wilson, que no seu tempo fôra uma das glorias da ribalta, e Vera Stuart, uma joven estrella, no momento sem trabalho.

Horas de desanimo.

Não medindo as ingratidões da fama e da gloria, Jimmy resolve emprehender uma aventura louca e assim, sem dinheiro, resolve ir ao Café Russo, ponto da aristocracia, com Poppy, para que, quando fosse exigida a nota de pagamento, elle pudesse fazel-o com a exhibição de um tango. Fracassa mais uma vez, muito embóra o joven par houvesse nessa mesma noite ganho uma taça num concurso de dança.

Data dahi o caminho do successo, porque são contractados para formarem um par de dançarinos num restaurante elegante. Começam então rusgas por ciumes, porquanto Poppy, por gentileza, recebe homenagens de Alec Prentice, proprietario do restaurante. Indignado, Jimmy aggride-o em pleno salão, o que motiva a sua demissão e rompimento do contracto. Desgostoso, passa a embriagar-se, como que procurando esquecer o que Poppy na sua generosidade de mulher perdôa, promettendo formar o mesmo par famoso de outrora sob a firma celebre de Mulligan e Kirk...

O CINEMA E' AINDA UMA FANTASIA

"O cinema é ainda uma fantasia, apesar do facto de se aproximar cada vez mais da realidade, de serem as historias baseadas sempre em acontecimentos reaes, frequentemente tirados dos jornaes, e da actuação "natural" ter substituido os methodos theatraes."

O amôr dava-lhes esperanças.

Assim disse Lionel Barrymore. Sua opinião baseia-se na sua experiencia, como actor e director.

Até o vigoroso realismo de alguns dos papeis que elle tem interpretado perante a "camera", como o de "Stephen Ashe" em "A Free Soul", não basta para o convencer que os films retratam a vida absolutamente... e conseguir um exito colossal na téla.

"E' verdade", disse o famoso actor, "que fazemos tudo do modo mais convincente possivel. Comtudo, por muito realismo que ponhamos num film, ainda temos que pensar no final dramatico... e ahi então é que quasi invariavelmente nos afastamos da realidade e levamos a historia aos dominios da imaginação.

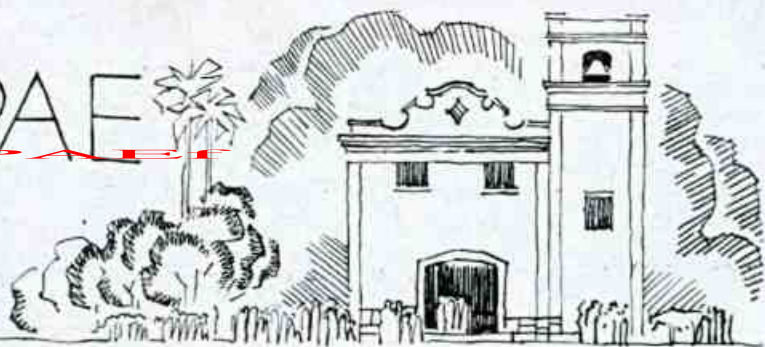
"Mas no drama temos que fazer mais do que segurar um espelho em frente do mundo. Temos ainda que crear alguma coisa. Oscar Wilde, certa vez, disse que a arte não retrata, mas, que idealiza e adorna a natureza. E assim se passa a mesma coisa com relação ao drama theatral ou cinematographico.... e a vida real.

"Tomamos uma situação moderna, por exemplo, ordinariamente baseada em factos, e a aproveitamos e a decoramos para fazêl-a dramatica, creando certos personagens. O autor dum livro faz a mesma coisa.

"Por traz de tudo isto está o publico. E' o publico que dita a moderna forma de ficção que deseja. Dizemos que o director, o productor ou os chefes dos estudios requerem isto ou aquillo no material da historia. Para se dizer a verdade, é o publico realmente quem o exige. O productor no seu escriptorio é tão escravo do publico como o humilde actor dizendo o dialogo em frente da "camera", dialogo que foi escripto de accordo com as exigencias do publico.

Experimentando...

NOSSO PAE

Mario Sette

NA calma da tarde o sino da matriz começava a tocar vagarosamente. Todo o bairro traduzia, por muito conhecidas, aquellas chamadas lentas, tristes, repetidas, numa expressão de dever penoso a cumprir. E logo, dentro de uma casa terrea, uma mulher, interrompendo o engommado, murmurava:

— Vae sahir Nosso Pae!

Corria á janella uma das filhas moças. Olhava, observava a igreja defronte. Pela porta do centro, de todo aberta, entravam alguns homens, irmãos do Santissimo Sacramento ou creaturas piedosas, quando não espiritos morbidos que gostavam de testemunhar as afflicções alheias. Iam todos tomar capas para acompanhar o viatico.

Bisbilhotando, sem se virar para traz, a mocinha satisfazia á curiosidade materna:

— "Seu" secretario da botica já vi!

— Aquelle, Deus me perdôe, fareja defunto...

— E "seu" André?

— Ah! esse tem obrigação. E' secretario da irmandade.

— Agora chegou padre Eugenio.

— Coitadinho!... Não descança uma hora. Vive mesmo puxado! Uma freguezia destas! Assim magrello é capaz de entisicar.

— Chi, mamãe! Sabe quem entrou na matriz? Aquelle homem que roubou a mulher do capitão da policia...

— Elle pensa que bóta areia nos olhos de Nosso Senhor. Apois sim. Daqui mais p'r'aqui...

E a engommadeira, depois de bemar o ferro nas brazas do fogareiro, batia com a mão aberta num hombro e no outro.

Os sinos repicam. Ella sempre dá uma fugidinha á janella, não obstante ter que entregar a roupa de uma freguezia do becco dos Ferreiros á boquinha da noite. Mesmo porque precisava fazer umas compras na Ribeira da Bôa Vista e ir beijar os pés do Bom Jesus dos Pobres Afflictos, em São Gonçalo. Era a sua devoção. Mas, o Nosso Pae ia sahir. Queria vêl-o.

Descem a escadaria da matriz os primeiros irmãos, de opas vermelhas. Um segura uma cruz de metal, outro a caldeirinha. Seguem-se mais seis ou sete homens tambem paramentados, trazendo cirios ou pegando na umbella côr de ouro que cobre o vigario, de mãos postas, com uma casula vistosa, apertando contra o peito a sagrada particula. Um meninote tóca com força uma sineta.

As almas se commovem. Transeuntes estacam, tiram os chapéos, dobram os joelhos. O bodieiro de um bonde contém os animaes e bréca o carro. O cortejo passa. A campainha vibra bem alto, tangida pela creança, que faz daquella romagem de consolo, de piedade, um motivo de festa e de distracção para os seus 13 annos. Sempre as magoas de um servindo de alegria a outrem...

Numa varanda, uma moradora indaga da vizinha, ambas de cabellos soltos, de matinées brancos e saias de chitas:

— Para quem será, hein, Felicinha?

— Eu maldo que seja para d. Carlota. Anda tão bamba! Dérna que o filho foi para Canudos...

— E não voltou até hoje. Aquelle maldito Antonio Conselheiro dá cabo de todo o nosso 14.

— Si dá! O quartel vae ficar vaziinho... Pois eu maldo que é para ella mesma. Teve um ataque outro dia.

— Me lembrei tambem de Nóla. Botou tanto sangue pela bocca...

— E elle não foi para Chã do Carapina?

— Foi não. Olhe, repare, tomou para as bandas da casa de d. Carlota. E' para ella, coitada!

Defrontando mil commentarios, o viatico atravessa as ruas. Gente mais que se descobre; olhos que se baixam; mãos que batem nos peitos. Na imaginação de todos se representa a scena sombria do agonizante, num leito de rico ou de pobre, num chalé vistoso ou num mucambo tristonho, á espera da hostia divina que lhe abrirá as portas do céo.

E a campainha vibrando, vibrando...

Era assim o Nosso Pae no meu tempo de menino e de rapaz. Hoje já não sahe com tanta solennidade. Leva-o apenas o padre.

Maior pompa teve mesmo em epoca mais remota de que falam os chronistas e os avós. O Santissimo vinha á rua quasi numa procissão. Cruz alçada, irmandades, pallio. E a massa do povo que o acompanhava contricto, rezando, penitenciando-se.

A' sua passagem, a vida da cidade como que se paralysava. Fôrros e escravos ajoelhavam-se e permaneciam nessa attitude de recolhimento e humildade até o cortejo se sumir. Si havia algum quartel perto, a sentinella bradava:

— A's armas!

Formava a guarda com toque de continencia e apresentação de carabinas. E o official de dia destacava um pelotão composto com os respectivos corneteiros e tambores que seguiam o viatico, numa marcha batida, até o recolher.

Nosso Pae de outrora! Recordações de mocidade, de infancia. Saudades.

Ainda me vem á memoria uma phrase predilecta de meu avô paterno — velhinho e cégo:

— Quem sou eu para acompanhar Nosso Pae fóra de horas?

Novidades literarias da Europa

FERDINAND DUCHÊNE

L'incroyable histoire de

TALI-THÔ

LA DÉCOLORÉE
Roman

1 volume s / beau papier .... 15 Fs.

Albin Michel
22 Rue Huyghens
PARIS

O editor brasileiro R. A. Corrêa, cujas edições alcançam, neste momento, grande successo em Paris, vem de lançar *André Gide*, de Ramon Fernandez. O festejado autor de "Nourritures terrestres", enthusiasmado com o enorme successo do livro sobre a sua pessôa, vem de publicar um excellente artigo, em que diz: "C'est la primiére fois qu'on me tend un miroir ou je puisse voir une image de moi compléte et non deformée". André Gide é conhecido como um dos criticos mais severos e exigentes de França, o que equivale dizer que taes palavras representam um valioso elogio ao editor brasileiro que vence em Paris.

Somente agora apparece nas livrarias de Paris *Les Carnets de Gallieni*, o celebre defensor de Paris, dados á publicidade pelo proprio filho do autor. Graves questões tem suscitado esse livro historico, que põe abaixo toda a lenda de Joffre como vencedor da batalha de Marne, na execução da qual elle era contrario. E quantas outras revelações interessantissimas elle nos dá ainda, desfazendo, impiedosamente, e com sobejas provas, a reputação de tanto patriota e politico no periodo da Guerra Européa! E' evidente que essas notas particulares não foram escriptas por Gallieni para serem publicadas, pois, além de serem de uma dureza extrema nas suas revelações, contêm coisas que nunca deveriam ser ditas em detrimento da propria honra nacional franceza.

Albert Londres era considerado o maior reporter da França actual. Audaz e cheio de iniciativa, o jornalismo francez deve á sua penna brilhante as maiores e mais sensacionaes reportagens que já se fizeram no seculo actual. Ultimamente, seduzido pelos acontecimentos da Mandchuria, para lá embarcou, e, segundo cartas que enviou a varios amigos, inclusive ao proprio director do *Matin*, trazia uma "enquête" que iria revolucionar o mundo e modificar enormemente a "opinião erronea" que se fazia no occidente de tudo o que se estava passando no extremo oriente, onde as reportagens e o telegrapho eram rigorosamente controlados. Infelizmente, todo esse maravilhoso esforço do grande jornalista ficará para sempre desconhecido, mergulhado nas profundezas do Mediterraneo, assim como o seu autor, desapparecido estupidamente no grande desastre do "Georges Phillipar".

O editor brasileiro R. A. Corrêa, que acaba de surgir em Paris, e cujas edições estão obtendo esplendido successo.

EUGENIO D'ORS

AU GRAND SAINT-CHRISTOPHE

A critica julga o autor um dos melhores criticos modernos. Eis o seu maior livro!...

Editions R. A. Correa
8 Rue Sarasate
PARIS
15 Fcs.

Uma placa acaba de ser inaugurada na casa onde nasceu, em Hamley, o grande romancista inglez Arnold Bennet.

Sob a direcção de Louis Barthou, acaba de apparecer em Paris o primeiro volume da collecção *Les grandes revolutionnaires*, consagrado a Danton e de autoria do proprio Barthou. Essa collecção, que tem alcançado enorme exito, promette-nos, para breve, varios outros volumes de estudos historicos, e onde serão feitas, como no primeiro, analyses profundas sobre a formação intellectual, caracter, vida privada, a obra de todos os grandes revolucionarios da historia.

O "Prix Populiste", deste anno, foi dado a Jules Romains, que recusou o seu montante de 15.000 francos, pedindo que fosse o mesmo entregue a um romancista joven e *que tivesse necessidade*. Ironia ou bondade?

BRICIO DE ABREU

Monteiro Lobato — AMERICA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 7$

MONTEIRO LOBATO tem a fortuna de saber escrever livros destinados sempre a uma grande repercussão. Dispondo de um estylo crystallino, attingiu ao apuro da simplicidade da arte de escrever. A sua leitura é, por isso mesmo, facil, despertando o maior agrado.

Interessa. Monteiro Lobato conviveu longos mezes com o povo norte-americano e soube interpretar o *sentido* da civilização do paiz de Washington.

Acerca do que viu, escreveu os trinta e cinco capitulos do seu novo livro. Não se trata, porém, de um volume de notas de viagens, como tantos outros, resumindo observações ao alcance de qualquer espirito burguez.

Monteiro Lobato é um psychologo admiravel, de larga visão, cujo cerebro dispõe de antenas sensiveis, ao mais leve contacto das coisas.

Por isso, depois de vêr, elle formula hypotheses, tira conclusões, estabelece parallelos, resultando da sua leitura, quasi sempre, ensinamentos de valia.

MARIO POPPE

expõe, nas principaes livrarias do paiz, os livros:

Do que ellas gostam.
A cidade do amor.
Você me conhece?

A *America* que nos descreve Monteiro Lobato tem algo de novo, embora o conhecimento antecipado que della tivémos, através de paginas de escriptores notaveis. E, nas suas conclusões, o autor não esqueceu o paiz do *jéca*, este lindo torrão que dorme aquecido pelo loiro sol dos tropicos, á espera de um *amanhã* glorioso, que vae tardando tanto... Antes parece que *America* foi escripto para o brasileiro se mirar ao seu espelho, como a melhor licção de civismo ao povo que precisa esquecer os pronunciamentos da baixa politica para caminhar e viver.

America é o livro de um pensador, que honra as letras do Brasil.

Victor Hugo — NOVENTA E TRES — Soc. Impressora Paulista — 1932 — 2$

ESTA nova casa editora inicia a publicação dos grandes romances populares dos mais celebres escriptores, offerecendo ao publico o ensejo de conhecer uma traducção de Victor Hugo. Este é o primeiro volume da *Collecção Economica*, constituido de 474 paginas, formato commodo, impressão nitida.

Paulo de Magalhães — A MULHER QUE MORREU TRES VEZES — Edt. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1932 — 2$

TRATA-SE de uma novella realista, premiada em primeiro lugar no concurso aberto entre escriptores sul-americanos pela revista argentina *La novela internacional*. Combatendo o vicio dos entorpecentes, consegue o autor fazer a sua heroina morrer trez vezes... Como?! Comprehende-se, conhecendo a conclusão do trabalho: "Vania Varescu foi bem a mulher que morreu trez vezes: — para o amôr, com sua desillusão; para todos nós, com a sua loucura; para a vida material, com a sua quéda tragica!..."

Ahi está. Affeito a escrever para o theatro, o autor conduziu bem o enredo, conseguindo despertar o interesse do leitor.

Thomas Coulson — MATA HARI — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

O grande publico não ignora o papel representado pela formosa bailarina Mata Hari, como espiã das hostes allemãs, na grande guerra, até tombar fusilada pelos francezes, em Vincennes. E' o emocionante romance da sua vida, tratado pela penna do major Thomas Coulson, que ora podemos apreciar numa esplendida traducção de R. A. de Mello.

E. Phillips Oppenheim — UM CRIME EM GLENLITTEN — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

MAIS um volume da *Collecção Amarella*, cuja leitura desperta a mais viva curiosidade. Em torno de um crime inexplicavel, o autor do livro dá expansão ao seu genio inventivo, escrevendo paginas empolgantes, onde se entrelaçam o odio, a cobiça, o amôr, a perversidade e a astucia dos homens.

Alexandra Kolontai — A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL — Editorial Pax — São Paulo — 1932 — 6$

TRATA-SE de um livro de pura propaganda das idéas communistas. Escripto por uma embaixadora soviética, foi traduzido pelo sr. Galeão Coutinho para o portuguez, para mais larga divulgação e comprehensão do nosso meio. Um conjuncto de theses arrojadas, defendidas com calor, porém... O volume traz várias photographias suggestivas.

Mario Poppe

O QUE SE DEVE SABER

OS ESCRIPTORES INGLEZES MAIS POPULARES

Segundo *enquete* realizada entre os seus leitores, pelo periodico londrino *T. P's and Cassell's Weekly*, os vinte escriptores mais populares na Inglaterra são os seguintes: 1 — Thomas Hardy; 2 — H. G. Wells; 3 — Arnold Bennet; 4 — Hall Cainee; 5 — A. S. M. Hutchinson; 6 — Conan Doyle; 7 — Joseph Conrad; 8 — S. W. J. Locke; 9 — H. Rider Haggard; 10 — E. Phillipps Oppenheim; 11 — Ian Hay; 12 — William Le Queux; 13 — Gilbert Frankau; 14 — Robert Hichens; 15 — Hugh Walpole; 16 — H. de Vere Stacpoole; 17 — A. E. W. Mason; 18 — Temple Thurston; 19 — Sax Rohmer; 20 — W. L. George.

NOVELLAS FEMININAS

As primeiras novellas com titulos e protagonistas femininos foram: "Fiammetta", de Boccacio (1342), "Melusina", de Jean d'Arrau, (1387), "Diana Enamorada", de Jorge de Montemayer, (1542), continuada por Gil Polo e tambem por Alonso Perez, (1564), "Philomena", de Robert Greene, (1592). Do seculo XVII para cá a lista é enorme.

JEAN COCTEAU

Nasceu a 5 de julho de 1892 em Maison-Laffolte. Aos 17 annos publicou seu primeiro volume de versos. Até hoje é a seguinte sua producção: *Le prince frivole*, *Le cap de Bonne-Esperance*, *Le coq et l'arlequin*, *Potomata*, *Poésies*, *Carte Blanche*, *Escales*, *La Nace Massacreé*, *Vocabulaire*, *Le secret professional*, *Les Mariées de la tour Eiffel*, *Le Grand E'cart* e *Thomas l'imposteur*.

OS DOIS FILHOS

QUANDO, sobre o berço cheio de fitas e rendas, a assistente collocou o precioso fardo que lhe pesava nas mãos affeitas ao officio, só então, o pae da criança teve o terrivel momento de lucidez. Até ahi, desde que se annunciára a vida do pequenino sêr, o seu coração fôra ansiedade e ternura, esperança e consolo.

Ansiára por aquelle filho, por um filho que lhe viesse perpetuar o nome e o sangue e, ainda mais, que nacesse daquella adorada criatura que escolhêra para companheira de seus dias. Um filho, que lhe tornaria mais suave, ainda, a tarefa de viver; um filho que fosse a sua continuação, a perpetuação daquelle grande amôr. E o dia, e o ansiosamente desejado dia, chegára, e, de alegria, quando lhe annunciaram que era mesmo um filho, quasi enlouquecêra. Como seria bello! E forte! E digno! Como o haveria de cercar de zêlos, carinhos e confortos! Como elle seria o predestinado! Como elle cresceria num ambiente todo de amôr e ventura! E de alegria quasi enlouquecêra, até quando o doutor delicadamente depôz no berço cheio de fitas, cheio de rendas o corpinho amado.

Obra de Satan, uma idéa lhe varou o pensamento feliz; e o envenenou, e o anniquillou.

Lembrou um outro berço que muito antes fôra depositario de um outro anjinho... Um outro berço sem fitas, sem rendas, pobre bercinho sem adornos de um filho que lhe nascêra nos tempos de pobreza, de uma criatura que a lei e a igreja não lhe deram. E como elle se sentira feliz, lá tambem, sobre o berço humilde onde nascêra o filho de seus passados erros, o filho entretanto, muito seu.

Depois, o enfáro das situações instaveis, o arrependimento daquella paternidade de acaso, o abandono do pequerrucho que não sabia como vivia...

E, deante do berço atufado de fitas e rendas, o pae tremeu de remorso e de mêdo. Remorso desse abandono covarde, mêdo de que esse, o legitimo, o que esperára tão ansiosamente, o que lhe déra a esposa adorada, fosse responder, no futuro insondavel, pela cobardia que presidira ao destino do outro.

MARIA DA PAZ

QUE E' A POESIA?

Uma publicação parisiense, *La Muse Française*, formulou esta pergunta aos mais autorizados poetas contemporaneos. Foram numerosas as respostas. Publicamos algumas:

"E' uma expansão ordenada. — *Charles Derennes.*

E' um jogo, tal qual como o jogo de bolas. — *Henri Pourrant.*

E' o rythmo da emoção. — *Gonzague Truc.*

E' musica. — *Maurice Brillant.*

E' um dever de intoxicação. — *Blaise Cendrars.*

E' um fluido. — *René Fernandat.*

E' a essencia de cada um. — *Ch. T. Féret.*

Um poema é um momento musical da alma. — *André Faulon de Vaux.*

E' uma musica que pensa. — *Fernand Gregh.*

E' a elevação do individuo sobre si mesmo. — *Jean Psichari.*

E' a realidade da visão. — *Jean Zebrara.*

E' a expressão literaria do ideal. — *P. de Barneville.*

E' a arte de suscitar a maior somma de emoções que, sobre determinados casos, póde a alma experimentar. — *Auguste Dorchain.*

E' a expressão da realidade idealizada ou, simplesmente, modificada pela imaginação. — *Paul Laumonier.*

E' um intento para encontrar a Deus no homem. — *Maurice Lovaillant.*

AS GRANDES CELEBRIDADES MUNDIAES

Um diario inglez, *The Opinion*, para resolver a difficil questão de saber quaes tenham sido os personagens mais celebres do mundo, em vez de appellar para uma consulta á leitores — methodo de resultados sempre deficientes — julgou mais pratico analyzar os catalogos e bibliothecas do British Museum, considerando que os personagens mais celebres são os de maior bibliographia. Assim, de accôrdo com o criterio adoptado, verificou-se que quem mais rios de tinta tem feito correr é Shakespeare, seguindo-se-lhe: Luthero, Cicero, Goethe, Dante, Aristoteles, Homero, Virgilio, Horacio, Napoleão, Cervantes, Milton, Walter Scott, Carlos Dickens, Carlos I da Inglaterra, Platão, Schiller, Voltaire, Tolstoi, Bunyan, Lord Byron, Euripedes, Sophocles, Julio Cesar, Molière, Petrarca, Plutarco, Hypocrates, Tacito, Pope, Wagner, Luiz XVI da França, Goldsmith, Juliano, Xenofonte, Swift, Alexandre Dumas, Swedenborg, Eschylo, Tito Livio, Terencio, Tennyson, Esopo, Aristophanes, Daniel de Foë, Victor Hugo, Cromwell, Tasso, Calvino, Wesley, Gladstone, Plauto, Bacon, Chaucer, Burns, Guilherme III da Inglaterra, Rousseau, Luiz XIV de França e a rainha Victoria.

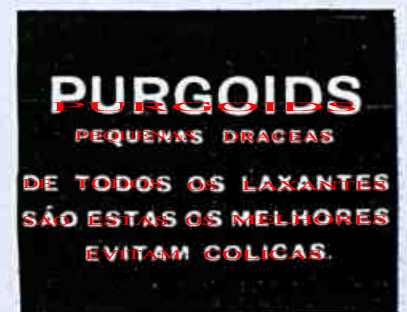
Esta lista, naturalmente, soffreria muitas modificações se, em vez de se consultar o British Museum, se consultassem as grandes bibliothecas de Paris, Berlim, Vienna, etc.

O PHAROL DE ALEXANDRIA

Por occasião da inauguração de um pharol na costa da Bretanha (França) recordou-se que o pai dos pharóes de todo o mundo é o de Alexandria, que foi construido durante o reinado de Ptolomeu Philadelpho, tres seculos antes de Christo.

O pharol de Alexandria, com cerca de 185 metros de altura, foi construido por Sostrato, em um dos angulos rochosos da ilha de Pharos. Não se sabe ao certo se foi a ilha que deu o nome áquella construcção ou se o pharol que o deu á ilha.

No alto da construcção ardia, constantemente, uma fogueira. Calcula-se que tenha sido destruida pelo seculo IX.

FIDELIDADE

NEUZA tivéra uma vida intensa. Com poucos annos vivêra talvez o dobro de sua idade. E sua experiencia fôra adquirida com a sua desenvoltura e o desprezo pelos preconceitos. A sua intelligencia privilegiada, o seu dinheiro e a sua belleza facilitaram-lhe tudo. Depois lia em demasia e era a confidente de grandes amorosas. Os casos mais problematicos lhe haviam sido relatados todas as questões sociaes eram-lhe conhecidas e convivêra com toda a classe de personalidades.

Analyzára a existencia com seu espirito esclarecido e procurára vivêl-a tambem.

De sua observação, Neuza concluira que no mundo existem realmente paixão, delirio, amor eterno, devotamento, sacrificio, renuncias, mas nunca fidelidade completa.

Para ella a fidelidade era como a encarnação da felicidade no passaro azul: paira algum tempo junto á pessôa, depois esvoaça e perde-se de vista.

As mulheres honestas trahem com o pensamento, mas os homens estes não têm limites nas suas variações sentimentaes. Neuza percebêra que ainda os que amam uma só mulher toda a vida, mesmo que não sintam sem ella prazer, pelo simples espirito de novidade e pela liberdade que lhes é concedida, procuram distracções momentaneas com outras.

Afigurou-se-lhe, então, que achar um homem fiel seria encontrar o ideal e no seu devaneio teve diversos, variados amores. Sentiu junto a si as paixões mais exaltadas e os maiores protestos de ternura, mementos subtis que existem entre os amantes; mas logo após notava que a sua graça, a sua intelligencia, a sua femininilidade attrahente, que poucas igualavam, não eram empecilhos para os seus adoradores procurarem os mesmos encantos fóra. Era quando ella fazia ponto final, mesmo porque elles já começavam a entediál-a.

Mas aquellas aventuras diversas, aquelles romances fugazes começavam a cançal-a. Procurando o amor ideal, Neuza veiu, emfim, a apaixonar-se por um homem.

Passou-se uma metamorphose na sua vida; que, si aquelle amor não a dominava, nem por isso a experiencia do seu passado era bastante para evital-o. Mas, por fim, Neuza, abandonando as suas theorias, os seus pensamentos, se entregou unicamente ao seu enlevo sentimental.

Arian correspondia-lhe da mesma maneira, ou quasi tanto, e ella era feliz. Quando passaram os primeiros tempos de exaltação e succedeu a calma habitual, afigurou-se a Neuza, com grande dôr, que ia ser trahida por aquelle homem que tanto amava. E realmente teve provas de que não se enganava.

Quiz romper com elle como fizéra com os anteriores, mas percebeu que aquelle caso era differente, mesmo porque novos homens não a interessavam mais e ella não possuia o espirito continuo de novidade do sexo masculino.

Foi, então, com voz chorosa, que retrucou a Arian, quando, num memento de devaneio, elle a apertára ao peito, apaixonadamente:

— Querido, por que você não póde ser fiel? Por que não vive só para mim?

— Neuza, a amizade profunda em que se baseia a nossa união não me permitte mentiras hypocritas; eu não lhe sou fiel, realmente, mas é porque não posso.

— Por que não póde?!...

— A vida de sociedade com as suas mulheres differentes, o imprevisto, as varias seducções que a cercam, perturba um homem momentaneamente, sem alterar-lhe o sentimento, porém. Si elle procurasse sempre se controlar por um determinado amor, esse affecto acabaria por parecer-lhe um estorvo, e eu quero que a nossa amizade só nos dê motivos de satisfação.

— Estranha a sua philosophia; mas não deixa de ser interessante.

Arian sorriu, fitando-a enamorado.

— E' humana e de um homem profundamente sincero a você.

— Obrigada. Não lhe falaria em caso de infidelidade minha, porque você encontraria desculpa para o seu ciume na differença physica e social da mulher e do homem. No emtanto...

E ella se afastou, para que elle não visse uma lagrima deslisar-lhe pelo rosto. A conclusão da phrase-

De Walter de Sequeira

porém, bailava-lhe no pensamento: No emtanto, o ciume que faz o homem procurar a desculpa para sua infidelidade no seu modo de existir differente, sente-o tambem a mulher mais amorosa e, por isso, tambem humilhada, rebaixada no seu amor-proprio ao se ver trahida pela creatura que ama.

Arian não poderia materializar a traição com os seus pretextos, pois o ciume que a acompanha é um sentimento puramente passional e, por isso, não a comprehende.

Neuza reconheceu que não podia amar um rapaz que lhe era infiel, viu que esquecêl-o tambem era impossivel; iria soffrer eternamente e buscar o consolo no affecto de creaturas para si indifferentes.

Por alguns momentos quedou-se, pensativa. E si tambem o trahisse? Desse modo, igualando-se a elle, não se sentiria humilhada e poderia amál-o.

Desde então, tornou-se leviana e louca, entregou-se a caricias alheias, exaltando-se ante as paixões que despertava, tudo por Arian, e tornava-se perjura: enganava-o para poder amál-o.

Foi assim que, uma tarde de domingo, ella accedeu ao convite que lhe fez Jony, para dar um passeio de automovel.

Feiticeira como nunca, a brisa alvoroçando-lhe os cabellos em torno ao rosto, um sorriso seductor a bailar-lhe nos labios, emquanto os olhos se demoravam ternos na contemplação de Jony. Elle, satisfeito, olhava-a admirado; estupefacto e feliz ante aquella mudança tão subita! Havia muito eram camaradas; sabia que era estimado pela moça, porém ella jamais lhe dera direito para um galanteio. Falava-lhe sempre em Arian e agora... quanta coisa poderia esperar daquelle olhar langoroso e da seducção daquelle riso!...

Saltaram junto ao mar; a irmã de Jony, que ia ao volante, continuou o passeio. Elles ficaram sós. Sentaram-se na areia. Extasiados, ficaram-se por muito tempo; depois, Jony perguntou, surpreso:

— Neuza, eu sempre a amei, mas nunca suppuz... Que posso esperar de você?

Ella tornou a sorrir, feiticeira.

— Não sei, Jony; talvez tudo.

Fóra o mar rumorejava, e as ondas vinham quebrar-se, umas após outra, na sua canção dolente, enchendo a areia de conchinhas minusculas. Começára a escurecer; a praia ficára deserta.

Apaixonado, Jony tomou Neuza nos braços e beijou-a repetidas vezes. A moça abandonou-se, inebriada; pouco depois, aos reflexos do luar, o rapaz poude ver que ella chorava. Então, surpreso, tornou-lhe:

— Que tem, Neuza? Que ha?...

E ella sorrindo, ironica, com a mentira febrilmente a brincar-lhe nos labios:

— Continúe, Jony; é a felicidade de viver.

E, realmente, nesse momento, dois sentimentos se agitaram em Neuza: uma era a dôr de trahir o homem que amava, o outro era a ventura de enganar esse mesmo homem que lhe era infiel.

Si a philosophia de Arian fôra interessante, muito mais interessante fôra a philosophia dessa mulher...

Seara alheia

Uma verdade

A mania do philosophico e metaphysico já vae passando de moda. O que domina agora é a escola realista; a copia exacta e minuciosa do natural: o processo photographico applicado á novella.

O interesse, a acção, o argumento, o drama, isso é, hoje, coisa de somenos.

Convimos em que tudo isso são recursos burlescos e de meritos insignificantes, com que se busca prender a attenção dos leitores vulgares.

O que importa é a descripção detida, o exame escrutador, a analyse infinitesimal de qualquer coisa. — THEODORO LLORENTE.

* * *

De regresso

Eis-nos aqui, volvidos á vida que, agora, se abre deante de nós plena de luz e de esperança. E' tarde. O sol desce para mergulhar no mar azul e a penetrante melancolia do outomno estende-se sobre a chrystalina superficie das aguas.

Em verdade, tudo isto é demasiado bello. Não será um sonho? Não: sobre o indeciso resplendor do astro que se põe, destaca-se vigorosamente o vulto da mulher amada, que me traz o sentimento da paz e a segurança da vida.

Pela noite, dirijo-me á margem do fjord e detenho-me a contemplal-o. Já se calaram todos os écos e está silencioso o sombrio bosque de pinheiros. As fogueiras apagam-se pouco a pouco e o rumor das aguas que se agitam a meus pés parece dizer-me: "Já estás de volta á tua casa."

Recordo a manhã chuvosa de junho em que pisava esta praia pela ultima vez... Passaram-se mais de tres annos...

Trabalhámos... Semeámos...

Agora chegou o tempo de colher... Dentro de meu coração, choro de alegria e de reconhecimento.

Os gelos e os claros luares das noites polares parecem-me, agora, um sonho longinquo, de outro mundo, um sonho que se evaporou... Mas, que seria a vida sem sonhos? — FRIDTJOF NANSEN.

* * *

Cavillações

Confunde-se o caracter com o máu genio. O sujeito violento, irascivel, que fala e gesticula com vehemencia e apparente energia é, para a generalidade, um caracter. Esta má interpretação é o resultado da abundancia de nervosos em relação á escassez de homens de caracter.

* * *

Quando a vaidade impera, seduz as satisfações intimas a uma infima importancia. O espirito acha-se dominado por essa absorvente preoccupação e o que póde constituir um desafogo da consciencia, do sentimento ou da sensibilidade não se aprecia porque não compraz ao amôr proprio. — SYLLA MONSEGUR.

O homem que viveu pelo seu funeral

Por JOÃO DO SUL

TODOS vivem pela vida.

Quaresma, não. Os seus 54 annos, machucados, "shootados" mesmo, foram um constante equilibrio no trapezio, aliás difficil, da existencia...

Elle mesmo nem sabia si tinha vivido.

Uma certeza elle possuia: a de que lutára.

Nos seus momentos de intensa vibração cerebral — momentos raros, que não fazia timbre em tornar mais proximos — sentia-se estranho dentro do proprio envolucro.

Dizia para comsigo: "Eu existo, é certo, mas essa minha vida deve ter por certo, uma finalidade". E abria os olhos, contemplando toda essa orgia da immensidão que o cercava.

A belleza da terra tropical, sempre essencialmente agricola, terra cheia de rumores e de luzes, de luxos e de vicios, de riquezas e miserias, de justiças e ingratidões, mostrava-lhe que algo existia de superior, porem, para elle, sempre, inflexivel, a sórte teimava em ser madrasta...

E que madrasta!

Elle era, mal comparando, um sino em que o badalo não tivesse sido posto, por olvido. Sendo do bronze, não tinha sons; tendo altura, ninguém o enxergava. Era o sino velho dessas matrizes do interior, todo rebocado de novo, mas que o sacristão, por desleixo, não visitava, porque era preciso bater martello para obter os sons...

Pobre, desventurado Quaresma!

Nascêra artista e funccionario publico, como a maioria nasce para poeta ou doutor...

Mas Quaresma era, humildemente, servidor "da Nação". E muitas vezes elle "se damnava"...

O Destino, esse individuo esquisito, que leva a prometter coisas que nunca viu nem póde dar, conservára-se fiél no seu proposito de estropiar vocações, e conservára para Quaresma unicamente o segundo dote: de ser funccionario publico...

Do atricto diario entre o debito e o *credito*, surgira-lhe, um dia, uma nova economia-politica-privada, e com ella a certeza de que salvaria o Brasil da sua situação de beira de abysmo...

Infelizmente, o governo nunca déra ao Quaresma uma opportunidade, bem dessas que em geral agarramos pelos cabellos...

Limitava-se ás funcções de "addido" e "quasi" 4.o escripturario de uma velha repartição, cujo chefe com elle falava do alto da sua mesa de trabalho que tinha um estrado...

Mesmo assim, Quaresma era perfeito no seu cargo nullo, e a elle se adaptára como a tela embutida num caixilho.

Contra o "ponto", (o tradiccional ponto das repartições que cada um assigna conforme a camaradagem do chefe) jamais prevaricára, nem mesmo ao surgir-lhe em casa o primeiro rebento, que se tornou o "baliza" de uma série que lhe fazia, o que o ironista chama "alegria do lar"...

Quaresma podia não ser engraçado. Mas fazia rir. E isso era o bastante. Seus gestos largos, nervosos, espectaculares, eram pinceladas firmes em panorama que descrevesse, e, para tornál-o mais vivo, elle tomava attitudes, e projectava o typo descripto revisto e augmentado.

Assim, por rexemplo, uma briga num cortiço descripta por elle era uma perfeita batalha de Verdum... que a gente conhece só através dos livros francezes...

Veridiava até nos ribombos retumbantes dos canhoneiros, nos rumores rastejantes das granadas, nos gritos de "soccorro" dos feridos nos ultimos gemidos dos que expiravam...

Cada vez se mostrava mais infatigavel na multiplicidade dos typos. Aggressor e aggredido, enfermeiro e medico, canhão e metralha, e muitas vezes ao ouvil-o na sua linguagem pittoresca e descriptiva (a quanto póde a suggestão!) sentiamos o cheiro da polvora queimada...

Tudo isso ,mais do que isso era Quaresma.

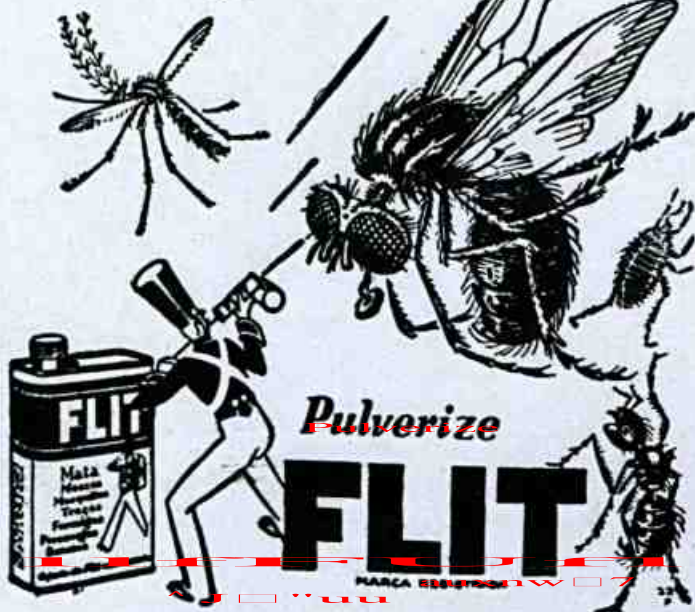
* * *

A despeito de suas raras qualidades, a patria, essa ingrata patria, teimava em ignorál-o. E Quaresma jamais se revoltava. Assignava o ponto com uma calligraphia digna de ser vista, e sempre estava no seu posto, asseiado, irreprimivelmente "passado a ferro", saudando seccamente os collegas.

Com que appetite, porém, atacava elle heroicamente as pyramides do papelorio publico, que os collegas, por conhecerem-no, empurravam diariamente ao *distincto senhor addido*...

(*Continúa na pag. seguinte*)

O homem que viveu pelo seu funeral

(Continuação)

Que os collegas de repartições fazem sempre disso...

Quando "trabalhava", estava no seu elemento era um Nelson em Trafalgar, embora Napoleão triste e derrotado quando chegava em casa, onde sua mulher, typo adoravel de matrona de appetite, tomava-lhe as contas, e dava-lhe "os despachos" que achava do caso...

Um dia, entrou elle de pensar seriamente nessa historia de *finalidade*. Elle mesmo não sabia qual a significação do termo, mas era bonito, pomposo. Na duvida, após um demorado balanço na areia do passado, e nada tendo descoberto, encarou o futuro onde nada havia por se descobrir, a não ser um O redondo, em sua frente nada, nada, tres vezes nada...

E nem por isso elle conseguiu um curso de natação...

* * *

Depois, pensou na morte. Quando a vida dolorosa quebra as actividades organicas, as psychologicas vão atraz dellas de uma fórma miseravel...

Só então é que se comprehende a necessidade de se illudir. Mas, como diziamos, Quaresma não podia raciocinar assim.

A sua mentalidade era tacanha. As suas luzes cada vez mais densas.

Pensou na morte. Seria então uma morte banal, de 4.º escripturario publico, de addido de longos annos.

Mais uma mesa vaga na repartição, e mais uma vaga extincta pelo ministro da Fazenda.

Uma morte ordinaria, sem acompanhamento, sem relevo, sem nome na imprensa, sem corôas com disticos pomposos, sem lagrimas choradas nem pela viuva, emfim uma dessas mortes de infima classe.

Sim, porque ha até quem saiba morrer com luxo.

* * *

Não! Quaresma não podia morrer assim como qualquer desgraçado encontrado pela policia e transportado para a morgue do necroterio...

Era morrer, pura e simplesmente como tinha vivido.

Que tivesse uma vida desgraçada ainda elle perdoava: a culpa era do governo; mas morrer como um pato submisso candidato a qualquer panella, sem siquer poder protestar, isso não, não e não.

E Quaresma, rubro, collerico, em frente ao espelho, batia com o pé. Era uma mesquinharia. E limpava o suór, que naquelles dias de canicula mais se accentuava, e que lhe banhava as faces enrugadas, cheia de trilhos, como dizem as creanças...

Só havia um expediente a tomar: A Sociedade Beneficente Pró-Funeral do Funccionario Publico.

Menos mal que "essa" existia. Já se podia ser funccionario publico ao menos para morrer...

* * *

Fez-se socio. Voltou então para casa satisfeito, antegozando os resultados do passo acertado que acabára de dar.

Um funeral de 2:000$000!

E sorria beatificamente. O sorriso dos que antevêm as delicias do paraiso.

Passou, então, a tratar melhor os seus semelhantes. Chamava o

O homem que viveu pelo seu funeral

carniceiro de senhor, entrou a cumprimentar toda a vizinhança com quem por principio antipathizava.

Um funeral de 2:000$000...

E sonhava com o chefe da secção, magnifico dentro da sua surrada sobrecasaca, commovido, ante o seu cadaver, dizendo áquelles que o cercavam:

"Este sim... iria longe. Tinha uma bella letra."

* * *

No terreno dos sonhos, como naquelle das hypotheses, o exaggero é regra. Quaresma ia além. Muito além. Supprimia as excepções.

Já não lhe bastava o chefe de secção no seu enterro. Era o director da repartição, que elle apenas viras uma vez, numa fala rapida no dia da festa da bandeira, fala essa a que Quaresma achou phantastica. Não se recordava das lições delle; só guardára na memoria "auditiva" os periodos patrioticos em que havia "muito sacrificio" "patria" "dedicação" "cambio" "prosperidade", etc.

Na repartição já não o conheciam. Elle era o homem que trazia

(Conclusão)

um grande segredo comsigo; o homem que tinha o funeral garantido... Era o homem antecipadamente chorado pelo chefe, pelo director, emfim um grande homem, que tinha um enterro de 2:000$...

E repetia a cifra para sentil-a melhor ao ouvido.

2:000$? Era pouco. Precisava de um enterro de 5:000$. Quem sabe si até o proprio ministro iria ao seu enterro ?

Talvez lamentasse a patria tel-o esquecido. E Quaresma trabalhava e trabalhava. Emagrecia, diminuia a olhos visto, perdia o peso, e dir-se-ia que essa diminuição se estendia até a altura, as idéas.

Parecia um fakir...

E' que teria um funeral a que todo o Rio assistiria admirado.

E pagou mias e mais á Sociedade. Um dia, por capricho, foi ver a quanto andavam os pagamentos feitos. Eram só annotado aquelles para 2:000$.

Percebeu tardiamente que estava sendo roubado. Sentiu um calafrio correr-lhe pela espinha dorsal.

Quiz vêr o extracto de sua conta Corrente, e, tendo pago quasi 3:000$, só constava 1:200$000.

Que horror!

Foi para a casa estonteado, vendo tudo girar em seu redor, casas e autos, jardins e coisas. Sobreveiu-lhe uma febre alta.

Delirava.

E parecia que, aos poucos, se encontrava como um morto... Num caixão cheio de rosas e violetas murchas, e a creada da vizinha, uma pretinha espevitada, exclamava junto do tosco caixão de 3.ª classe:

"Pucha... que enterro vagabundo!..."

* * *

Na manhã seguinte, ao lêr no jornal a fallencia da Sociedade Pró-Funeral, Quaresma teve um colapso.

Foi enterrado.

Um enterro ordinario, sem corôas, sem nome na imprensa, sem acompanhamento, sem ministro, sem director, sem chefe de secção.

Notou-se até a falta dos continuos.

Um enterro vagabundo, como dissera a pretinha, um enterro miseravel...

CHIROMANCIA

EXPONHAMOS as coisas claramente. Leoncio Valliéres, apaixonado, quer casar com a senhora Dido, joven divorciada. A senhora Dido não diz nem sim nem não. Por outro lado, um lindo rapaz, Armando Talmont, lhe faz a côrte. Eis ahi como estão as coisas.

O grupo veraneia na mesma cidade maritima. Leoncio passa por alternativas de esperança e de desillusão. Porque si elle se multiplica em torno da senhora Dido, Armando faz o mesmo. Intervém uma dama, entrada em annos e volumosa, e conta a Leoncio que na cidade mora uma chiromante extraordinaria, e que duas ou trez senhoras, com Dido á frente, têm o projecto de visitál-a.

— Não diga que eu lho disse. Querem ir secretamente. Temem que troçem dellas.

Leoncio jura que não dirá nada. Apenas teve uma idéa. Os leitores, facilmente, adivinharão qual é...

Toma um automovel e, a toda velocidade, vae á casa da chiromante. Leoncio não é um estupido. Sabe perfeitamente o que vae fazer.

A chiromante reside numa deliciosa *villa* de verão, mobiliada com gosto burguez. No salão onde Leoncio é introduzido não ha nenhum desses detalhes destinados a ferir a imaginação dos estranhos. O aspecto da pessôa completa a impressão: forte, redonda, o olhar firme, tem o ar de uma *mulher de negocios*, taes como o nosso seculo a conhece (as *mulheres de negocios* são cartomantes de qualidades superiores).

Leoncio toma a palavra.

— Minha senhora — diz, — venho pedir-lhe um grande favor de caracter delicadissimo. Trata-se de salvar a vida de um homem. Nem mais nem menos. E a senhora póde fazêl-o: bastar-lhe-á servir-se mais uma vez do extraordinario poder que possúe. Explicar-me-ei: o homem a que me refiro é... meu irmão. Está apaixonado por uma mulher. Si não conseguir casar-se com ella, se suicidará. Não é uma vã ameaça: conheço-o muito bem, e elle o fará. A mulher em questão virá consultál-a sobre seu futuro. Ella vacilla entre dois homens. E escolherá, sem duvida, aquelle que a senhora lhe indicar como o mais conveniente. Indique-lhe o que eu lhe designar... ou seja meu irmão. Já sei que não é muito correcto o que lhe peço. E' contrario a todo costume. Mas, neste momento, me dirijo ao coração da mulher: é preciso salvar uma vida humana... Devo accentuar-lhe, além do mais, que a sua reputação nada soffrerá com isso. Ao contrario, por isso que seu conselho fará com que a dama se case com o homem que a senhora lhe apontar...

— Outra vez dinheiro?... Lembra-te, acaso, á custa de que soffrimentos eu o ganho?

Segue-se um dialogo referente ao dinheiro. Protestos da pytoniza. Reconstituição do thema geral. Allusões um pouco mais claras á questão do dinheiro. Os protestos enfraquecem. Accôrdo perfeito...

Agora só resta a Leoncio fazer a descripção da senhora Dido. Depois, a descripção do homem que se deve casar com ella. E elle se descreve a si mesmo...

Intervallo.

Leoncio nunca foi tão feliz como nesse intervallo. A senhora Dido já lhe pertence, e isso só elle sabe. Aquella noite, no casino, a conduz ao jardim e se diverte fazendo-lhe a côrte como em dias passados, simula angustia deante da resposta, como si já não a soubesse. Ella não diz nem sim nem não. Olha-o com sympathica indecisão, sorri-lhe com sorriso incerto, que terminará com outro sorriso de ternura e consolo. E o joven Armando Talmont, que vem estorvál-os, que a tira para dançar e lhe sussurra

De André Birabeau

ao ouvido palavras de amôr, como si pudessem produzir effeito! Coitado! Não imagina que perde o tempo! Deliciosa impressão, em verdade! Conhecer o futuro da gente! Aquella noite, Leoncio se considera um semi-deus. Nem mais nem menos...

Noite encantadora, cheia de sonhos. E depois uma aurora de alegria um pouco febricitante. A senhora Dido irá hoje, com toda certeza, visitar a chiromante. Elle occultára seus sentimentos. Prudencia, Prudencia... Nada de impaciencia... E' necessario que se seja senhor de si, e não se mostre fraquezas absurdas.

Mas, por bem combinadas que estejam as coisas, o dia é igualmente longo. A' noite, vê a senhora Dido no casino. Procura falar-lhe como si nada houvesse occorrido. Ella terá ido consultar a chiromante? Si foi, já deve saber tudo. A senhora Dido o contempla, como entre sonhos. E, de repente, ella lhe diz:

— Hoje fui, com umas amigas, visitar uma vidente... Uma mulher extraordinaria. Disse-me coisas surprehendentes sobre meu futuro... Coisas que me impressionaram, confesso-o... Você acredita nessas coisas?

Que alegria lhe invade! E diz, com profunda convicção:

— Sim, confesso-o, acredito... Por outro lado, os maiores sabios reconhecem effectivamente que...

Etc., etc., etc. Um discurso inteiro.

Fim do intervalo.

A comedia póde continuar. A comedia continúa. Mas, no último acto, ha um grande effeito scénico: a senhora Dido fica noiva do joven Armando Talmont...

Como? E' assim... E eis Leoncio partindo a toda pressa para o que chama a felicidade. E agora, assegura-o, não procura formulas para não offender a delicadeza da sybilla. Atira-lhe no rosto, energicamente, a accusação de que ella o enganou e lhe roubou o dinheiro.

— Juro-me por minha honra — responde-lhe a adivinha — que lhe repeti, palavra por palavra, a descripção do senhor...

Sua voz, seu rosto, tudo diz que ella não mente. Então, que succedeu? O que succedeu está explicado numa carta da senhora Dido a Leoncio, alguns dias depois.

"Caro amigo — escreve-lhe ella, — a noticia de meu noivado lhe deve ter causado uma desillusão. Avalio, perfeitamente, que meu modo de portar-me como você lhe devia dar grandes esperanças. Não era coqueteria de minha parte. E falta pouco para que eu não me casasse com você. Até julguei que ia escolhel-o definitivamente. Sua maturidade, sua seriedade, sua maneira de ser um pouco simples, a amavel ingenuidade que lhe é peculiar, até sua falta de malicia — tudo me fazia pensar: "Ali está o marido com o qual poderei ser feliz..." Depois fui consultar a vidente, como lhe disse. A mulher falou-me de meu futuro com tal autoridade, que não duvidei de seus conhecimentos. Descreveu assim meu futuro marido: "Um homem joven, bello, attrahente, elegante, seductor..." Armando Talmont, evidentemente. Está escripto: devo casar-me com elle..."

A pytoniza não havia mentido. Repetiu, palavra por palavra, a descripção que Leoncio fez de si mesmo: joven, bello, atrevido, elegante, seductor... Em resumo: tal como elle se julgava...

A GUERRA DOS CEM ANNOS. — Não ha ainda quinze annos que aqui chegaste e pedes já uma fólga de 24 horas?

PROCURANDO A FELICIDADE

ATRAVÉS da vida, o que a humanidade procura é a felicidade. Poucas são as pessôas que a encontram, mas todos nós corremos atraz della; quer a vejamos sob a apparencia da paz, quer da satisfação, da riqueza ou do amôr, sempre a procuramos e raramente a descobrimos...

De onde vem esse bem que o dinheiro não póde comprar?

Uma vez, estando com certa actriz celebre, já retirada do palco, no zenith da gloria, interroguei-a:

— Você, que é a pessôa mais feliz que conheço, quer ensinar-me qual é o segredo da felicidade?

— O segredo da felicidade, — respondeu ella, — consiste em determinar e procurar o que precisamos para ser feliz e, uma vez achado, termos a coragem de passar sobre todas as difficuldades para podermos obter o que nos dará a suprema ventura.

Muitas pessôas não sabem o que desejam na vida. São como creanças que entram numa casa de brinquedos e que querem todos elles ao mesmo tempo, acabando por sahir sem levar nenhum.

"Não vê essas pessôas ricas que em cada estação têm uma mania nova? Hoje é o golf, amanhã o automovel, depois a natação, e até os maridos e as esposas são trocados segundo lhes canta a phantasia... Essa gente não póde ser feliz porque não sabe o que deseja. Não tem idéa da fórma nem da natureza do que precisa e, muitas vezes, passa pela felicidade sem distinguil-a e a perde para sempre...

"E' preciso ter a coragem necessaria para apossarse do que representa a verdadeira felicidade. Nem sempre isso é facil; lutar é cansativo e todos preferem seguir o caminho que mais largo e suave se

A VICTORIA DOS ELEMENTOS

A' nevrose literaria por que passamos, como seja a dos assumptos historicos, muito bapá estudados por illustres rebuscadores dos nossos archivos, alliamos a de outros dedicados ao commentario sobre o valle amazonico.

Nesta ultima classe, destacamos, pela maneira elegante e sincera na apreciação dos phenomenos, os livros "Na planicie amazonica", "Cartas da Floresta", "Paiz das Pedras Verdes" e "Meu diccionario das coisas do Amazonas", de Raymundo Moraes; "Terra Immatura", de Alfredo Ladislau. Ha outros estudos a respeito, como sejam: "A Amazonia Mysteriosa" e "A Amazonia que eu vi", de Gastão Cruls; "Inferno Verde" e "Sombra n'agua", de Alberto Rangel; "Terra Verde" e "O Amazonas", de Adaucto Fernandes; Chorographia do Amazonas", de Agnello Bittencourt; "Poemas Amazonicos", de Francisco Pereira da Silva; "Au Pays des Amazones", de Sant'Anna Nery; "Terra encantada", de Maria Sabina de Albuquerque; sem falarmos nos trabalhos classicos de Humboldt, Wallace, Agassiz, Réclus e outros peregrinadores pela planicie. Além dessas obras ha a que se superpõe pela maravilha da descriptiva, pela proficiencia do lavôr literario, pelo ponto de vista de observação — a de Euclydes da Cunha. Quem quizer dizer algo sobre a gleba, tem de, forçosamente, se deter sobre esses successos de livraria.

Novél investigador da terra moça, brilhante intellectual, que nos deu "O desterro de Humberto Saraiva", romance, e "Gleba Tumultuaria", contos, é Aurelio Pinheiro. A critica honesta já apreciou, devidamente, o seu valor. Citamos essas duas joias, verdadeiras "muirakitans" literarias e, agora, vamos tratar do autor de "Notas de um jornalista", cujo nome figura, de novo, no cartaz, com o "Meu diccionario das coisas do Amazonas".

Raymundo Moraes foi lido e mal interpretado por chronista meticuloso até na citação kilometrica dos rios, quiçá respectiva largura, o qual em dois trabalhos publicados ha tempos e que sómente agora temos á mão, se expressou de molde a nos obrigar este alinhavamento.

Referindo-se ao dynamismo dos rios, assegura a immersão de Manáos, situada á margem esquerda do rio Negro, qualificando essa circumstancia de vindicta dos elementos liquidos, demonstrando não ter attentado bem nas paginas 228, de "Na planicie amazonica", onde diz o "antigo marinheiro paraense":

"Realizado esse phenomeno pela engenharia cyclopica da potamologia amazonica, Manáos, ao em vez do Negro, será então banhada pelo Amazonas".

Questão de interpretação. Raymundo Moraes prevê, dados seus grandes conhecimentos do solo, que, pelo grande trabalho do rio em escavar barrancos, levando-os, dissolvidos, para o Oceano, toda aquella enorme faixa de terra da foz do Negro ao Paredão e, em frente, o Xiburema, será deslocada, ficando a "cidade risonha", de Raul de Azevedo com toda a belleza de seus edificios, como o throno de uma Antilope indigena. E' o que se deprehende do livro do estylista premiado pela Academia de Letras e já adoptado, officialmente, nas escolas primarias do rincão.

O realizado acima é deslustrada contribuição á "A vingança das aguas".

Filhos da gleba, seus palmilhadores, conhecendo o trecho transcripto, se nos impunha esse dever.

A Amazonia immensa tem, para nós que a trilhamos, algo de divino. Por mais que leiamos, viajemos, ainda nos sobra muito para conhecer. E' pyramidalmente formidavel, tudo é immenso, — a matta, os rios, a flora, a fauna zoologica e mineralogica, os phenomenos naturaes, desde a pororóca ao ruido das cachoeiras; desde a garganta de Breves á sua largura incommensuravel; das raizes primarias ás sapopemas; do vagalume de duplo pharól ao gavião; da coticara á onça bravia; da piaba ao jacaré-monstro, ás especies ophidicas quasi lendarias.

Só ha uma coisa pequena na phrase de Euclydes: o homem. Tudo mais é colossal.

ADONAI DE MEDEIROS

Por Dorothy Dix

apresenta. Eu sou feliz porque soube resistir ás tentações e seguir pela estrada da felicidade. No apogeu da gloria, abandonei o palco sem me deixar tentar pelas offertas vantajosas de contractos importantes. A minha ventura estava na vida pacata e despreoccupada que levo; vim para este retiro, e sinto-me perfeitamente feliz."

* * *

Perguntei a outra mulher qual era o segredo da felicidade.

— E' a determinação firme de ser feliz, — respondeu-me. — Pense que não será esmagada pelo máu destino, que não tombará sob o peso das mágoas e que lutando sahirá da sombra para a luz da felicidade. Eu conheci o desalento de uma união infeliz. Conheci o amargor da miseria, das doenças, da luta e da ansiedade, mas através de tudo isso, nunca fraquei no meu desejo de ser feliz. Fiz um culto da felicidade, busquei-a em toda parte e acheia-a onde a buscava. Da pobreza fiz um jogo e garanto que na minha miseria havia mais alegria do que em muito palacio de millionario. Convencia-me de que ia gostar das coisas que podia ter, e assim só tinha o que gostava... Ha muitos casos na vida em que podemos chorar ou rir. Sempre ria, e este é o meu segredo de ser feliz.

* * *

A terceira interrogada respondeu apenas:

— Loucura! Só os que não procuram a felicidade poderão achál-a.

Qual das tres está com a razão?...

Audácia

Henrique (espreguiçando-se). — Uff!... Hoje tenho um dia atroz... Somno, máo humor, aborrecimento... sei lá o que mais!

Xavier. — Diagnostico: falta de dinheiro... Acertei?... Sou bom clinico?

Henrique. — Maravilhoso!... Neste momento, venderia minha alma ao diabo por cem mil réis.

Xavier. — Pois faria um máo negocio esse senhor, porque eu não dou nem um tostão por ella...

Henrique. — Homem!... Por que?

Xavier. — Porque não na tens!

Henrique. — Quá! quá! quá!... Sempre com tuas coisas... És di[illegible] porque não levas a vida a sério. Eu vejo tudo negro!...

Xavier. — Porque és um bobo... Tens uma moral rigida, acreditas no dever, na honradez, na dignidade e numa infinidade de coisas inuteis...

Henrique. — Inuteis?

Xavier. — Naturalmente... De que te serviram?... Que proveito te trouxeram?... Quantos milhões tens?...

Henrique. — Ora!... Queres pôr-me de peor humor ainda do que estou?... Ando sem um tostão e vens falar-me de milhões!...

Xavier. — Si não os tens, é porque não queres... Fosse eu caixa da Stormton!...

Henrique. — Que farias?

Xavier. — Nada!... Apenas daria um pouco de ar ao dinheiro da caixa.

Henrique. — Mas isso seria [illegible]...

Xavier (interrompendo-o). — Não digas palavras feias!... Isso seria uma occasião esplendida para começar a fazer fortuna...

Henrique. — Mas, como?

Xavier. — Ora!... Como és ingenuo! Esse dinheiro não está á tua disposição?

Henrique. — A' minha disposição, não: a meu cuidado.

Xavier. — E' a mesma coisa. Podes tirál-o quando quizeres... Tens as chaves, és o caixa, e ha dez annos que estás na casa... Insuspeitavel!

Henrique. — Não te entendo... Porque, si eu tirar o dinheiro, se descobrirá immediatamente.

Xavier. — Mas... si o tirares... e antes que o descubram o collocares de novo onde elle estava?...

Henrique (aborrecido). — Explica-te melhor!

Xavier. — Dize-me: nunca jogaste nas corridas?

Henrique. — Que pergunta!... Muitas vezes.

Xavier. — E nunca te occorreu que, em vez de jogar dez e dez, uma miseria, poderias jogar mil e mil?...

Henrique. — Sim, mas... de onde tiro o dinheiro?

Xavier (como si não dissesse nada). — Da caixa.

Henrique. — Hein?!

Xavier. — Muito simples... Os escriptorios da Stormton se fecham no sabbado, ao meio dia, não é verdade.

Henrique. — Sim...

Xavier. — E só se reabrem ás onze horas de segunda-feira.

Henrique. — E' verdade.

Xavier. — Pois bem. No sabbado, tu tiras da caixa dois ou tres contos e os levas tranquillamente para tua casa...

Henrique. — Mas...

Xavier. — Deixa-me concluir... No domingo, vamos tu e eu ao hippódropo, tu jogas, ganhas e não só repões o que tiraste, mas ainda te sobra dinheiro para todo o mez.

Henrique. — E si eu não ganho?...

Xavier. — A argumentação de todos os covardes!... Antecipar o fracasso!... Tens que ganhar, deves ganhar... Ha umas *fichas* fantásticas... Si eu chegasse, o outro dia, a ter um pouco de dinheiro, me tornaria rico em meia hora!... *Pica-pica* deu quarenta e cinco!

Henrique. — Sim, sim... Tudo está muito bem...

Xavier. — Mas, não estás vendo o negocio, homem?... Si é dos que não têm perda!... Queres ser precavido?... Não jogues tudo... Arrisca um conto e quinhentos... Mas eu te garanto como te vaes arrepender.

Henrique (cedendo). — Si assim pensas...

Xavier. — Conheço bem esses assumptos!... Deixa-te guiar por mim... Confia em mim... Não sejas medroso... A audácia é o êxito... E verás como acabas agradecendo-me!

FANFRELUCHE

Escandalo na Bohemia

(SHERLOCK HOLMES) — (*Conclusão*)

"Em seguida, dei-lhe as boas noites, o que não foi lá muito prudente, confesso, e fui ao templo ter com o meu marido.

"Concordamos ambos em que a fuga era o nosso unico recurso, pois tinhamos que nos ver a braços com um tão temivel antagonista, de modo que virá encontrar vazio o ninho, amanhã quando vier.

"Com respeito á photographia, póde estar descançado o seu cliente. Amo e sou amada, e o homem a quem votei fé e lealdade vale muito mais do que elle.

"O rei tem pois liberdade plena para fazer aquillo que deseja; os seus designios não encontrarão obstaculos da parte daquella a quem tão cruelmente enganou.

"Guardo em meu poder a referida imagem, unica e exclusivamente para minha salvaguarda, afim de dispor de uma arma que me ponha ao abrigo de qualquer passo que pretendam tentar no futuro.

"Deixo uma photographia que talvez lhe seja agradavel e tenho a honra, sr. Sherlock Holmes de me subscrever, etc.

Iria Norton,

appellido de solteira, *Addler.*"

— Que mulher! oh! que mulher! exclamou o rei da Bohemia, mal concluimos todos tres a leitura da epistola. Não lhe dizia eu, que era um portento de vivacidade e decisão?

Não se fazia d'ali uma admiravel rainha? Pois não é lastima o ella não pertencer á minha hierarchia?

— A julgar pelo que observei, ella, effectivamente, não é de condição identica á de vossa majestade, volveu Holmes com frieza. E sinto deveras não ter podido levar a cabo este negocio.

— Pelo contrario, meu prezado senhor, exclamou o rei. Foi admiravelmente succedido até. Sei que a palavra della é inviolavel, e estou socegado com respeito ao destino daquella photographia, como se ella a tivesse atirado para o fogão.

— Penhora-me ouvir semelhante affirmativa da bocca de vossa majestade.

— Contrahi para com o senhor uma divida consideravel. E resta-me, apenas, o rogar-lhe que me diga de que modo lhe poderei agradecer. Este annel...

Tirou do dedo um annel de esmeraldas dispostas de modo a imitar uma serpente, depondo-o na palma da mão.

— Tem vossa majestade em seu poder um objecto a que eu daria muito mais apreço, volveu Holmes.

— Rogo-lhe queira declarar-me qual é esse objecto?

— Essa photographia.

O rei olhou para elle, pasmado.

— O retrato de Iria? exclamou. Certamente que sim, visto que o deseja.

— Agradeço a vossa majestade. E nada mais nos resta pois a fazer? Tenho a honra de saudar a vossa majestade.

Fez-lhe uma cortezia, e afastando-se, sem attentar na mão que o rei lhe estendia, poz-se a caminho de casa, em minha companhia.

E aqui têm como se achou ameaçado de um immenso escandalo o reino da Bohemia, e o modo por que os mais sabios planos de Mr. Sherlock Holmes se viram mallogrados, mercê da finura e da intelligencia de uma mulher.

E elle, que dantes tanto chasqueava a respeito da habilidade das mulheres, d'ali por deante, desistiu de o fazer.

E sempre que se refere á Iria Addler ou quando allude á photographia desta, emprega invariavelmente a seguinte denominação, attribuindo-lhe foros de titulo honroso:

— "A mulher!".

F I M

O HOMEM DO BEIÇO ARREGAÇADO

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

Isa Whitney, irmão do fallecido Elias Whitney, doutor em theologia e canones, pela escola de theologia de Saint-Georges, entregava-se ao uso do opio. Pelos modos, contrahira este vicio no collegio, proveniente de uma rapaziada, de caracter ridiculo.

Lêra a descripção dos sonhos e das sensações de Quincey, e com o sentido em attingir aos mesmos resultados em proveito proprio, inundara de laudano o seu fumo. Como a tanta gente tem succedido, descobriu que é mais facil adquirir um habito do que ver-se livre delle, e, pelo espaço de annos, elle que até alli fôra um homem respeitavel, veio a tornar-se, sob o imperio de semelhante paixão, um objecto de terror e de commiseração para os proprios amigos e parentes. Parece até, que ainda o estou vendo, sentado, todo elle feito num feixe; estou-lhe vendo a cutis amarellada e inchada, o peso das palpebras, as pupillas reduzidas ao tamanho de cabeças de alfinete, numa palavra, a propria effigie da degradação.

Uma noite, era em junho de 1889, bateram á minha porta, pouco mais ou menos á hora em que um homem de habitos regrados principia a bocejar e olhar para o relogio de parede.

Endireitei-me na cadeira e minha mulher deixou cahir a costura no regaço, com um tregeitosinho de contrariedade.

— Um cliente, suspirou; vaes te ver obrigado a sahir de casa.

Suspirei tambem, pois tivera um dia de canceira e estava mortinho pela cama.

Abriu-se a porta; ouvimos umas palavras ditas á pressa, uns passos apressados no corredor, e deram entrada na sala a uma senhora vestido de escuro, tapado o rosto com um véo preto.

— Queiram desculpar-me esta visita, a uma hora tão adeantada, balbuciou; e, sem poder ter mão em si, lançou os braços ao pescoço de minha mulher, a soluçar, encostando a cabeça ao hombro desta.

— Que desgraça a minha! exclamou — não haverá quem me valha nesta afflicção?

— Mas que é isto? perguntou minha mulher soerguendo-lhe o véo; a Kate Whitney! Ora esta! Sempre me pregaste um susto, Kate! Quando entraste nem te conheci, sequer.

— Vejo-me numa terrivel situação; nem sei o que hei-de fazer á minha vida, e por isso lembrou-me vir ter comtigo.

Não era novidade para mim aquella phrase. Minha mulher tornara-se, havia muito tempo, a conselheira dos afflictos.

— Fizeste muito bem em vir procurar-me, lhe respondeu. Bebe uma gotta de vinho com agua, para ver se recobras animo; senta-te aqui, descansada, neste sofá e conta-me os teus desgostos. Queres que se retire o Jack?

— Oh! não, não! Necessito do parecer do doutor e do seu auxilio, tambem. E' a proposito do Isa. Ha dois dias que não me apparece em casa. Estou com medo que, não lhe tenha acontecido para ahi algum desastre.

Não era esta a primeira vez que ella nos falava da enfermidade do marido, a mim, na qualidade de medico, á minha mulher como a uma amiga dos tempos do collegio. Fizemos quanto pudemos no sentido de a tranquillizar e animar, ao passo que della iamos indagando acerca do logar onde poderia encontrar o marido e da probabilidade em o trazer para casa.

Contou-nos, que sabia de fonte limpa, que, por occasião da ultima crise, dera em frequentar uma taberna de opio na parte oriental da City.

Até alli, as suas orgias haviam-se limitado a um unico dia de ausencia; voltava, noite fechada, intanguido e atordoado. Mas desta vez achava-se, havia quarenta e oito horas, sob o imperio daquella sua desgraçada paixão; e era na referida taberna que o deviam encontrar, a aspirar veneno, ou a dormir até que passassem os effeitos do opio, isto, de permeio com um publico vil e abjecto: as fezes das docas.

Era para o "Bar de Oiro", em Upper Swandam-Lane que urgia dirigir as pesquizas. Mas por onde optar? Como é que uma rapariga, timida, podia pôr o pé em semelhante cafúa e arrancar o marido de semelhante antro de maldição.

Depois, mudando de alvitre, considerou que a sua presença não representaria a minima utilidade e que eu, medico e conselheiro de Isa Whitney, seria mais apto a exercer sobre elle influencia; mais valia pois deixar-me ir sózinho.

(Continúa na pag. seguinte)

Comprometti-me a recambiar-lhe para casa o marido num carro, dado o caso de effectivamente o encontrar no sitio por ella indicado; e d'ali a dez minutos, desaninhando da minha tão commoda poltrona e da minha aconchegada salinha, lá ia eu de marcha accelerada a caminho do bairro oriental da cidade, incumbido de tão estapafurdia missão, muito menos estapafurdia, na apparencia, do que veio a ser na realidade.

A primeira parte da minha empreza foi simples, quanto possivel. Upper-Swandam-Lane é uma feissima rua, escondida por detraz das altas paredes dos armazens que marginam pela banda do norte o rio, á leste da Ponte de Londres.

Entre um deposito de bebidas alcoolicas e uma taberna de *gin*, para o qual dá accesso uma escada ingreme de pedra, immergendo para um buraco negro como a entrada de um subterraneo, topei com o antro de que andava á procura.

Mandei esperar o carro e desci a escada, gasta na parte central pelo transito constante dos beberrões, e, á luz oscillante de um candieiro de azeite, pendurado proximo da porta, ergui a tranqueta e, ás apalpadelas, entrei numa estancia comprida e de tecto muito baixo, a cuja atmosphera se condensava a escura fumarada de opio.

Em redor, corriam em fila, á feição de estrado, umas tarimbas, tal qual as do castello de prôa de um navio de immigrantes.

Através daquelle vapor desenhavam-se de modo vago uns vultos affectando as fórmas mais fantasticas; hombros corcovados, joelhos encolhidos, cabeças derreadas, em attitudes esquisitas, e aqui e alem um olho torvo e sombrio assestado na porta de entrada.

Do circulo obscuro emergiam uns pontinhos mais ou menos luminosos, conforme se ia consumindo ou extinguindo o veneno nos fornilhos dos cachimbos de metal.

A maioria dos fumantes jaziam estirados para ali, sem falar; alguns, todavia, tartamudeavam os proprios sonhos e outros mutuavam seus pensamentos em voz esquipatica, cava, sacudida, e estacando de chofre, permaneciam absortos, sem darem attenção ao que dizia o vizinho.

No extremo opposto do recinto, avistei um fogareirozinho com brazas, e, junto deste, sobre um tripé de madeira, um velho, escaveirado, com os queixos assentes nas mãos; encostava os cotovelos nos joelhos, e os olhos pareciam attrahidos para o fogo.

No acto da minha entrada, um creado malaio, livido e macilento, viera offerecer-me um cachimbo e uma dóze de opio, convidando-me a que me estendesse numa tarimba devoluta.

— Obrigado, não vim para me demorar, mas sim em procura de um meu amigo, o senhor Isa Whitney, com quem tenho necessidade de falar.

Alguem, á minha mão direita, fez um movimento abrupto, soltando uma exclamação; então, os meus olhos, varando a escuridão, descobriram, na minha frente a mirar-me fixamente, Whitney em pessoa, mas um Whitney, livido, desconhecivel, embrutecido...

— Santo Deus! é o Watson, exclamou.

Estava em estado devéras afflictivo o pobre do homem, sobreexcitadoos os nervos ao ultimo ponto.

— Olhe lá Watson, que horas serão?

— Quasi onze.

— Em que dia estamos?

— Sexta-feira, 19 de junho.

— E' medonho! E eu a cuidar que era quarta-feira. Nada, você está equivocado, hoje é quarta-feira, não é verdade ... Que lembrança foi essa de pregar uma peça a um amigo?

De cabeça cahida para o hombro começou a lagrimejar, soluçando alto como um embriagado.

— E eu affirmo-lhe que é sexta-feira, meu caro. Sua mulher tem estado á sua espera, ha dois dias. E' uma vergonha esse seu comportamento.

— Estou envergonhado, lá isso estou... Mas lá quanto ao dia da semana, você, Watson, está equivocado, pois só passei aqui umas horas; fumei tres cachimbos, quatro, talvez, nem já me lembro bem de quantos seriam, mas vou para casa com você. Não quero assustar a Kate, coitadinha. Dê cá a mão. Veio de carro?

— Vim, ficou á porta.

— Ficou? Pois vou aproveital-o. Mas, espere ahi, tenho que pagar a conta, meu bom Watson; veja lá quanto á que eu devo, nem já tenho forças de fazer seja o que fôr por minhas mãos.

Para descobrir o patrão do estabelecimento, enfiei pela estreita passagem, entre a dupla fila de adormecidos, soffreando a respiração para não aspirar os vapores deleterios e entorpecedores do opio.

Ao passar rente do homem descarnado que se assentara junto do fogareiro, senti uma mão puxar-me pelo casaco e ouvi uma voz soturna murmurar:

"— Quando passares adeante volta-te e olha para mim."

Espraiei a vista em redor.

Aquellas palavras haviam sido pronunciadas distinctamente e só o podiam ter sido por um velho ao lado do qual eu me achava; e comtudo, hesitei em acreditar, a tal ponto me parecia absorto, aquelle individuo!

Era extrema a sua magreza, muito encarquilhado, gasto pelos annos; entalado no joelho lá estava o comprido cachimbo do opio, que pelos modos lhe escorregara das mãos, frouxas e cançadas.

Dei dois passos para a frente, e voltei-me para traz; mas não foi de mais toda a minha presença de espirito para conter uma exclamação!

O velho estava collocado por fórma que só eu o podia ver. Estava menos macilento sumidas as rugas, e os olhos amortecidos haviam recuperado o fulgor, o ente que se me defrontava sentado ao fogareiro, era nem mais nem menos do que Sherlock Holmes.

sim, Sherlock Holmes, em pessoa, divertidissimo com o meu espanto.

A um signal imperceptivel julguei que devia acercar-me delle, mas já elle havia voltado a assumir a sua attitude senil, de velho recahido na infancia.

— Holmes, murmurei baixinho, que demonio está você aqui fazendo, nesta ignobil espelunca?

— Fale o mais baixo que puder. Tenho optimo ouvido. Se me fizesse a singular fineza de se desembaraçar desse seu embrutecido amigo que o acompanha, muito estimaria conversar com você um instante.

— Tenho um carro á porta.

— Se assim é, faça-me o favor, encaixe-o lá dentro e recambie-o para casa. Póde estar descançado a seu respeito, acho-o abatido de mais, não ha receio de que faça tolices... Tambem lhe dou de conselho que mande á sua mulher um recado pelo cocheiro, participando-lhe que fui eu que o detive. Espere por mim lá fóra, daqui a cinco minutos estou ao seu dispor.

Eu não sabia recusar fosse o que fosse a Sherlock Holmes, cujos pedidos eram terminantes, concisos e formulados em tom sereno e autoritario.

Não ignorava, aliás, que assim que houvesse mettido o Whitney dentro do vehiculo, estava cumprida a minha missão, e por outro lado, rejubilava por me aventurar com o meu amigo em uma das taes aventuras singulares representando a sua unica razão de ser.

Num relance, escrevi duas linhas á minha mulher e satisfiz a conta de Whitney. Acommodei a este no meu carro e, quando o vi a caminho, armei-me de paciencia e puz-me á espera de Sherlock Holmes.

D'ahi a minutos vi sahir do antro do opio um homem de aspecto decrepito, que veio ter commigo e hombro com hombro começamos a andar, rua abaixo.

Veio caminhando um bom bocado a passos vacillantes, todo elle feito num arco. Depois, voltando-se de golpe, endireitou-se e desfechou, alegre, uma gargalhada.

— Não vá persuadir-se, Watson, observou de que accrescentei o vicio do opio ás injecções sub-cutaneas de cocaina e aos outros fracos, acerca dos quaes teve a bondade de me abrir claros horizontes medicos.

— Effectivamente, surprehendeu-me o facto de vir aqui encontral-o.

— E a mim não me surprehendeu menos o vel-o aqui.

— Vim em procura de um amigo.

— E eu, de um inimigo.

— De um inimigo?

— Tal qual, um dos meus inimigos naturaes, ou se antes quer, uma prêsa. N'uma palavra, Watson, trago entre mãos um inquerito de maximo interesse e espero haver encontrado, como aliás outras vezes me tem succedido, um rastro serio por entre as incoherentes divagações destes imbecis. Si me tivessem conhecido naquella espelunca, ninguem daria quatro vintens pela minha vida; ando a correr numa pista, e aquelle patife daquelle Lascar, que me persegue, jurou que havia de se vingar. Pudesse aquelle alçapão que fica por traz desse pardieiro, junto do embarcadouro de S. Paulo, contar tudo que tem visto passar nas noites escuras em que não ha lua...

— Como assim, está-se referindo a cadaveres?

— A cadaveres, sim, Watson. Se a nós, por cada desgraçado morto naquella cafúa, nos dessem mil libras, estavamos agora dois ricassos. E' a mais horrenda ratoeira de crimes de quantas existem nesta margem do rio, e receio muito que Neville Saint-Clair, ali tenha entrado para nunca mais sahir. Mas já cá devia estar o carro.

Enfiou dois dedos por entre os labios e emittiu um assobio forte, signal a que respondeu de longe outro assobio, e em seguida um pa-cá-tá de patas de cavallo e o rodar de uma carruagem.

— E agora, Watson, proferiu Holmes, no momento em que emergiu das trevas um avultado *dog-cart* illuminado pela claridade das respectivas lanternas, vem commigo, já se vê.

— Se lhe posso ser prestavel...

— Ora! um amigo seguro é sempre prestavel, e muito mais ainda um chronista. Tomei nos Cedros um quarto com duas camas.

— Nos Cedros?

— Nos Cedros, pois então? E' a casa do senhor Saint-Slair. Moro ali desde que dirijo o inquerito.

— E onde fica?

— Perto de Lee, condado de Kent. Temos sete leguas de paiz adeante de nós.

— Mas se eu nada percebo com respeito a essa historia?

— Naturalmente. Contar-lh'a-ei daqui a pouco. Suba. Bem, João, não nos és preciso. Ahi tens meia corôa. Espera por nós amanhã, ahi pelas onze horas. Mette a egua no caminho. Optimo!

Vibrou uma leve chicotada e embebemo-nos num dedalo de ruas escuras e ermas indo dar a uma ponte larga, lançada sobre o rio lodacento.

Depois outro terreno, grande, atulhado de tijolos e maçame, espaço silencioso em que apenas resoavam o passo pesado e regular do guarda de segurança, ou o canto e os berros de um ou outro tunante tresnoitado. Encapelladas, no firmamento, umas nuvens negras, deixando apenas entrever alguma estrella.

Holmes nem tugia; cabisbaixo, dir-se-ia absorto em suas cogitações, ao passo que eu, sentado ao lado delle, estava ardendo por saber qual seria o novo problema no qual reconcentrava de todo as faculdades.

E todavia, não me animava a perguntar-lh'o. Haviamos já galgado umas milhas e alcançado os ar-

(*Conclue na pag. seguinte*)

rabaldes, povoados de numerosas quintas, eis que o meu companheiro, sacudindo-se de subito, encolheu os hombros e accendeu o cachimbo com uns ares de contentamento.

— Saiba calar, Watson, declarou. E' uma qualidade inapreciavel num companheiro de jornada. Mas, palavra de honra, tenho necessidade de conversar com alguem, pois serão tudo, menos alegres, neste instante, os meus pensamentos. Agora mesmo ia eu a scismar no que hei-de dizer, esta noite, áquella pobre rapariga, coitada, quando vier receber-me á porta!

— Esquece que não estou informado...

— Disponho do tempo, á risca, para lhe expôr os factos, antes de chegarmos a Lee. A coisa parece ser simples e comtudo ainda não fui capaz de encontrar rastro seguro. Indicios que não representam um todo. E agora Watson, passo a contar-lhe o caso com a possivel lucidez e pode ser que no seu cerebro se ateie uma faisca que me alumie o trilho.

— Todo eu sou ouvidos.

— Ha annos, ou mais exactamente, em 1884, veiu a Lee um individuo por nome Saint-Clair, e que diziam ser muito rico. Arrendou uma vasta residencia campestre arranjou com gosto o terreno circumjacente e viveu com certa ostentação. Pouco a pouco foi contrahindo relações nos arredores e em 1887 casou com a filha de um cervejeiro, da qual houve dois filhos. Não tinha occupação, mas fazia parte de diversas companhias e por via de regra ia todas as manhãs á cidade, voltando á noite pelo comboio que sae de Canon-Street ás 5 horas e 14 minutos. Mister Saint-Clair conta actualmente trinta e sete annos; é um homem de habitos moderados, bom marido, pae extremosissimo e desfructando muitas sympathias. Accrescentarei ainda que, segundo as informações que tivemos, as suas dividas, presentemente, ascendem a oitenta e oito libras e dez schillings, ao passo que tem um credito aberto na importancia de duzentas e vinte libras nos bancos da capital e do condado. Não existe pois a minima razão para suppôr que os seus inimigos, se é que os tem, sejam quaesquer credores intransigentes. Na segunda-feira da semana passada, Mister Neville Saint-Clair foi mais cedo que costuma á cidade, declarando, antes de sahir, que tinha de dar umas voltas importantes, e ficou de trazer ao pequeno um brinquedo. Deu-se a coincidencia, da mulher ter recebido um telegramma, pouco tempo depois delle se ausentar, a participar-lhe que um embrulhinho de valor consideravel, embrulho de que ella estava a espera, aliás, se achava ao seu dispôr no escriptorio da companhia maritima de Aberdeen e, se é que conhece cabalmente a sua Londres, não deixará de saber que o escriptorio da companhia, é na rua de Fresno que desemboca em Upper Swandam-Lane, onde você me foi encontrar esta noite. Mistress Saint-Clair almoçou, portanto, abalou para a City, deu umas voltas, foi ao escriptorio da companhia, recebeu o embrulho, e ás quatro horas e 35 minutos, em ponto, achava-se em Swandam-Lane, a caminho da estação. Attentou bem no que lhe expuz?

— Absolutamente.

— Se bem se recorda, a temperatura, na segunda-feira passada, estava elevadissima. Mistress Saint-Clair ia andando muito no seu vagar e olhava para a esquerda ora para a direita, esperançada em avistar um carro, contrariada por se achar sozinha, a pé, naquelle bairro tão mal conceituado. Ia pois seguindo por Swandam-Lane, eis que de repente ouve uma exclamação ou um grito, e fica estupefacta ao ver o marido a olhar para ella, e a fazer-lhe um signal, até (segundo se lhe afigurou, pelo menos), duma janella de um segundo andar. A janella estava aberta, e affirma Mistress Saint-Clair que o marido estava com o semblante transtornado. Acenou com a mão, manifestando desespero, em seguida desappareceu da janella, de repellão, e como que arrastado por força irresistivel. Causou-lhe espanto uma circumstancia singular: comquanto usasse o facto escuro que trazia quando viera para a cidade, estava sem collarinho e sem gravata.

"Convencida de que acontecera qualquer desastre ao marido, desceu de corrida os degraus (a casa era nem mais nem menos do que a tal espelunca do opio, onde você foi topar commigo esta noite), atravessou como um relampago a casa de entrada, tentou subir a escada que dá accesso para o segundo andar; mas encontrou no patim o individuo em que lhe falei, aquelle patife do tal Lascar, que lhe impediu o caminho e que, com a ajuda do dinamarquez que desempenha alli as funcções de *factotum*, a empurrou para a rua. Assaltada por medonhos presentimentos correu rua abaixo e quiz a sua boa sorte, que encontrasse, na rua de Fresno, com um certo numero de guardas de segurança e com um inspector que recolhiam á respectiva secção.

"O inspector e os dois policiaes acompanharam-n'a, e apesar da resistencia do dono da casa, entraram no recinto em que fôra visto Mister Saint-Clair, mas já não o encontraram. Na realidade não havia pessoa alguma naquelle andar, a não ser um desgraçado, enfermo e de aspecto repellente, que morava alli.

Tanto elle como o Lascar juravam por tudo quanto havia, que naquella tarde, a não serem elles, ninguem tinha posto o pé no dito quarto.

O inspector, despersuadido, ficou crente em que houvera equivoco da parte de Mistress Saint-Clair.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2-4136
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON-FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

"Vers la Joie" ..

parfum de grand luxe

[illegible] creação de Rigaud, exerce uma attracção imperiosa — a belleza envolvida em "Vers la Joie" o encanto original e distincto que o perfuma

RIGAUD

16 rue de la Paix
paris

E. CHARLES VAUTELET, Agent — 20, Rua do Mercado — Rio de Janeiro

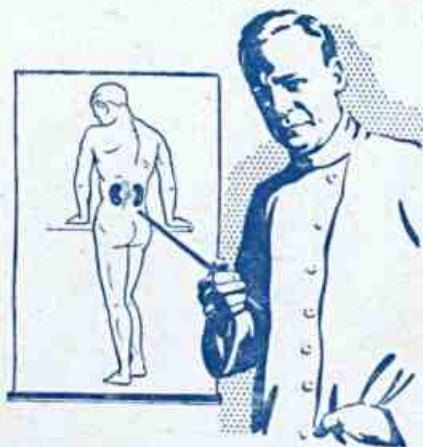
Desordens dos Rins

O exito de nossa cruzada contra DESORDENS DOS RINS deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos.

Os symptomas de Desordens dos Rins pódem ser entre outros: pontadas agudas na região dos rins, dôr chronica nas costas, sensação de cansaço durante o dia, unida á impossibilidade de lograr um descanso reparadôr durante a noite, tendo como consequencia um estado de completo esgotamento physico.

Até para se inclinar é um esforço penoso e torna-se impossivel endireitar-se sem sentir dôres agudas nas costas. Estes symptomas indicam a possivel existencia de certos venenos no sangue, que deveriam ser eliminados para obter allivio.

Se este excesso de bacterias ou venenos não se elimina do organismo, é arrastado pela circulação do sangue e depositado nas juntas e musculos, podendo dar origem a enfermidades taes como Rheumatismo, Lumbago, Desordens da Bexiga e dos Rins. As Pilulas De Witt fortalecem os rins e restabelecem o seu bom funccionamento.

Lembre-se que este medicamento gosa de bôa reputação desde ha mais de 40 annos e a formula está impressa sobre a caixa. E' provavel que o seu medico a conheça. Se deseja obter allivio, não espere mais. Envie-nos AGORA o coupon abaixo e receberá um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA

GRATIS
Fornecimento para experiencia das
PILULAS De WITT
para os Rins e a Bexiga

PILULAS
DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

• *Pódem experimentar-se em casos de*

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

• *todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.*

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 150),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza
Mandar em enveloppe aberto sello 20 r.

Perfumes
1001
N.º 1001
AGUA DE COLONIA
N.º 1001
A chave do Paraizo...
Fabricação de
ERNESTO VASCONCELOS PEREIRA
Rua Alfandega, 85 — Caixa Postal, 2968 — Rio de Janeiro